

Faculdade Canção Nova

Rosa Maria Dilelli Cruvinel

**O protagonismo do Espírito Santo na encíclica *Dominum et Vivificantem* de
São João Paulo II: sua missão na Igreja e no Mundo**

Cachoeira Paulista

2021

Faculdade Canção Nova

Rosa Maria Dilelli Cruvinel

**O protagonismo do Espírito Santo na encíclica *Dominum et Vivificantem*
de São João Paulo II: sua missão na Igreja e no Mundo**

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado
como exigência parcial para obtenção do grau de
bacharelado em Teologia na Faculdade Canção
Nova sob a orientação do Prof. Dr. Pe. Roberto
Marcelo da Silva.

Cachoeira Paulista
2021

Dedico este trabalho de pesquisa à minha família: especialmente aos meus pais

(in memoriam): Nicola Dilelli, Araci Galdino Dilelli.

Ao meu amado esposo Cicero Cruvinel.

A família Cruvinel e a família Dilelli.

Aos meus irmãos: Fábio Dilelli, Yara Dilelli Lupepsa, Paulo Cesar Dilelli, Alexandre Dilelli.

Aos meus colegas da primeira turma do curso de teologia da Faculdade Canção Nova,
iniciada no ano de 2018: Adelaide da Fonseca Neves, Áurea Silva dos Santos,
Cássia Duarte Leal, Francisco de Assis Amaral de Souza, Graciane Apolônio da Silva,
Gleidson de Souza Carvalho, Ivonise do Espírito Santo Cerqueira, Mariângela Silva,
Odete Maria da Silva dos Santos, e Valdinei Alves de Lima.

Aos meus irmãos da Comunidade Canção Nova a qual pertencço.

Com gratidão e amor filial, ao Monsenhor Jonas Abib,
ao casal Luzia de Assis Ribeiro Santiago e Wellington Silva Jardim.

Por fim, dedico a todos meus irmãos em Cristo filhos da Igreja, especialmente
à Renovação Carismática Católica.

A todos, meu amor fraterno em Cristo!

Agradeço, primeiramente, a Deus, Senhor que dá a vida.

A São João Paulo II pelo seu testemunho de vida.

Meus sinceros agradecimentos ao querido e sábio mestre
e coordenador deste curso Prof. Dr. Lino Rampazzo.

Ao orientador deste trabalho de pesquisa que com sua sabedoria e capacidade pedagógica conduziu o trabalho de maneira eficiente e amigável, contribuindo de forma muito positiva neste tempo da minha vida acadêmica, o Prof. Dr. Padre Roberto Marcelo da Silva.

Agradeço, também, a todo o corpo docente da Faculdade Canção Nova,
nas pessoas dos estimados mestres: Prof. Me. Denis Duarte, Prof. Me. Élcio Henrique dos Santos, Prof. Dr. Marcelo Pereira de Andrade, Prof. Me. Marcius Tadeu Maciel Nahur, Prof. Me. Rodolfo Anderson B. de Aquino, Prof^a. Me. Patrícia Corrêa, Prof. Me. Padre Ademir Pereira da Costa, Prof. Dr. Padre Anderson Marçal, Prof. Me. Padre Alex José Adão, Prof. Me. Padre Rodrigo Fernando Alves, Prof. Dr. Padre Wagner Ferreira.

Agradeço, ainda, a todos os colaboradores da Faculdade Canção Nova.

Veni Creator Spiritus

*Vinde Espírito Criador, a nossa alma visitai
e enchei os corações com vossos dons
celestiais.*

*Vós sois chamado o Intercessor de Deus
excelso dom sem par,
a fonte viva, o fogo, o amor, a unção divina e
salutar.*

*Sois o doador dos sete dons e sois poder na
mão do Pai,
por Ele prometido a nós, por nós seus feitos
proclamai.*

*A nossa mente iluminai, os corações enchei de
amor,
nossa fraqueza encorajai, qual força eterna e
protetor.*

*Nosso inimigo repeli, e concedei-nos a vossa
paz,
se pela graça nos guiais, o mal deixamos para
trás.*

*Ao Pai e ao Filho Salvador, por vós possamos
conhecer*

*que procedeis do Seu amor, fazei-nos sempre
firmes crer.*

Amém!

RESUMO

Esta pesquisa objetivou apresentar como acontece o protagonismo do Espírito Santo em sua missão na Igreja e no mundo a partir da Encíclica *Dominum et Vivificantem* de São João Paulo II. Apresentará a identidade e a missão do Espírito Santo a partir da sua relação na Trindade, e a inter-relação entre a missão de Jesus e a missão do Espírito, objetivando levar a um encontro pessoal com o Espírito Santo. Visa sublinhar a dupla missão do Espírito na obra de convencer quanto ao pecado em ordem à salvação. Enfim, indicará a importância do Espírito Santo para a vida do homem e para uma frutuosa ação evangelizadora da Igreja. O resultado da pesquisa apresenta que a pneumatologia do papa João Paulo II está fundamentada na Trindade. E que a identidade e a missão do Espírito Santo são intrinsecamente unidas. Revela o protagonismo do Espírito da Verdade que ilumina as consciências, convence do pecado e como Espírito Consolador, comunica a salvação mediante uma efusão de amor ao coração arrependido dando a graça da vida nova. Perpetua assim a obra redentora de Cristo a partir do interior dos corações. Por fim, evidencia-se o protagonismo do Espírito Santo no tempo da Igreja, após Pentecostes, onde Ele continua a obra da Redenção, novo princípio da autocomunicação de Deus uno e trino, por meio da sua Igreja sacramento universal da salvação e mediante a Igreja no mundo. A pesquisa explana a perspectiva missionária da pneumatologia de São João Paulo II presente na Encíclica *Dominum et Vivificantem*, para aprofundar a temática são utilizadas também algumas catequese, audiências, homilias e outros documentos.

Palavras-chave: Espírito Santo; Missão; Igreja; *Dominum et Vivificantem*; Papa João Paulo II.

ABSTRACT

The goal of this research is to show how the role of the Holy Spirit takes place in His mission in the Church and in the world based on Saint John Paul II *Dominum et Vivificantem* Encyclical. It will show the identity and the mission of the Holy Spirit based on His relationship in the Trinity, and His inter-relationship between the mission of Jesus and the mission of the Spirit whose goal was to take to a personal encounter with the Holy Spirit. It stresses the double mission of the Spirit in the work of convincing as to sin in the order of salvation. Anyway, it will show the importance of the Holy Spirit for man's life and for a fruitful evangelising activity of the Church. The result of the research shows that the pneumatology of Saint John Paul II is grounded in the Trinity. The identity and the mission of the Holy Spirit are intrinsically united. It reveals the role of the Spirit of Truth that enlightens the consciences; it convinces of sin and as the Consoling Spirit He announces the immediate salvation through an outpouring of love to the repented heart giving him the grace of a new life. This way Christ's redeeming work will be going on from within the hearts. Finally, the role of the Holy Spirit stands out through time in the Church after Pentecost, where He continues the work of Redemption, new principle of the self-communication of the Three-in-One -God, through his Church, universal sacrament of salvation and through the Church in the world. The research explains the missionary perspective of the pneumatology present in *Dominum et Vivificantem* Encyclical and some catechises, general audiences and other documents are used to deepen the subject.

Key words: Holy Spirit; Mission; Church; *Dominum et Vivificantem*; John Paul II.

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO	9
CAPÍTULO I - O ESPÍRITO DO PAI E DO FILHO DADO À IGREJA	10
1.1 A Encíclica <i>Dominum Et Vivificantem</i>	10
1.2 A comunicação salvífica de Deus uno e trino no Espírito Santo.....	16
1.3 A ligação entre a missão de Jesus e a do Espírito de Deus.....	25
1.4 O Espírito Santo protagonista da evangelização em Pentecostes	33
CAPÍTULO II - O ESPÍRITO QUE CONVINCE QUANTO AO PECADO EM ORDEM À SALVAÇÃO	39
2.1. Que convence o mundo quanto ao pecado, a justiça e o juízo.....	39
2.2 A realidade original do pecado e o Espírito no tríplice múnus de Cristo	44
2.3 O Espírito que revela a verdade e o pecado contra o Espírito Santo	53
CAPÍTULO III - O ESPÍRITO QUE DÁ A VIDA E IMPULSIONA A MISSÃO DA IGREJA	56
3.1 A Missão do Espírito e de Maria no dom do Filho Incarnado.....	56
3.2 A missão do Espírito no homem interior	60
3.3 O Espírito impulsiona a missão na Igreja	64
CONCLUSÃO	73
REFERÊNCIAS	74

LISTA DE SIGLAS

AG - Ad Gentes (Decreto do CVII sobre a atividade missionária)

CIC - Catecismo da Igreja Católica (Catechismus Catholicae Ecclesiae)

CTI - Comissão Teológica Internacional

DAS - Divini Amoris Scientia (Carta Apostólica sobre Santa Teresa do Menino Jesus e da Santa Face é proclamada Doutora da Igreja).

DV - Dei Verbum (Constituição Dogmática do CVII sobre a revelação divina)

DIM - Divinum Illud Munus (Carta Encíclica sobre a presença e virtude admirável do Espírito Santo)

DeV - Dominum et Vivificantem (Carta Encíclica sobre o Espírito Santo na vida da Igreja e do Mundo)

DZ - Denzinger (Compêndio dos símbolos, definições e declarações de fé e moral)

EEA - Ecclesia in América (Exortação Apostólica Pós-Sinodal sobre o encontro com Jesus cristo vivo caminho para a conversão, a comunhão e a solidariedade)

EE - Ecclesia de Eucharistia (Carta Encíclica sobre a Eucaristia na sua relação com a Igreja)

EG - Evangelii Gaudium (Exortação Apostólica sobre o anúncio do Evangelho no mundo atual)

EN - Evangelii Nuntiandi (Exortação Apostólica sobre a evangelização no mundo contemporâneo)

GS - Gaudium et Spes (Constituição Pastoral do CVII sobre a Igreja no mundo atual)

HS - Humanae Salutis (Constituição Apostólica para a convocação do *Concílio Vaticano II*)

LG - Lumen Gentium (Constituição Dogmática do CVII sobre a Igreja)

NMI - Novo Millennio Ineunte (Carta Apostólica No Termo Do Grande Jubileu Do Ano 2000)

RH - Redemptoris Hominus (Carta Encíclica)

RMA - Redemptoris Mater (Carta Encíclica sobre a Bem-Aventurada Virgem Maria na vida da Igreja que está a caminho)

RM - Redemptoris Missio (Carta Encíclica sobre a validade permanente do mandato Missionário)

TMA - Tertio Millennio Adveniente (Carta Apostólica sobre a preparação para o Jubileu do ano 2000)

UR - Unitatis Redintegratio (Decreto do CVII sobre o ecumenismo)

INTRODUÇÃO

Deus Amor se autocomunica ao homem na história. Toda obra de Deus da criação à redenção em sua beleza, bondade e verdade é um dom do amor do Criador e uma autocomunicação daquilo que Ele é ao homem.

A partir desta premissa, a pesquisa objetiva apresentar como acontece o protagonismo de Espírito Santo à luz da carta Encíclica *Dominum et Vivificantem* de São João Paulo II: sua missão na Igreja, e mediante a Igreja no mundo.

O grande São João Paulo II, “peregrino do Amor”, abraçado pelo povo brasileiro como “João de Deus”. Batizado com o nome de Karol Józef Wojtyła, nasceu em 1920 em Wadowice, na Polônia. Foi ordenado sacerdote em 1946, no meio de um contexto social de ditadura de regime totalitário. Foi ordenado Bispo em 1958, e cardeal em 1967 por Paulo VI. Participou em todas as sessões do Concílio Vaticano II e de dois conclaves, antes daquele no qual foi eleito Papa em 1978, e morreu após longo período de enfermidade em 2005.

De personalidade carismática este peregrino do amor, testemunha fiel da fé da Igreja de intensíssima vida missionária e vasto conteúdo em seu magistério pontifício, deixando uma riquíssima e inesgotável herança para a Igreja. O seu ensino é atualíssimo; especialmente os temas referentes à liberdade religiosa e aos direitos do homem que foram constantes em seu Magistério. No tempo presente, marcado com ideologias profundamente materialistas e ateias, mostra-se urgente e necessário levar a luz do conhecimento do Espírito Santo, a fim de que, como Mestre e Senhor, desperte a fé e a esperança dos cristãos que estão angustiados com as dores do tempo presente e não experimentam a presença deste Espírito Consolador.

Com este fim, o texto apresentará em primeiro lugar, a identidade e missão do Espírito Santo a partir da sua relação “ad intra” na Trindade, a inter-relação entre a missão do Filho divino e a missão do Espírito na economia da salvação e a missão do Paráclito a partir de Pentecostes. Em seguida abordará a função do Espírito que como Mestre da Verdade e Consolador convence o homem e o mundo quanto ao pecado da não fé em Jesus Cristo, em ordem a comunicar a salvação. Por fim, tratará sobre como acontece o protagonismo do Espírito Santo em sua missão na Igreja e mediante ela no mundo.

A presente pesquisa apresentará a perspectiva missionária da pneumatologia do papa João Paulo II na Encíclica *Dominum et Vivificantem*. Para isto utilizará também algumas catequeses, audiências, homilias e outros documentos referentes ao pensamento pneumatológico do Santo Pontífice.

CAPÍTULO I - O ESPÍRITO DO PAI E DO FILHO DADO À IGREJA

Este primeiro capítulo iniciará com a apresentação da encíclica *Dominum et vivificantem*, abordando o seu contexto histórico, que é o grande Jubileu, apresentado como momento de fazer memória do passado, como uma “profecia para o futuro” e um convite a se lançar na evangelização no tempo presente (NMI, 1).

Apresenta a seguir a revelação da Trindade, Deus Pai, Deus Filho, e Deus Espírito Santo que em sua unidade indivisa se manifesta como a verdadeira e grande protagonista da missão da Igreja em sua ação no mundo. Explana que a história da salvação é realizada pela Trindade dentro de um único plano salvífico. No Antigo Testamento se autocomunica a partir da criação, no decurso da Antiga Aliança, no Novo Testamento se manifesta e realiza seu plano salvífico por meio do Filho divino em unidade de missão com o Espírito Santo.

No tempo da Igreja, a partir de Pentecostes, o Espírito é o grande protagonista que como Mestre perpetua a missão redentora de Cristo na Igreja e mediante a Igreja no mundo.

1.1 A Encíclica *Dominum Et Vivificantem*

Na solenidade de Pentecostes, em 18 de maio de 1986, ao final da oração da *Regina Caeli* o papa João Paulo II anunciou que viria a publicar uma Carta Encíclica sobre o Espírito Santo, e que seu nome iniciaria com as palavras presentes no Credo Niceno - Constantinopolitano: “*Dominum et vivificantem*” (“Senhor e doador da vida”). Este documento, segundo ele teve como “ponto de partida e inspiração”, as encíclicas precedentes “*Redemptor Hominis*” (1979), dedicada ao Filho; e a “*Dives in Misericordia*” (1980), dedicada ao Pai, as três encíclicas juntas formam uma “trilogia trinitária” sobre o mistério da Trindade (JOÃO PAULO II, 1986).

Desde o seu primeiro documento que João Paulo II fala explicitamente do grande Jubileu¹, convidando a viver o período de espera como um novo advento. As três encíclicas possuem o mesmo contexto e objetivo, entretanto o Papa aborda mais amplamente o tema do Jubileu na Encíclica *Dominum et vivificantem*. “De fato, a preparação do ano 2000 torna-se

¹Raniero Cantalamessa, em 1998, mostra o Espírito Santo unido ao Jubileu do Ano 2000, afirma que o Jubileu é um acontecimento espiritual, sobretudo porque foi pelo poder do Espírito Santo que o Verbo se encarnou no seio da Virgem Maria. Reafirma seu pensamento quanto ao Espírito criador, expondo o que dizia Santo Ambrósio: “Não podemos duvidar de que é criador aquele Espírito que sabemos ser o autor da encarnação do Senhor”. É Ele – com o Pai – o grande protagonista deste momento da história. Em certo sentido, o Jubileu de 2000 é quase mais uma festa do Espírito Santo do que de Jesus. (CANTALAMESSA, 2014, p. 17-18).

quase sua chave hermenêutica” disse o papa ao tratar destas *encíclicas* na carta Apostólica *Tertio Millennium Adveniente* (TMA, 23).

A carta que encerra a trilogia difere das anteriores, cujo conteúdo já havia sido maturado anteriormente ao papado, disse o papa e acrescentou que esta carta estudada: “Cresceu na meditação do Evangelho de São João, sobretudo sobre o que Jesus dissera durante a Última Ceia: foi precisamente naquelas últimas horas da sua vida mortal que Ele nos deu a revelação talvez mais completa do Espírito Santo” (JOÃO PAULO II, 2005, p.15-16).

A presente Encíclica nascida após o *Concílio Vaticano II*, reacendeu uma nova percepção da importância do Espírito Santo na Igreja, como diz de Beni dos Santos: “O Vaticano II inaugurou um novo período da história da Igreja, e o renascimento da fé no Espírito Santo é o acontecimento principal deste período” (SANTOS, 1998, p.23).

João Paulo II, em sua percepção de bom pastor escreve esta carta objetivando um maior aprofundamento sobre o Espírito Santo e responder aos anseios do coração dos homens, que segundo ele:

A Igreja julga ver renascerem nos tempos atuais (...). Uma nova descoberta de Deus na sua transcendente realidade de Espírito infinito, segundo apresentação feita por Jesus à Samaritana; a necessidade de adorá-lo “em espírito e verdade”; a esperança de encontrar nele o segredo do amor e a força de uma “nova criação”: sim, precisamente Aquele que dá a vida (DeV, 2).

Para entender este contexto é interessante o que disse Bento XVI sobre este momento da Igreja: Ele afirmou que houve diferentes fenômenos, primeiro com um encontro com a teologia das Igrejas do Oriente de busca de um alargamento do horizonte teológico à presença do Espírito Santo. Na prática concreta, foi importante o surgimento fenômeno do pentecostalismo, nascido no mundo protestante, sob a forma do movimento de Renovação Carismática na Igreja Católica (BENTO XVI 1999 apud CANTALAMESSA 2014, p. 13).

Entende-se, portanto que o papa nesta encíclica responde a uma necessidade do seu tempo. Por isso, ele afirma que a Igreja sente-se chamada para a missão de anunciar o Espírito. Percebe-se que ele crê na potência do Espírito divino para empreender a missão, em vista de preparar a Igreja para o Jubileu, pois disse na *Redemptoris Missio*: “é o Espírito que impele a anunciar as grandes obras de Deus” (RM, 1).

Neste contexto de final de milênio em que se mostrava a transitoriedade terrena, é que João Paulo II fala que a Igreja é sempre consciente de quão indispensáveis são as Palavras de Cristo, pois que elas “não hão de passar” (Mt 24, 35). Ainda mais imprescindíveis são as

palavras de Cristo sobre o Espírito Santo, pois elas são “fonte inexaurível da água que jorra para a vida eterna” (Jo 4, 14) (DeV, 2).

Percebe-se, a partir destas reflexões acima, um ponto fundamental que responde em certo sentido a problemática levantada nesta pesquisa, sobre como acontece o protagonismo do Espírito Santo na missão da Igreja. A primeira resposta é que o Espírito Santo se manifesta como uma resposta a uma necessidade do povo de Deus. Outra resposta presente neste documento de cunho pneumatológico, está precisamente na unidade entre a missão de Cristo, do Espírito e da Igreja. Ou seja, o Espírito realiza o seu protagonismo na missão da Igreja em unidade com Cristo. Confirma-se isto, quando o papa diz que: “A missão não se baseia na capacidade humana, mas na força de Cristo ressuscitado (...). A missão da Igreja, tal como a de Jesus, é obra de Deus, ou, usando uma expressão frequente em S. Lucas, é obra do Espírito Santo” (RM, 23-24).

Este mesmo pensamento trouxe Leão XIII na *Divinum Illud Munus* ao dizer: A missão que Cristo recebeu do Pai, depois de concluída por Ele, foi em seguida delegada ao “Espírito Santo a realização definitiva da incumbência recebida do Pai” (DIM, 1-2).

Na encíclica, objeto do estudo, João Paulo II desenvolve amplamente esta íntima relação entre a missão do Filho e a missão do Espírito. Com clareza de intenção, ele fala que este documento não tem a pretensão de esgotar toda a riquíssima doutrina sobre o Espírito Santo, nem pretende oferecer solução de questões ainda em aberto (DeV, 2). Entretanto Cantalamessa fala da grande contribuição que São João Paulo II deu com a encíclica “*Dominum et vivificantem*” e com o congresso internacional de Pneumatologia no Vaticano, em 1982, cujas atas foram publicadas pela Livraria Editora Vaticana, em dois grandes volumes intitulados “*Credo in Spiritum Sanctum* (CANTALAMESSA, 2016, n.1).

Nota-se também a grandeza desta encíclica pelo testemunho dado pelo papa Bento XVI, que vê o grande papa São João Paulo II entre aqueles que se tornaram pela ação do Espírito “tradutores” de Cristo, assim ele atesta:

No decurso de toda a história, existiram continuamente tais ‘traduções’ do caminho de Jesus em figuras históricas vivas, com certeza o Papa João Paulo II, que, na ação e no sofrimento, nos serviu de exemplo na configuração a Cristo, como ‘dom e mistério’ (...). Todos sentimos necessidade de um auxílio para a transmitir retamente no presente, de modo que toque verdadeiramente o nosso coração. Este auxílio encontramos-lo, em primeiro lugar, na palavra da Igreja docente: os textos do *Concílio Vaticano II* e o Catecismo da Igreja Católica são os instrumentos essenciais que nos indicam, de maneira autêntica, aquilo que a Igreja acredita a partir da Palavra de Deus. E naturalmente faz parte de tal auxílio todo o tesouro dos documentos que o Papa João Paulo II nos deu e que está ainda longe de ser cabalmente explorado. (BENTO XVI, 2012).

A encíclica percorre este caminho dos documentos apontados pelo papa emérito Bento XVI. João Paulo II diz que a encíclica “proveio das profundezas da herança” do Vaticano II. Por isto, ela expõe a mesma fé, na Pessoa do Espírito Santo, que a Igreja professa no Concílio, a saber: O Espírito Santo é “Senhor que dá a vida”². Assim se proclama no Símbolo da Fé, chamado Niceno-Constantinopolitano, cujo nome provém da junção do nome dos dois Concílios; o de Niceia (de 325) e o de Constantinopla (de 381). Neste concílio se acrescentou que o Espírito Santo “falou pelos Profetas”. Esta fé professada pela Igreja no Espírito Santo tem sua origem na pessoa de Jesus Cristo, afirma o papa (DeV, 2).

Esta encíclica foi dedicada ao Espírito Santo pelo papa João Paulo II, onde se desenvolve uma profunda reflexão do Evangelho de São João. Nela se destaca que Jesus revela a pessoa do Espírito como “Aquele que dá a vida” e no texto sobre a Festa dos Tabernáculos são feitos, o anúncio e a promessa, de que o Espírito Santo nos é dado com a vida nova (Cf. Jo 7,37s): “Quem tem sede, venha a mim; e beba quem crê em mim. Como diz a Escritura, do seu seio fluirão rios de água viva”. Isto é esclarecido pelo próprio Evangelista ao dizer que: “Jesus dizia isso referindo-se ao Espírito, que haveriam de receber os que n’Ele acreditassem” (Jo 7,39).

Esta mesma analogia da água é adotada por Jesus no diálogo com a Samaritana ao dizer de: “uma nascente de água a jorrar para a vida eterna” (Jo 4,14). E no diálogo de Jesus com Nicodemos (Cf. Jo 3,5) que diz que: é necessário um novo nascimento “pela água e pelo Espírito” para “entrar no Reino de Deus”, afirma o papa (DeV, 1).

A partir destes textos este documento indica as fontes da fé professada pela Igreja na Pessoa do Espírito Santo, a saber: as Palavras de Cristo, a experiência do Pentecostes e a sua própria “história apostólica”. Lembra que a Igreja desde o seu início proclama “a sua fé no Espírito Santo, como n’Aquele que dá a vida, Aquele no qual o imperscrutável Deus uno e trino se comunica aos homens, constituindo neles a nascente da vida eterna”, reitera o Pontífice. Ele acrescenta que esta fé professada pela Igreja na Pessoa do Espírito Santo precisa ser incessantemente “reavivada e aprofundada na consciência do Povo de Deus”, expressa João Paulo II (DeV,2).

Com isto, percebe-se o quanto é relevante esta temática para a Igreja e para o mundo. Neste sentido, ele cita na trajetória da Igreja o trabalho realizado por outros papas, que

²O Concílio de Constantinopla (...) a quem se deve o “Credo” que constantemente é recitado na Liturgia. E uma herança particular de tal Concílio é a doutrina sobre o Espírito Santo, que é proclamada na liturgia latina nestes termos: “Creio no Espírito Santo, Senhor que dá a vida... e com o Pai e o Filho é adorado e glorificado: Ele que falou pelos Profetas” (A CONCILIO CONSTANTINOPOLITANO I, 1981, n.1).

dedicaram documentos específicos sobre o Espírito Santo:³

Desde Leão XIII que promulgou a Carta Encíclica *Divinum Illud Munus* (a.1897), inteiramente dedicada ao Espírito Santo, a Pio XII, que na Encíclica *Mystici Corporis* (a.1943) se referiu de novo ao Espírito Santo como sendo princípio vital da Igreja, na qual opera conjuntamente com a Cabeça do Corpo Místico, Cristo, até ao Concílio Ecumênico Vaticano II, que fez notar a necessidade de uma renovada atenção à doutrina sobre o Espírito Santo, como acentuava o Papa Paulo VI: “À cristologia e especialmente à eclesiologia do Concílio deve seguir-se um estudo renovado e um culto renovado do Espírito Santo, precisamente como complemento indispensável do ensino conciliar” (DeV, 1-2).

O sucessor de Pedro reafirma o chamado à fé da Igreja “antiga” e ao mesmo tempo sempre “nova”, e a fim de que se aproxime do “Espírito Santo como Aquele que dá a vida” (DVI, 2). Poder-se-ia perguntar qual vida é esta que o Espírito Santo dá? A Igreja responde “trata-se da vida divina” daquela vida cuja fonte é o Pai, uma vida que se ‘manifestou a nós’ (1 Jo 1,2) e comunicada aos fiéis em seu renascimento batismal” (CANTALAMESSA, 2014, p.163).

A presente encíclica, portanto, seguindo a herança conciliar apresenta a identidade e missão do Espírito Santo a partir da sua relação na vida íntima na Trindade⁴. Ratzinger faz uma espetacular apresentação deste desenvolvimento da cristologia e pneumatologia a partir do *Concílio vaticano II*, na apresentação da obra *Vem, Espírito Criador*, onde afirma que: “O vaticano II, muda a visão da Encarnação, como centro de toda a teologia para “uma imagem da Encarnação mais moldada a partir da Páscoa”, e apresenta “consolidada uma abertura trinitária da cristologia”, que igualmente se iria aplicar no Catecismo da Igreja Católica (RATZINGER, 1999 apud CANTALAMESSA, 2014, p. 11-12).

Isto claramente se percebe no texto conciliar da Constituição dogmática sobre a Igreja *Lumen Gentium* no número 4, a saber:

O Espírito Santo que procede do Pai e do Filho e com o Pai e o Filho é adorado e glorificado: Pessoa divina, Ele está no coração da fé cristã e é a fonte e a força dinâmica da renovação da Igreja (...). Os textos conciliares, efetivamente, em virtude do seu ensino sobre a Igreja em si mesma e sobre a Igreja no mundo, estimulam-nos a perscrutar cada vez mais o mistério trinitário do próprio Deus, seguindo o

³ Yves Congar faz uma apresentação do papel do Espírito Santo e sua relação com a Igreja. Declara que: “Uma pneumatologia completa não separa a ação do Espírito da obra de Cristo. Uma pneumatologia completa é a atualidade daquilo que o Senhor glorioso e seu Espírito realizam na vida da Igreja segundo a imensa variedade de suas formas através dos lugares e dos tempos. [Congar traz a concepção de Nikos Nissiotis que afirma] Uma verdadeira pneumatologia é aquela que descreve e comenta a vida na liberdade do Espírito e na comunhão concreta da Igreja histórica cuja essência não está nela mesma nem em suas instituições. O *Concílio Vaticano II* assumirá essa pneumatologia” (CONGAR, 2005, p.206-207).

⁴Hilberat fala desta arrancada conciliar e acrescenta à reflexão sobre a temática a época posterior ao concílio, onde fala desta dimensão pneumático-trinitária presente nos textos do magistério eclesial (Cf. encíclica *Evangelii nuntiandi* de 1975, n.75, no capítulo III da encíclica sobre a missão *Redemptoris Missio* de 1990 e na correspondente encíclica *Dominus et Vivificantem*) (HILBERAT, 2012, p.472-473).

itinerário evangélico, patrístico e litúrgico: ao Pai — por Cristo — no Espírito Santo (LG, 4).

Este itinerário acima proposto pela *Lumen Gentium* é seguido pelo papa na Encíclica. De acordo com o pensamento patrístico presente no Catecismo da Igreja Católica no número 386, que trata sobre os fundamentos dos Padres da Igreja no desenvolvimento do estudo do mistério da Trindade, onde se afirma que:

Distinguem entre “*Theologia*” e “*Oikonomia*”, designando pelo primeiro termo o mistério da vida íntima de Deus-Trindade e, pelo segundo, todas as obras de Deus pelas quais Ele Se revela e comunica a sua vida. É pela “*Oikonomia*” que nos é revelada a “*Theologia*”; mas, inversamente, é a “*Theologia*” que esclarece toda a “*Oikonomia*”. As obras de Deus revelam quem Ele é em Si mesmo: e, inversamente, o mistério do seu Ser íntimo ilumina o entendimento de todas as suas obras. Analogicamente, é o que se passa com as pessoas humanas. A pessoa revela-se no que faz, e, quanto mais conhecemos uma pessoa, tanto melhor compreendemos o seu agir (CIC, 386).

Com isto, entende-se que se chega à revelação da Trindade por meio da investigação do “ser e do agir” das pessoas divinas, pois pela análise da obra se revela o autor e vice-versa. João Paulo II explana na encíclica esta concepção de que o ser de cada Pessoa divina se revela por meio das suas “relações” (ad intra), isto na “vida íntima de Deus-Trindade”. Do mesmo modo, acontece com a Trindade que se manifesta (ad extra) na criação em todas as Suas ações na economia da salvação. Na história da teologia se percebe esta relação intrínseca entre ontologia e soteriologia, ou seja, entre o ser e o agir de Cristo⁵, e foi justamente para oferecer um “fundamento seguro à ação salvífica de Cristo” que os Padres da Igreja, afirmaram a fórmula de Calcedônia, a qual atesta que: “Jesus é uma pessoa em duas naturezas, ou Deus e homem em uma só pessoa”. Isto foi feito, pois a soteriologia exigiu a ontologia, afirma Cantalamessa (CANTALAMESSA, 1997, p.170).

Observa-se no documento a perspectiva da eclesiologia de comunhão que segundo Hackmann “une dois aspectos que, via de regra, são entendidos separadamente: o teológico e o pastoral, a comunhão e a missão. A partir do modelo da unidade da Trindade, a Igreja vive a comunhão interna (sua essência) e a promove externamente (a missão)” (HACKMANN,

⁵Hans Urs Von Balthasar desenvolve esta “cristologia da missão”, cuja tese central é a coincidência na pessoa do Cristo entre ser e missão: Cristo é aquele que é, pelo caráter de sua missão; ele é ontologicamente o enviado. A coincidência entre ser e missão no Cristo é expressa teoricamente pelo conceito de “impensabilidade” da missão de Cristo. Isto significa o seguinte: normalmente alguém recebe uma tarefa ou dela se encarrega, e depois a realiza, sendo que podia muito bem realizar outra: neste caso, a tarefa ou a missão é pensável antes “prensável” e realizável depois como uma das possibilidades da pessoa. Isto vale também para os profetas do Antigo Testamento, cuja missão não coincide com a sua personalidade. Mas no caso de Cristo (aliás único) sua missão é impensável antes como uma das possibilidades a ser realizada depois: a missão é impensável enquanto ontologicamente coincide com sua personalidade. A identidade da pessoa de Cristo e sua missão (impensabilidade da missão) constitui a “personagem” dramática do Cristo. (BALTHASAR, 1978 apud GIBELLINI, 2012, p. 247-248).

2013, p. 93).

O *Concílio Vaticano II* fixou no fundamento trinitário, os princípios doutrinários acerca da evangelização, posto que o ser e o agir da Igreja vinculam-se mutuamente, assim como acontece na Trindade, isto se vê no decreto *Ad Gentis*:

A Igreja peregrina é, por sua natureza, missionária, visto que tem a sua origem, segundo o desígnio de Deus Pai, na “missão” do Filho e do Espírito Santo. Este desígnio brota do “amor fontal”, isto é, da caridade de Deus Pai, que sendo Princípio sem Princípio de quem é gerado o Filho e de quem procede o Espírito Santo (*AG*, 2).

Percebe-se, com isto que a encíclica segue este princípio, acima citado e que a finalidade principal da encíclica é indicar a missão da Igreja, como apresentada pela *Lumen Gentium*, no número 17, desenvolvendo a consciência de que a Igreja “é impelida pelo mesmo Espírito Santo a cooperar para que se realize o desígnio de Deus, que constituiu Cristo princípio de salvação para o mundo inteiro” (LG, 17).

É perceptível, também, que o Pontífice tem no mistério trinitário o fundamento da sua própria noção de evangelização. Por isto, ele apresenta os elementos pneumatológicos que na dinâmica trinitária servem de embasamento para considerar o Espírito Santo como protagonista da evangelização (DeV, 3), (RM,7).

1.2 A comunicação salvífica de Deus uno e trino no Espírito Santo

O discurso sobre o Espírito Santo se realiza a partir da Escritura, daquilo que se sabe ter sido por ele realizado nos primórdios da fé. É interessante perceber como a comunidade cristã primitiva desenvolveu a compreensão da fé na Trindade:

Segundo algumas teorias, isso aconteceu graças a influência determinante do helenismo, em virtude do qual a trindade seria originariamente, o produto estranho à Bíblia. Mas é completamente falso. A fé trinitária nasce da experiência que os fiéis têm de Deus enquanto Pai, e da experiência que tem de Jesus enquanto Senhor, graças ao Espírito. Ele, ao ensiná-los no íntimo a chamarem a Deus *Abbá*, Pai, e a Jesus Cristo *Kyrios*, Senhor, levou os fiéis a abrirem-se à ideia nova de Deus como comunhão de amor entre o Pai, Filho e Espírito Santo (CANTALAMESSA, 2014, p.520-521).

Percebe-se que esta argumentação acima, sobre a revelação da Pessoa do Espírito Santo e de que a doutrina da Trindade da Igreja primitiva proveio da experiência dos discípulos com Jesus, é a mesma que João Paulo II apresenta na encíclica estudada. Eis o desenvolvimento do texto, a seguir: Na Ceia pascal, Jesus em seu discurso de despedida, sabendo da iminente hora da Sua partida deste mundo, revela o Espírito Santo em sua promessa de que enviaria “outro Consolador” (Cf. Jo 14,16): “Tudo o que pedirdes em meu

nome, eu o farei, para que o Pai seja glorificado no Filho (...). Eu pedirei ao Pai, e Ele vos dará um outro Consolador, para estar convosco para sempre, o Espírito da verdade”. Esta promessa além da revelação da Trindade traz à luz a identidade e a missão do Espírito Santo, a partir da sua relação com Jesus Cristo. Assim explica o papa que: “A este Espírito da verdade que Jesus chama o Paráclito”; *Parákletos* significa: “consolador”, “intercessor” ou “advogado”. Jesus fala que é “um outro” Consolador, um segundo, porque Jesus Cristo, é o primeiro Consolador (Cf 1 Jo 2, 1), sendo o primeiro portador e doador da Boa Nova” (DeV, 3).

O significado do “Outro Paráclito” é explicado por Hilberath, em outro sentido, ele confirma que este outro Paráclito será dado pelo Pai para o tempo após a sua partida de Jesus, isto implica que Jesus é o primeiro Paráclito enviado pelo Pai (cf. 1 Jo 1,21). Entretanto, em sua visão, Jesus é apresentado como Paráclito, na função de intercessor junto ao Pai, que roga pelos pecadores. No contexto joanino “a função do Espírito-Paráclito é outra”; o sentido empregado por João se refere:

Ao advogado e testemunha da verdade no processo entre o revelador Jesus e “o mundo” que não o conhece e persiste na descrença. Isso significa ainda que com a vida do outro Paráclito desponta o tempo posterior a Jesus, mas não nos moldes de uma nova época histórico-salvífica (“era do Espírito”): como sucessor o Espírito tem a posição de representante que recorda as palavras de Jesus (14, 26), dá testemunho dele (15, 26) recebe daquilo que o Filho ganhou do Pai (6,14s). Não se trata, portanto, de uma substituição, mas sim da continuidade da atuação salvífica de Deus (HILBERATH, 2012, p. 438).

É interessante a posição de Yves Congar referente a esse tema do “Outro Paráclito”, para ele pelo “fato do Espírito ser assim sujeito de atos, ser, ao lado de Jesus, ‘um outro Paráclito’ (Jo 14,16) de o texto falar dele no masculino, mesmo depois do termo *Pneuma*, que é neutro, tudo isso dá ao Espírito características pessoais” (CONGAR, 2005, p. 82).

A encíclica desenvolve esta apresentação da identidade pessoal do Espírito Santo, a partir da grande novidade, presente no discurso de despedida de Jesus que é a revelação do Espírito que agirá como Mestre. Isto responde também à problemática desta pesquisa, pois o texto bíblico mostra como age o Espírito Santo em sua missão de Mestre, como se pode verificar a seguir: “Mas o Consolador, o Espírito Santo, que o Pai enviará em meu nome, ele vos ensinará todas as coisas e vos recordará tudo o que eu vos disse” (Jo 14, 26) (DeV, 4).

A ação do Espírito Mestre é explicada na encíclica como uma função de cooperação na obra salvífica iniciada por Cristo:

O Consolador dos Apóstolos e da Igreja, sempre presente no meio deles — ainda que invisível — como mestre da mesma Boa Nova que Cristo anunciou. Aquele “ensinará” (...). E “recordará” significa não só que Ele, da maneira que lhe é própria,

continuará a inspirar a divulgação do Evangelho da salvação, mas também que ajudará a compreender o significado exato do conteúdo da mensagem de Cristo; que Ele assegurará a continuidade e identidade de compreensão dessa mensagem, no meio das condições e circunstâncias mutáveis. (DeV, 4).

Este admirável tema do Mestre interior foi Santo Agostinho que transmitiu à Tradição Católica, ele diz que: Sem a secreta instrução deste Mestre, “as palavras exteriores e o próprio texto sagrado não mostrariam toda a verdade que transmitem”, ele acrescenta que o som das palavras atinge os ouvidos, mas quem ensina é o Mestre que está dentro. Muitos não entendem o sermão, mas há aqueles que a unção fala por dentro, pois “o púlpito daquele que instrui os corações está no céu” (AGOSTINHO, 2005 apud CONGAR, 2005, p. 144b).

Nota-se quão imprescindível é esta ação deste “Mestre interior” para uma eficaz evangelização, o Catecismo fala igualmente que: “É o Espírito Santo que dá aos leitores e aos ouvintes, segundo as disposições dos seus corações, a compreensão espiritual da Palavra de Deus” (CIC, 1101).

Percebe-se, também, que o “Espírito Mestre” como aquele orienta a toda verdade, exerce a importantíssima missão de fazer com que se perpetue sempre na Igreja “a mesma verdade, que os Apóstolos ouviram do seu Mestre”, afirma João Paulo II. O testemunho dos seguidores de Cristo, em palavras e obras, mostra a excelente atuação do Espírito Santo na obra de transmissão da “Boa Nova da Salvação”. Pois “os Apóstolos estarão associados de uma maneira particular ao Espírito Santo” (DeV, 2).

Na encíclica *Redemptor Hominis*, o papa fala dessa missão eclesial onde diz que: “a Igreja, por instituição de Cristo, é guarda e mestra da verdade, para isso foi dotada de uma singular assistência do Espírito Santo, a fim de poder guardá-la fielmente e ensiná-la na sua mais exata integridade (RH, 12). E retoma tal ensinamento na *Redemptoris Missio* ao dizer que a Igreja guiada pelo Espírito exerce a “diaconia da verdade” (RM, 19).

Eis a promessa de Jesus: “Quando vier o Consolador, que eu vos enviarei da parte do Pai, o Espírito da verdade que procede do Pai, ele dará testemunho de mim. E também vós dareis testemunho de mim, porque estais comigo desde o princípio” (Jo 15, 26s). Os Apóstolos testemunhas diretas, oculares, “ouviram” e “viram com os próprios olhos”, “contemplaram”, e até mesmo “tocaram com as próprias mãos” a Cristo (Cf. 1 Jo 1, 1-3; 4,14). Este testemunho humano, “ocular e histórico” a respeito de Cristo andarão unido ao testemunho do Espírito Santo. Jesus mesmo disse: “Ele dará testemunho de mim” explica o papa que:

É no testemunho do Espírito da verdade que o testemunho humano dos Apóstolos encontrará o seu mais forte sustentáculo. E, em seguida, encontrará nele também o

recôndito fundamento interior da sua continuação entre as gerações dos discípulos e dos confessores de Cristo, que se irão sucedendo ao longo dos séculos. [É no testemunho dos Apóstolos que Jesus tem sua] “expressão humana, visível na Igreja e na história da humanidade”. (DeV, 5).

Surge uma nova perspectiva que expõe como o Espírito realiza o seu protagonismo na missão da Igreja, ele faz isto como: “Testemunha de Cristo” e “Mestre da verdade” que guia para toda a verdade. O Espírito Santo realiza isto, sob algumas condições que Jesus afirmou serem necessárias para se entender a sua mensagem e aderir a ela. Condições estas e que só o Espírito Mestre daria a possibilidade de alcançá-las (Cf. Jo 16,12s) (DeV, 5).

A primeira condição é a fé, um dom do Espírito que guia para toda a verdade. Nota-se que a “incapacidade de entender” está ligada ao [escândalo da cruz], e também com tudo o que Jesus Cristo “fez e ensinou” (Cf. At 1, 1). Portanto, a fé⁶ está ligada ao *mysterium Christi*, tal mistério a torna exigente, por isso afirma o papa que:

É a fé que introduz o homem oportunamente na realidade do mistério revelado. O ‘guiar para toda a verdade’ realiza-se, pois, na fé e mediante a fé: é obra do Espírito da verdade e é fruto da sua ação no homem. O Espírito Santo deve ser em tudo isso o guia supremo do homem, a luz do espírito humano. (DeV, 6).

A promessa de Jesus no discurso de despedida mostra a íntima ligação entre o Espírito Santo e Cristo na economia da salvação. É esta união que assegura a transmissão da Boa Nova revelada por Jesus, expõe o Pontífice (DeV, 6). Volta-se ao princípio de que “É o Espírito, portanto, que dá a graça da fé, que a fortifica e a faz crescer na comunidade” (CIC, 1102).

Do mesmo modo afirma Cantalamessa que a nova vida que em Cristo é oferecida ao homem, só se recebe mediante um ato livre da fé, se alcança mediante a obra santificante do Espírito e a fé na verdade (2 Ts 2, 13) (CANTALAMESSA, 2014, 174-175).

O Espírito Santo Paráclito continua no mistério celebrado na liturgia e na atividade missionária da Igreja a obra da fé no Redentor sobre a terra fazendo resplandecer assim, a glória de Cristo. Pode-se, portanto, chamar a evangelização de “ministério de glorificação do Pai e do Filho”. Posto que, o Espírito com sua incessante missão do anúncio salvífico de Cristo, da glória ao Filho e ao Pai (Cf. Jo 16, 15): “Ele glorificar-me-á, porque receberá do que é meu para vo-lo anunciar” (DeV, n.7).

⁶João Paulo II expõe uma característica da sua teologia no qual apresenta a razão unida à fé, como condição para se alcançar o mistério de Deus. A fé e a razão são “duas asas” com as quais “o espírito humano se eleva para a contemplação da verdade”. A fé é aquela que: “se fundamenta no testemunho de Deus e conta com ajuda sobrenatural da graça (...). Iluminada guiada pelo Espírito reconhece na mensagem da salvação a ‘plenitude de graça e de verdade’ (cf. Jo 1,14) que Deus quis revelar na história, de maneira definitiva, por meio do seu Filho Jesus Cristo” (cf. 1 Jo 5, 9; Jo 5, 31-32) (FeR, 9).

Quanto a esse mistério da unidade da ação do Espírito na obra de salvação de Cristo, Congar diz que:

O Espírito não inventa, ele não inova outra economia, ele vivifica carne e as palavras de Jesus (Jo 6,63), ele faz com que sejam lembradas as palavras de Jesus e faz com que toda a verdade penetre nelas: “Ele não fala por si mesmo, mas dirá o que ouvir [...]. Ele me glorificará”, diz Jesus (Jo 16, 13-14). (CONGAR, 2005, p.83).

Percebe-se assim, outra maneira de como o Espírito Santo exerce a sua missão, ou seja: “O Espírito da verdade introduz na verdade plena e glorifica o Filho”, assim expressou Hilberath sobre a obra de glorificação que o Espírito realiza (HILBERATH, 2012, p.439).

Esta concepção é amplamente abortada pelo teólogo Hans Urs Von Balthasar em sua obra chamada “Glória”. Rosino Gebellini expõe esta teologia de Balthasar ao tratar das teologias do século XX:

Com a Ressurreição, o Pai glorifica o Filho, mas por obra do Espírito a glorificação se prolonga na fecundidade da Igreja e dos cristãos (Jo 15, 8: “Meu pai é glorificado quando produzis muito fruto”). Assim, além de ser visível na cruz, a glória de Deus se torna visível também na Igreja e na vida dos cristãos: O homem que crê e ama torna-se “louvor e glória da graça” de Deus (Ef 1,6). A glorificação, tal como realizada pela vida cristã, é mostrada como “apropriação” da graça e como “restituição” do fruto da graça. (BALTHASAR, 1969 apud GIBELLINI, 2012, p. 245).

Atinge aqui a terceira dimensão do itinerário proposto acima, que é a liturgia. Esta obra de glorificação que o Espírito Santo fará na Igreja se dá particularmente na Liturgia. A liturgia está em relação com a obra de comunhão que o Espírito Santo faz na vida íntima da Trindade. Pois “O fruto do Espírito na liturgia é inseparavelmente comunhão com a Santíssima Trindade e comunhão fraterna entre os irmãos” (CIC, 1108).

O *Catecismo* explica a ação específica de cada Pessoa divina na liturgia, a saber: Na liturgia “O Pai é fonte e fim” (CIC, 1077); nela a obra do Filho é sacramental (CIC, 1111); nela o Espírito Santo prepara a assembleia para encontrar-se com Cristo; recorda e manifesta Cristo à fé da assembleia; torna presente e atualiza a obra de salvação de Cristo por meio de seu poder transformador e faz frutificar o dom da comunhão na Igreja (CIC, 1112). Enfim, “Na liturgia o Espírito Santo é pedagogo da fé do povo de Deus” (CIC, 1091).

Com isto, percebe-se que é na liturgia o lugar onde o Espírito Santo realiza o seu protagonismo na missão da Igreja de forma mais plena. Uma vez que a liturgia é obra comum

do Espírito Santo e da Igreja, ambos atuam como promotores de comunhão⁷ e “cooperam para manifestar o Cristo e sua obra de salvação” (CIC, 1099).

No discurso de Jesus na Ceia pascal, põe-se em “evidência claramente a unidade divina e trinitária da fonte” como afirmado acima. Jesus mesmo fala dessa unidade (Cf. Jo 16, 15): “Tudo quanto o Pai tem é meu; por isso eu disse que Ele receberá do que é meu para vo-lo anunciar. Recebendo ‘do que é meu’, Ele vai, por isso mesmo, haurir ‘daquilo que é do Pai’”. Jesus antes do evento pascal, por meio das suas palavras, antecipa as realidades que serão vivenciadas por Ele no evento salvífico, onde completa a autocomunicação de Deus⁸ (DeV, 6-7).

Percebe-se também que o Pai, o Filho e o Espírito Santo são apresentados tendo como fonte de revelação a relação entre “o ser e o agir” de cada uma das Pessoas da Trindade, bem como na relação entre Elas. A encíclica, portanto, parte deste princípio de que a ação revela a identidade do ser, por isto se torna possível identificar se aquilo que se analisa é uma pessoa. Tal ideia pode ser captada na argumentação de Wojtyla:

A ação constitui um momento privilegiado de revelação da pessoa, que nos permite analisar muito adequadamente sua essência e compreendê-la da maneira mais completa. Experimentamos que o homem é pessoa, e estamos convencidos disso porque realiza ações (WOJTYLA, 2014 apud BONFIM, 2017, p.29).

Parte-se desta reflexão tão importante para compreender as três Pessoas divinas. João Paulo II fala com profundidade sobre a identidade pessoal e a missão de cada uma das pessoas trinitárias: “o Pai, o Filho e o Espírito Santo são nomeados claramente como Pessoas. A primeira pessoa é distinta da segunda e da terceira e estas também são distintas entre si. Jesus fala do Espírito Consolador, usando por mais de uma vez o pronome pessoal ‘Ele’”⁹. Neste sentido, é importante se notar a apresentação da unidade das três pessoas conforme exposto na Encíclica:

Durante todo o discurso de despedida, manifestam-se os vínculos que “unem reciprocamente o Pai, o Filho e o Paráclito. Percebe-se uma ação entre as Pessoas.

⁷A finalidade da missão do Espírito Santo em toda a ação litúrgica é pôr-nos em comunhão com Cristo, para formarmos o seu corpo. O Espírito Santo é como que a seiva da Videira do Pai, que dá fruto nos ramos (Jo 15,1-17; Gal 5,22). Na liturgia, realiza-se a mais íntima cooperação do Espírito Santo com a Igreja. Ele, Espírito de comunhão, permanece indefectivelmente na Igreja, e é por isso que a Igreja é o grande sacramento da comunhão divina que reúne os filhos de Deus dispersos. (CIC, 1108).

⁸João Paulo II fala também da “Ação própria da Pessoa do Espírito Santo, de acordo com João”, ou seja, é desenvolvida a revelação do Espírito Santo como uma das Pessoas da Trindade divina. Em audiência geral, em 16 de setembro de 1990. (JOÃO PAULO II, 1990.a).

⁹Esta conceituação da autocomunicação de Deus presente na *Dominum et Vivificantem* é igualmente concebida por Bruno Forte, em sua obra “Trindade como História”. Forte, assim como João Paulo II desenvolve uma teologia trinitária, onde o evento Pascal é visto como o momento da autocomunicação de Deus Trino e do seu amor pelo homem (FORTE, 1987, p.157-176).

Assim, o Espírito procede do Pai” (Cf. Jo 15, 26) e o Pai “dá” o Espírito (Jo 14,16). O Pai “envia” o Espírito em nome do Filho (Jo 14, 26). O Espírito “dá testemunho” do Filho (Jo 15, 26). Por fim, o Filho pede ao Pai que envie o Espírito Consolador (Jo 14,16) e ainda, afirma e promete que enviará o Espírito, em relação com a sua “partida” por meio da Cruz: “Quando eu for, vo-lo enviarei” (Jo 16,7) (DeV, 8).

Percebe-se, que o Pai utiliza-se de dois modos para enviar o Espírito Santo: “com o poder da sua paternidade, como enviou o Filho (Cf. Jo 3, 16s., 34; 6, 57; 17, 3. 18. 23). E, envia-o, ao mesmo tempo, com o poder da Redenção realizada por Cristo (...) Neste sentido o Espírito Santo é enviado também pelo Filho”, explica o papa. E acrescenta que o discurso de despedida atinge o ápice da revelação das três Pessoas divinas, ao Jesus dizer: “Quando eu for enviar-vo-lo-ei”. O Espírito Santo virá na condição de Cristo partir, mediante a Cruz: virá não só em seguida, mas por causa da Redenção realizada por Cristo, por vontade e obra do Pai” (DeV, 8).

A cruz e a Páscoa não são assim entendidas como momentos de criação da vida nova, pois está se deu na encarnação, mas é “sobretudo, o momento em que foi removido o obstáculo do pecado, que impedia a Sua recepção pelos homens” (CANTALAMESSA, 2014, p. 174-175).

O contexto do discurso de despedida que revela a Trindade e sua obra nos eventos paixão, morte e ressurreição de Jesus, referem-se, ao mesmo tempo, à natureza da Igreja em sua origem, em sua vida sacramental e em seu mandato missionário, afirma João Paulo II (DeV, 9).

Como acontece necessariamente isto? A Igreja nasce no evento da Cruz. O catecismo explica que foi a páscoa que abriu definitivamente as fontes do Batismo. Jesus já tinha falado aos discípulos da sua paixão como dum “batismo” no qual Ele devia ser batizado (Mc, 38). O sangue e a água que jorraram do lado aberto de Jesus crucificado (Jo 19,34) “são tipos do Batismo e da Eucaristia, sacramentos da vida nova (I Jo 5, 6-8). Inaugura-se assim, a possibilidade a todos os homens de nascerem da água e do Espírito para entrarem no Reino de Deus (Jo 3, 5) (CIC, 1225).

Quando Jesus ressuscitado fez o envio: “Ide, portanto, e ensinai todas as gentes”, e o mandato: “batizando-as em nome do Pai e do Filho e do Espírito Santo” (fórmula do batismo), (Mt 28,19). Ele expõe assim, o mistério íntimo de Deus que confere ao homem a graça da participação dos eventos salvíficos de Cristo. O discurso de despedida de Jesus na Ceia Pascal, segundo o papa pode ser lido, portanto como:

Uma preparação especial para esta fórmula trinitária, na qual se exprime o poder vivificante do Sacramento, que opera a *participação na vida de Deus uno e trino*, porque confere a graça santificante ao homem, como dom sobrenatural. Por meio dela o homem é chamado e “tornado capaz” de participar na imperscrutável vida de

Deus (DeV, 9).

À luz desta revelação da ação da Trindade através dos Sacramentos, os quais conferem a “participação na vida divina” e “a graça santificante”, acima apresentada pelo Santo Padre, percebe-se que os sacramentos são outra condição imprescindível para a vinda da Graça divina ao homem, além daquela da fé. Isto coincide com o que se atesta no Concílio que: “Rejeita a opinião segundo a qual para conseguir a graça é suficiente só a fé na promessa divina. Por isso não é só a fé que produz a graça; mas o sacramento desenvolve uma verdadeira ação para conseguir a graça” (DZ, 1608).

Nota-se, assim, o outro modo como acontece o protagonismo do Espírito na missão da Igreja que é através dos “Sacramentos da nova lei instituídos por Cristo” (CIC, 1212). O primeiro na ordem da recepção e dá acesso aos demais sacramentos (CIC, 1213), é o santo Batismo, ele é o “fundamento de toda a vida Cristã, a porta da vida no Espírito *“vitae spiritualis ianua”*. Neste sacramento a “semente incorruptível da Palavra de Deus produz seu efeito vivificante” (Cf. 1 Pd 1,23; Ef 5,26; Jo 3,5). Santo Agostinho disse que no Batismo: “Une-se a palavra ao elemento, e acontece o sacramento” (CIC, 1228)

A Palavra e os Sacramentos, sobretudo o Batismo, são os dois meios de entrada na vida nova comunicada pelo Espírito, afirma Cantalamessa. Segundo as Escrituras as palavras de Jesus são “espírito e vida” (Cf. Jo 6,63). A Palavra de Cristo tem uma dupla função, é “inspirada” pelo Espírito; e, além disso, “espira”, sopra o Espírito. Sem o Espírito é letra morta, com o Espírito é Palavra que dá vida (Cf. 2 Cor 3,6). Eis um dado de experiência feito por este autor quando lidas “espiritualmente, com a luz e a unção do Espírito, as Escrituras emanam luz, conforto, esperança; numa palavra: vida” (CANTALAMESSA, 2014, p. 175).

Isto bem afirmou sobre a doutrina cristã o Papa Paulo VI quando disse que ela “não deve ser somente verdade a ser explorada pela razão à luz da fé, mas sim palavra geradora de vida e ação” (COMPÊNDIO VATICANO II, 1991, p.9).

Na visão de João Paulo II só se alcança plenamente este mistério com a luz da fé, pois somente a revelação Divina, é capaz de dar a conhecer de forma plena o conceito de pessoa em Deus. Assim ele afirma quão importante são as palavras e a história de Jesus de Nazaré para a revelação de Deus. Pois nas palavras de Jesus, principalmente em seu discurso de despedida, o mistério íntimo do Deus Uno e Trino pode ser captado em sua essência e ao se penetrar neste mistério é possível descobrir Deus em si mesmo (DeV,10).¹⁰

¹⁰ Na *Fides et Ratio* João Paulo II expõe com maestria este assunto e aponta S. Tomás que “teve o grande mérito de colocar em primeiro lugar a harmonia que existe entre a razão e a fé (...). Entre as grandes intuições de S. Tomás, conta-se a de atribuir ao Espírito Santo o papel de fazer amadurecer, como sapiência, a ciência humana.

A presente encíclica desenvolve profundamente a reflexão sobre o conceito da Pessoa do Espírito Santo, que oferecem respostas pertinentes à problemática levantada nesta pesquisa, sobre como age a Terceira Pessoa da Trindade em sua missão, a saber:

Na sua vida íntima Deus “é Amor”, amor essencial, comum às três Pessoas divinas: amor pessoal é o Espírito Santo, como Espírito do Pai e do Filho. Por isso ele “perscruta as profundezas de Deus”, como Amor-Dom incriado. Pode dizer-se que, no Espírito Santo, a vida íntima de Deus uno e trino se torna totalmente dom, permuta de amor recíproco entre as Pessoas divinas; e ainda, que no Espírito Santo. Deus “existe” à maneira de Dom. O Espírito Santo é a expressão pessoal desse doar-se, desse ser-amor. É Pessoa-Amor. É Pessoa-Dom. Temos aqui uma riqueza insondável da realidade e um aprofundamento inefável do conceito de pessoa em Deus, que só a Revelação divina nos dá a conhecer. (DeV, 10).

Resulta desta forma a importante revelação da identidade e da ação da Pessoa do Espírito Santo a partir da Sua vida íntima na Trindade, e que transborda para as criaturas, presente na *Dominus et Vivificantem*:

O Espírito Santo, enquanto consubstancial ao Pai e ao Filho na divindade, é Amor e Dom (incriado) do qual deriva como de uma fonte (*fons vivus*) toda a dádiva em relação às criaturas (dom criado): a doação da existência a todas as coisas, mediante a criação; e a doação da graça aos homens, mediante toda a economia da salvação. Como escreve o Apóstolo São Paulo: “O amor de Deus foi derramado nos nossos corações por meio do Espírito Santo, que nos foi dado” (DeV, 10).

Há três coisas no Novo Testamento sobre o Espírito Santo que impressionam Santo Agostinho e que coincidem com esta reflexão da encíclica, acima: O Espírito Santo é dom, comunhão e alegria. “O Espírito é comunhão” (Cf. 2 Cr 13,13), para Agostinho o Espírito é dom do Pai e do Filho, e é comunhão entre ambos. Ele acrescenta que: “a própria comunhão é sinal e reflexo do amor. O amor é, por assim dizer, o conteúdo da comunhão. A comunhão não é senão o encontro no amor de diversos seres espirituais e racionais” (CANTALAMESSA, 2014, p. 212-213).

A Trindade “Deus amor” (I Jo), por natureza tende a suscitar a comunicação entre as pessoas divinas e a comunicar-se aos homens. Portanto, o diálogo mostra-se uma característica essencial da Trindade, conatural a vocação missionária da Igreja, posto que reflete uma característica do próprio Deus que deseja a comunhão e a unidade entre as pessoas (Cf. Jo 17). O diálogo salvífico de Deus por meio do Espírito Santo manifesta-se em dois eventos históricos cruciais, na Criação e na Redenção realizada por Cristo. O discurso de despedida de Cristo, explica esta “lógica do mistério salvífico” na ação do Espírito, a saber:

No “dar” e “dar-se” do Espírito Santo (...). Descobre-se como que a “lógica” mais profunda do mistério salvífico, contido no eterno desígnio de Deus, qual expansão da inefável comunhão do Pai, do Filho e do Espírito Santo. É a “lógica” divina, que leva do mistério da Trindade ao mistério da Redenção do mundo em Jesus Cristo.

Desde as primeiras páginas da *Summatheologiae* (...). O Aquinate quis mostrar o primado daquela sapiência que é dom do Espírito Santo e que introduz no conhecimento das realidades divinas” (FeR, 44 -45).

[Esta é] transmitida ao Espírito Santo com todo o seu poder salvífico (DeV, 11).

Percebe-se com estas afirmações que são o centro da mensagem cristã, herança do *Concílio Vaticano II*¹¹, revelam que o conteúdo da encíclica é ao mesmo tempo cristológico e trinitário. Posto que Jesus, o Filho encarnado, revela em palavras e obras, não apenas a si mesmo, mas também a Trindade. Subtende-se que: “Encontrar-se com o Cristo é encontrar-se com a Trindade. Assim como anunciá-Lo é, ao mesmo tempo, anunciar o Deus Trino autocomunicado nele. É a Trindade que se autocomunica na revelação, de forma que acolher o objeto autocomunicado no anúncio – a Trindade – é acolher a salvação” (MACHADO, 2015, p.1).

A história da salvação revela que entre o “primeiro princípio”, isto é, o da criação e a toda a história do homem, se interpôs o pecado, que está em contradição com a presença do Espírito de Deus na criação e na vida do homem. São Paulo disse que (Cf. Rm 8, 19-22): foi justamente por causa do pecado que “a criação (...) foi submetida à caducidade (...), geme e sofre no seu conjunto as dores do parto até ao presente (...). E aguarda ansiosamente a revelação dos filhos de Deus” (DeV, 13).

A narrativa no Novo Testamento da vinda do Espírito revela que: “A ‘partida’ de Cristo mediante a Cruz tem a potência da Redenção; e isto significa também uma nova presença do Espírito de Deus na criação: o novo princípio do comunicar-se de Deus ao homem no Espírito Santo”. E conclui o santo Padre que: “No fato de enviar este Espírito ‘aos nossos corações’ começa a realizar-se o que ‘a própria criação aguarda ansiosamente’ como lemos na Carta aos Romanos”. Este novo envio do Espírito Santo, por meio do sacrifício redentor, comporta um sentido salvífico dinâmico e perene no presente da história. Portanto, “o Espírito Santo vem para permanecer com os Apóstolos desde o dia de Pentecostes, para permanecer com a Igreja e na Igreja e, mediante ela, no mundo” afirma o papa (DeV, 14).

1.3 A ligação entre a missão de Jesus e a do Espírito de Deus

Nota-se a presença da visão fé conciliar da unidade da cristologia com a pneumatologia, como apresentado acima, nas palavras de Bento XVI no pensamento do papa

¹¹Segundo Yves Congar, a Igreja é mostrada como o ‘povo que tira sua unidade do Pai, do Filho do Espírito Santo’. Ou melhor: Mistério sagrado da unidade da Igreja, em Cristo e por Cristo, na variedade das funções, fruto da ação do Espírito Santo. A realização suprema é o primeiro exemplar deste mistério é unidade mesmo de um só Deus, Pai, Filho e Espírito Santo, na trindade das pessoas (UR, n.2). Este ponto de vista trinitário funda a Igreja como comunidade de culto em espírito e verdade (CONGAR, 2005, p.219-220).

João Paulo II que desenvolve a seguir em que ele aponta a íntima ligação da missão do Filho divino e a do Espírito Santo. Assim, o Pontífice expõe que a apresentação da identidade de Jesus feita por João Evangelista parte da premissa de que Jesus já era antes da Páscoa portador do Espírito Santo. Explica-se na encíclica que a pessoa e a missão de Jesus são apresentadas a partir da sua identidade de: “Messias”, “Cristo”, “ungido”. O significado destes termos na história da salvação é o “ungido com o Espírito Santo”. Tal significado pertence à “tradição profética do Antigo Testamento”. A revelação neotestamentária correlaciona o personagem misterioso de que fala Isaías, com Jesus, e liga “a sua pessoa e a sua missão a uma ação particular do Espírito de Deus — Espírito do Senhor” (Cf. Isa 11, 1-3):

Despontará um rebento do tronco de Jessé, e um renovo brotará da sua raiz. Sobre ele pousará o espírito do Senhor, espírito de sabedoria, e de entendimento, espírito de conselho e de fortaleza, espírito de conhecimento e de temor de Deus, e no temor do Senhor está a sua inspiração.

É notável a importância deste texto para “toda a pneumatologia do Antigo Testamento” afirma o papa. O Messias, na Antiga Aliança, tem como características ser aquele que: recebe a unção considerada o “símbolo externo do dom do Espírito”; é “o único grande Ungido pelo próprio Deus”; “possui a plenitude do Espírito de Deus”; será o “mediador para ser concedido este Espírito a todo o Povo”. Como se percebe nas seguintes palavras do profeta Isa (61, 1s):

O espírito do Senhor está sobre mim, porque o Senhor consagrou-me com a unção; enviou-me a anunciar a boa nova aos pobres, a pensar as feridas dos corações quebrantados, a proclamar a redenção para os cativos, a libertação para os prisioneiros, a promulgar o ano de misericórdia do Senhor.

Na sequência, a revelação da figura do Messias, vai de Ungido, enviado “com o Espírito do Senhor” (Cf. Isa 48,16), a eleito Servo do Senhor, sobre o qual repousa o Espírito de Deus (Isa 42,1). Em Isaías este Servo do Senhor é um verdadeiro Homem das dores, o Messias é aquele que sofre pelos pecados do mundo, e ao mesmo tempo com sua “missão produzirá para toda a humanidade verdadeiros frutos de salvação” (DeV, 15-16).¹²

Estes textos proféticos, acima citados, devem ser lidos à luz do Evangelho, afirma-se na *Dei Verbum*: o Novo Testamento, por sua vez, recebe um “esclarecimento particular à luz

¹²Neste sentido expressou o Papa João Paulo II numa homília em Guatemala dizendo que: “A verdade sobre Cristo, o Servo Sofredor, começa profundamente no Antigo Testamento. O Profeta Isaías (...) às vezes é chamado de “Evangelista do Antigo Testamento”. A estreita relação entre os eventos da Paixão de Cristo e o que o Profeta Anunciou muitos séculos antes dos eventos da Páscoa do Senhor é surpreendente (JOÃO PAULO II, 1996, n.3f).

contida nestes textos veterotestamentários” (DV, 16).

A ação do Espírito Santo na vida do Messias é apresentada pelo Profeta quando fala que: o Messias “vem com o Espírito Santo (...) possui em si a plenitude deste Espírito; e, ao mesmo tempo, é portador d’Ele para os outros, para Israel, para todas as nações, para toda a humanidade” afirma João Paulo II, isto revela o caráter universal da missão do Messias (DeV,16). Entretanto, “a universalidade da ação salvífica de Cristo não pode ser entendida sem a ação universal do Espírito Santo” (CTI, 1997, n.50).

A ação salvífica do Espírito Santo é “acompanhada por múltiplos dons, os bens da salvação”, os destinatários são particularmente os pobres e os que sofrem, bem como “a todos aqueles que abrem os seus corações a esses dons: isso acontece, algumas vezes mediante as experiências dolorosas da própria existência; mas, primeiro que tudo, por aquela disponibilidade interior que vem da fé”. (DeV,16).

Se a “obra-prima” do Espírito Santo é a Páscoa do Senhor Jesus, mistério de sofrimento e de glória, através do dom do Espírito é possível também aos discípulos de Cristo sofrer com amor e fazer da cruz a via para a luz: “*per crucem ad lucem*”. O Espírito do Filho dá-nos a graça de termos os mesmos sentimentos de Cristo e de amarmos como Ele amou, a ponto de oferecer a vida pelos irmãos: “Ele deu a Sua vida por nós, e nós devemos dar a vida pelos nossos irmãos”. (1 Jo 3, 16) (JOÃO PAULO II, 1998, n.5e).

No Antigo Testamento a revelação da personalidade do Espírito Santo é apresentada como dom de Deus ao Messias e não como “pessoa”, contudo a luz de Isaías nas ações do Espírito Santo percebe-se uma autonomia como entrevê o papa que:

A obra salvífica do Messias, Servo do Senhor, inclui a ação do Espírito que se desenrola mediante ele próprio, todavia no seu contexto vétero-testamentário não é sugerida a distinção dos sujeitos ou das Pessoas divinas, tais como subsistem no mistério trinitário e serão reveladas depois no Novo Testamento. Quer em Isaías, quer em todo o Antigo Testamento, a personalidade do Espírito Santo acha-se completamente escondida: escondida na revelação do único Deus, bem como no anúncio profético do futuro Messias (DeV, 17).

No Novo Testamento, Jesus se auto revela como Messias no início da sua atividade messiânica. Pode-se verificar isto quando na Sinagoga Ele abriu o Livro de Isaías e leu: “O Espírito do Senhor está sobre mim; por isso me consagrou com a unção”; em seguida disse: “Cumpriu-se hoje esta passagem da Escritura que acabais de ouvir” (Cf. Lc 4, 16-21; Is 61, 1s). Deste modo, Jesus: “Confessou e proclamou ser Aquele que “foi ungido” pelo Pai, ser o Messias, isto é, Aquele no qual tem a sua morada o Espírito Santo como dom do próprio Deus, Aquele que possui a plenitude deste Espírito” Assim Ele é Aquele que marca o “‘novo princípio’ do dom que Deus concede à humanidade no Espírito Santo” (DeV,18).

Na encíclica apresenta que Jesus é elevado no Espírito Santo a partir do testemunho que Ele dá de si mesmo, e de uma série de outros testemunhos que são dados acerca d'Ele, a saber: o testemunho de João Batista, o testemunho do Pai, e o testemunho por meio do ensino e gestos de Jesus. Estes testemunhos são apresentados, com a finalidade de que pela ação testemunhal¹³ se revele quem é Jesus, ou seja, sua identidade e sua missão no Espírito Santo. O testemunho dado por João Batista, é que Jesus é o Messias, “o Cristo”, com as mesmas características apresentadas por Isaías. A autoridade do testemunho de João Batista foi confirmada por outro testemunho de ordem superior, presente nos três Evangelhos Sinópticos (Cf. Lc 3, 21 s.; cf. Mt 3, 16; Mc 1, 10), como se verifica a seguir:

Com efeito, quando todo o povo tinha sido batizado e no momento em que Jesus, recebido o batismo, estava em oração, “abriu-se o céu e o Espírito Santo desceu sobre ele em forma corporal, como uma pomba”; e, simultaneamente, ouviu-se uma voz vinda do céu que dizia: “Este é o meu Filho muito amado, no qual pus as minhas complacências” (DeV, 19).

A identidade pessoal de Jesus presente nos Evangelhos resulta de duas relações fundamentais, afirma Cantalamessa: “a relação de Filho com o Pai, caracterizada pela obediência, e a Sua relação com o Espírito, da qual lhe provêm autoridade, liberdade e poder, no decurso de sua missão”. Na missão de Jesus, o Espírito carismático lhe confere a unção messiânica de levar aos pobres Boa Nova, de sarar os corações contritos, de expulsar os demônios, e que o faz rejubilar de alegria na oração, isto tudo, não é um acessório. Ao contrário, essas ações revelam que “O Espírito é uma dimensão constitutiva da missão de Jesus” (CANTALAMESSA, 2014, p.283).

Enfim, “toda a vida de Cristo se desenvolveu no Espírito Santo”,¹⁴ afirmou João Paulo II. (JOÃO PAULO II, 1998. n.1c). São Basílio exaltou a ação permanente do Espírito Santo na vida de Jesus quando disse: “a teofania do Jordão ilumina somente de modo fugaz o mistério de Jesus de Nazaré, cuja atividade será toda ela desenvolvida com a presença do Espírito Santo” (BASÍLIO, 2005, p.136).

Nos Sinópticos o Espírito Santo também se “manifesta como Pessoa que atua em toda a missão de Cristo” (JOÃO PAULO II, 1990, n.7b).

¹³Esta característica testemunhal é própria do Evangelista Lucano, afirma o Papa na Encíclica *Redemptoris Missio*: “Em Lucas, a missão é apresentada como um testemunho (cf. Lc 24, 48; Act 1, 8), principalmente da ressurreição (At1, 22)” (RM, 23).

¹⁴ “São Basílio afirma que o Espírito Lhe foi “companheiro inseparável em tudo” (*De Spir. S.* 16) e oferece-nos esta admirável síntese da história de Cristo: “Vinda de Cristo: o Espírito Santo precede; encarnação: o Espírito Santo está presente; ações milagrosas, graças e curas: através do Espírito; os demônios expulsos, o diabo aprisionado: mediante o Espírito Santo; remissão dos pecados, união com Deus: mediante o Espírito Santo; ressurreição dos mortos: por virtude do Espírito Santo” (JOÃO PAULO II, 1998, n.1e), (Basílio, 2005, pp. 132. 148)

Percebe-se, portanto que a revelação do mistério de Jesus de Nazaré deu-se de forma progressiva e foi confirmada mediante o Seu ensino e nos sinais messiânicos realizados por Ele, ainda antes do Seu discurso na ceia, ocorreram diversos momentos que marcaram a automanifestação do Cristo (DeV, 20).

O resultado positivo da missão realizada pelos discípulos de Jesus o leva a se manifestar como o revelador do Pai: “Jesus exultou de alegria sob a ação do Espírito Santo”, (Cf. Lc 10, 21; Mt 11, 25 s) e a seguir disse: “Eu te dou graças, ó Pai, Senhor do céu e da terra, porque escondeste estas coisas aos sábios e aos inteligentes e as revelaste aos pequeninos. Sim, ó Pai, porque isto foi do Teu agrado”. Percebe-se que Jesus exulta porque lhe foi dado revelar a paternidade divina, isto ainda o impulsiona a trazer de algo novo acerca da Sua relação com o Pai quando fala (Cf. Lc 10, 22; Cf. Mt 11, 27): “Todas as coisas me foram entregues por meu Pai e ninguém conhece quem é o Filho senão o Pai, nem quem é o Pai senão o Filho e aquele a quem o Filho o quiser revelar” (DeV, 20).

Com essa declaração de Jesus entende-se que conhecer o Pai é uma prerrogativa por excelência do Filho, isto Jesus reafirmou várias vezes no Evangelho (cf. Jo 7,29; 8,55; 10,15). Como pode o Espírito revelar o Pai? Ele permite conhecer a revelação do Filho acerca da pessoa do Pai. Ele faz da revelação exterior, isto é, por palavras, uma revelação interior, vivencial (CANTALAMESSA, 2014, p. 523).

Percebe-se que Jesus revela o Pai impulsionado pelo Espírito. Na teofania do Jordão proveio o testemunho do “exterior”, isto é, do Alto, sobre a pessoa do Filho, agora surge o testemunho que parte “do interior, do mais íntimo do ser que é Jesus” acerca do Pai e ao mesmo tempo de Si mesmo, expõe o papa. E acrescenta que neste fato aparece outra revelação, isto é, que o Pai e o Filho são “unidos no Espírito Santo”. É, portanto, esta união que leva Jesus expor a sua relação com o Pai; e ao fazer isto, Ele expõe ao mesmo tempo, a Si mesmo, como explica o Papa a seguir ao dizer que:

Dessa união de Cristo com o Espírito Santo, da qual Ele tem uma consciência perfeita, exprime-se nessa “exultação”, que torna “perceptível”, de certa maneira, a sua fonte recôndita. Dá-se assim uma especial manifestação e exaltação próprias do Filho do Homem, de Cristo-Messias, cuja humanidade pertence à Pessoa do Filho de Deus, substancialmente uno com o Espírito Santo na divindade (DeV, 21).

Assim, na “magnífica confissão da paternidade de Deus”, Jesus de Nazaré manifesta também a sua identidade divina, ou seja, o seu “Eu” divino, como afirmado acima. O texto do evangelista Lucas deixa entrever que o discurso de Jesus no Cenáculo possibilita conhecer o Espírito Santo de um modo novo e mais amplo, ou seja, Ele é revelado em sua personalidade: “não só como dom à Pessoa (à Pessoa do Messias), mas é também uma Pessoa-Dom!”. Esta

nova revelação do Espírito é apresentada em virtude da sua particular comunhão com Cristo (Cf. Jo 16,14): “Há-de receber do que é meu para vo-lo anunciar”. Percebe-se que esta comunhão tem a sua fonte primária no Pai: “Tudo quanto o Pai tem é meu; por isso eu vos disse que Ele há-de receber do que é meu para vo-lo anunciar”. Provindo do Pai, o Espírito Santo é enviado de junto do Pai (DeV, 22).

Nesta reflexão da relação entre o Pai e o Filho se pode perceber a unidade das três Pessoas divinas. Por conseguinte, resulta na revelação do Espírito Santo, pode-se verificar isto no texto da audiência de João Paulo II, ao dizer que:

Partindo do Filho, a reflexão do Novo Testamento e, depois, da teologia nela arraigada, aprofundaram o mistério da paternidade de Deus. O Pai é Aquele que na vida trinitária constitui o princípio absoluto, aquele que não tem origem e do qual provém a vida divina. A unidade das três Pessoas é partilha da única essência divina, mas no dinamismo de relações recíprocas que, no Pai, têm a fonte e o fundamento: é o Pai que gera, o Filho que é gerado, o Espírito Santo que procede. (JOÃO PAULO II, 1999, n.2).

Neste mistério da vida íntima da Trindade, portanto e na economia de salvação que se chega ao conhecimento daquilo que Deus é em si mesmo. “A ‘economia’ não só nos remete à ‘teologia’, mas é a única via legítima de acesso a ela” (LADARIA, 2009, p. 28).

A comunhão da Trindade, portanto é reafirmada na encíclica a partir da relação de Jesus com o Pai e com o Espírito. Jesus vivendo sua humanidade em comunhão com o Pai e com o Espírito revela a paternidade de Deus. Com isto, revela também ao mesmo tempo, a Si mesmo como Filho e a pessoa do Espírito Santo. O Papa acentua a revelação do Amor como essência da identidade e da missão da Trindade. O amor do Pai ao mundo é manifesto na doação do Filho (Cf. Jo 3,16); isto é, no dom do Filho feito pelo Pai se revela a Trindade em sua essência que sendo Amor é “fonte inesgotável da dádiva”. O Filho, por sua vez, é também doador, por meio da sua obra redentora dá de um modo novo o Espírito Santo, como atesta o documento, a seguir:

No dom concedido pelo Filho completam-se a revelação e a dádiva do Amor eterno: o Espírito Santo, que nas profundezas imperscrutáveis da divindade é uma Pessoa-Dom, por obra do Filho, isto é, mediante o mistério pascal de Cristo, é dado de uma maneira nova aos Apóstolos e à Igreja e, por intermédio deles, à humanidade e ao mundo inteiro (DeV, 23).

Esta nova comunicação de Deus no Espírito Santo foi definida no “dia da Ressurreição”, quando acontece a “elevação messiânica de Cristo no Espírito Santo”, onde Ele é “constituído Filho de Deus com todo o poder, segundo o Espírito de santificação, mediante a ressurreição dos mortos”. Assim, Jesus é revelado como “Filho de Deus cheio de poder” (...). “Cujas fontes jorram da imperscrutável comunhão trinitária” (DeV, 24).

Na encíclica *Redemptoris Hominis* João Paulo II trata deste “novo dom, do Espírito Santo” dado pelo Pai a humanidade ao dizer que:

Com a sua doação paterna; ou seja, com o dom da vida nova imortal na ressurreição, porque o Pai é a primeira fonte e o doador da vida desde o princípio. Essa vida nova, que implica a glorificação corporal de Cristo crucificado, tornou-se sinal eficaz do novo dom outorgado à humanidade, dom que é o Espírito Santo, mediante o qual a vida divina, que o Pai tem em si e concede ao Filho ter em si mesmo, é comunicada a todos os homens que estão unidos com Cristo (RH, 20).

Percebe-se no cumprimento da promessa de Jesus no evento ressurreição, que Jesus ao comunicar o dom do Espírito aos Apóstolos, os envia e confere-lhes a mesma missão que recebeu do Pai conforme atesta a evangelista João ao dizer que:

Na tarde desse dia, que era o primeiro da semana, depois do sábado, estando fechadas as portas (...), veio Jesus (...) disse-lhes: “A paz seja convosco”. Dito isto, mostrou-lhes as mãos e o lado. E os discípulos ficaram cheios de alegria ao verem o Senhor. Jesus disse-lhes de novo: “A paz seja convosco! Assim como o Pai me enviou, também eu vos envio a vós”. Dito isso, soprou sobre eles e disse-lhes: “Recebei o Espírito Santo” (Jo 20, 19-22).

As palavras e gestos do Ressuscitado que passou pela cruz neste texto-chave do Evangelho de São João são cheias de significado. Estão em conexão com as palavras que Jesus disse, no mesmo cenáculo, no início dos acontecimentos pascais, nestes eventos sagrados, que “o Pai consagrou com a unção e enviou ao mundo” tiveram a sua consumação. Jesus ressuscitado que passou pela cruz, “sopra sobre os Apóstolos” aquele mesmo poder que fala a Carta aos Romanos (Rom, 1,4) (DeV, 24).

Percebe-se o cumprimento da promessa, tanto pela alegria dos discípulos com a Ressurreição de Jesus (Cf. Jo 16,20). O Espírito Santo é alegria, e júbilo, isto confirma a escritura que associa habitualmente a alegria ao Espírito Santo (At 13, 52; Rm 14,17) (CANTALAMESSA, 2014).

O cumprimento da promessa, se revela, sobretudo na realização da promessa principal do discurso de despedida:

Cristo ressuscitado, como que dando início a uma nova criação, “traz” aos Apóstolos o Espírito Santo. Trá-lo à custa da sua “partida”; dá-lhes o Espírito como que através das feridas da sua crucifixão: “mostrou-lhes as mãos e o lado”. É em virtude da mesma crucifixão que Ele lhes diz: “Recebei o Espírito Santo” (DeV, 24).

Neste ponto, atinge-se o ápice da reflexão da unidade de missão entre o Espírito Santo e a missão do Filho na Redenção. Percebe-se, assim que o protagonismo do Espírito Santo na missão da Igreja só se realiza por causa do evento pascal, “Cruz e Ressurreição de Jesus”, conforme atesta o papa, a seguir:

A missão do Espírito Santo “vai haurir” algo da Redenção (...). A Redenção é totalmente operada pelo Filho, como o Ungido, que veio e agiu com o poder do Espírito Santo, oferecendo-se por fim em sacrifício supremo no madeiro da Cruz. E

esta Redenção, ao mesmo tempo, é constantemente operada nos corações e nas consciências humanas — na história do mundo — pelo Espírito Santo, que é o “outro Consolador” (DeV, 24).

Esta reflexão reafirma ainda, a “unidade”, isto é, a “comunhão” das Três Pessoas em tudo aquilo que elas fazem na Igreja, no homem e no mundo¹⁵. Quanto a essa unidade no ser e no agir das Pessoas da Trindade o Catecismo da Igreja Católica fala que: “Inseparáveis no que são, as pessoas divinas são também inseparáveis no que fazem. Mas, na operação divina única, cada uma manifesta o que Lhe é próprio na Trindade, sobretudo nas missões divinas da Encarnação do Filho e do dom do Espírito Santo (CIC, 267).

Esta concepção do Papa é bem apresentada por Yves Congar, ao dizer que:

Tanto no Ocidente, os teólogos, os Padres e os Concílios são unânimes em afirmar: aquilo que a Divindade faz fora de si é obra comum das três pessoas (...). Portanto, não se pode atribuir qualquer ação ou eficácia ao Espírito Santo independente do Pai e do Filho (...). O Novo Testamento, onde atribui uma obra a cada Pessoa, afirma uma comunhão na ação e descreve uma espécie de concelebração dos Três (CONGAR, 1995, p. 121. 123).

Para se entender como age o Espírito como vínculo de amor na Trindade, apresentado pelo papa peregrino do amor, Cantalamessa explica que devesse considerar três coisas: “o Espírito é amor na Trindade, enquanto une entre Si o Pai e o Filho; segundo, o Espírito Santo é caridade na Igreja, enquanto vínculo de sua unidade; terceiro, o Espírito Santo é caridade em cada fiel, enquanto lhe permite fazer uma experiência viva do amor de Deus (CANTALAMESSA, 2014, p. 211).

Cabe aqui lembrar as palavras de São Paulo (1 Cor 12, 4.11): Há diversidade de dons, mas o Espírito é o mesmo (...). É o único e mesmo Espírito que isso tudo realiza. São João Paulo II torna viva esta palavra ao falar do Amor: “A Igreja terá necessidade de muitas coisas para a sua caminhada histórica (...); mas, se faltar a caridade (ágape), tudo será inútil”. O apóstolo Paulo atesta no hino da caridade: “Ainda que falássemos as línguas dos homens e dos anjos e tivéssemos uma fé capaz de transportar montanhas, mas faltasse a caridade, de nada nos serviria” (cf. 1 Cor 13,2).

Neste mesmo sentido compreendeu a “caridade”, a padroeira das missões, Teresa de Lisieux, a quem o Papa João Paulo II proclamou doutora da Igreja pela grandeza da sua doutrina, reconhecida como perita da *scientia amoris* (DAS, 1997).

É famoso o texto da carta de Teresinha à sua irmã Maria em que ela compreende que é o amor que tudo faz:

¹⁵Esta Temática pode ser aprofundada na obra A Trindade, de Agostinho, 1995.

Compreendi que a Igreja tinha coração, e que o coração era ARDENTE DE AMOR. Compreendi que só o amor fazia os membros da Igreja atuarem, e que se o Amor se extinguísse, os Apóstolos já não anunciariam o Evangelho, os Mártires se recusariam a derramar seu sangue... Compreendi que o AMOR ABRANGE TODAS AS VOCAÇÕES, ALCANÇANDO TODOS OS TEMPOS E TODOS OS LUGARES... NUMA PALAVRA, É ETERNO...¹⁶ (SANTA TERESINHA, 2010, Manuscrito B, 3v).

Outro discurso bem atual sobre os efeitos do Espírito Santo no coração do homem e que convida à prática da caridade cristã e coincide com a temática paulina acima, foi feito pelo papa Francisco no dia Mundial dos Pobres, em 14 de novembro de 2021, em catequese o Pontífice fala da passagem do Evangelho de Marcos que anuncia: “O sol escurecerá, a lua não dará mais sua luz, e as estrelas cairão do céu” (Mc 13, 24-25).

O Senhor quer que se entenda que tudo neste mundo, mais cedo ou mais tarde passará. Mesmo o sol, a lua e as estrelas que formam o firmamento, estão todos destinados a passar. Jesus disse o que não passará: “As minhas palavras não passarão”, afirmou Francisco. E questionou o santo Padre: O que, em suma, dá solidez à vida e jamais terminará? São Paulo indica o dom mais excelente: ‘A caridade jamais terá fim’. Todo aquele que faz o bem investe para a eternidade. Ter a Palavra de Deus como base da vida, não é fugir da história, mas é “mergulhar nas realidades terrenas para torná-las sólidas, para transformá-las com o amor, imprimindo nelas o sinal da eternidade, o sinal de Deus” (FRANCISCO, 2021).

1.4 O Espírito Santo protagonista da evangelização em Pentecostes

Os Atos dos Apóstolos introduzem a todos que deles se aproximam no coração do evento do Pentecostes; apresenta o cenário do evento histórico tendo o Espírito Santo, esperado como protagonista enviado pelo Pai e pelo Filho, e os discípulos, que reunidos com Maria no Cenáculo, recebem o dom do Espírito. Realiza-se assim a promessa de Jesus e início do Tempo da Igreja, assim narra o texto:

Subitamente ressoou, vindo do céu, um som comparável ao de forte rajada de vento, que encheu toda a casa onde se encontravam. Viram, então, aparecer umas línguas à maneira de fogo, que se iam dividindo, e pousou uma sobre cada um deles. Todos ficaram cheios de Espírito Santo. (At 2, 2-3).

E que bela explicação dá o papa peregrino às consequências que redundaram daquele momento de manifestação do Divino: “A partir daquele dia o vento do Espírito levará os discípulos de Cristo até aos extremos confins da terra. Levá-los-á até ao martírio para o

¹⁶ Esta afirmação também pode ser verificada em Carta Apostólica *NOVO MILLENNIO INEUNTE*, 2001, n.42.

intrépido testemunho do Evangelho” (JOÃO PAULO II, 1998, n.1c).

A encíclica narra esses acontecimentos de Pentecostes, descrevendo: Estando os Apóstolos reunidos no mesmo Cenáculo em oração, juntamente com Maria, Mãe de Jesus, desceu o Espírito Santo prometido (Cf. At 2, 4): “Todos ficaram cheios de Espírito Santo e começaram a falar em outras línguas, segundo o Espírito lhes concedia que se exprimissem”. Este expressivo evento que marca a universalidade do dom salvífico e a missão do Espírito Santo que será reconduzir à unidade as “raças dispersas e oferecendo ao Pai as primícias de todas as nações” (DeV, 30).¹⁷ Em audiência geral tratando deste mesmo texto o papa fala que:

O acontecimento, que se realizou no cenáculo, não passou despercebido fora, à gente que então se encontrava em Jerusalém e eram — como lemos — judeus de diversas nações. ... a multidão reuniu-se e ficou estupefacta pois cada um os ouvia falar na sua própria língua (Act. 2, 6) (...). Todos estes ouviam, no dia do Pentecostes, os Apóstolos, que eram galileus, falar nas suas próprias línguas e anunciar as grandes obras de Deus (Cfr. Act. 2, 11). Assim o dia do Pentecostes traz em si o visível e perceptível anúncio da realização do mandato de Cristo: Ide ... ensinai todas as nações (Mt. 28, 19). Por meio da revelação das línguas vemos já, de certo modo, e ouvimos a Igreja que, obedecendo a esse mandato, nasce e vive entre as várias nações da terra (JOÃO PAULO II, 1979, n.3a).

Pode-se também, dizer que no momento em que a Igreja nasce ao receber do Espírito, o dom de “falar em línguas”, recebe a capacidade de “anunciar as maravilhas de Deus” (Cf. At 2,11), isto é, recebe “o dom de evangelizar”. Com isto, indica-se como se deve evangelizar, há uma “lei fundamental da história da salvação: não se pode em síntese falar do Senhor e em nome do Senhor, sem a graça e o poder do Espírito Santo”, atesta João Paulo II na catequese número 27, sobre o Espírito Santo. (JOÃO PAULO II, 1998, n.1g).

Esta perspectiva missionária, do primeiro anúncio aos que estão longe, a fim de dar “a conhecer Jesus Cristo e o seu Evangelho àqueles que não os conhecem, é precisamente, a partir da manhã do Pentecostes, o programa fundamental que a Igreja assumiu como algo recebido do seu Fundador” (EN, 51).

Neste mesmo sentido, o papa peregrino seguindo o papa Paulo VI retoma este chamado à evangelização e declara na Encíclica *Redemptoris Missio* que “não se pode perder a tensão para o anúncio, àqueles que estão longe de Cristo, porque esta é a tarefa primária da Igreja” (...). “A causa missionária deve ser a primeira de todas as causas” (RM, 34. 86).

“Todos têm o direito de receber o Evangelho”, diz o Papa Francisco, reafirmando a

¹⁷ O dia do Pentecostes traz em si o visível e perceptível anúncio da realização do mandato de Cristo: Ide (...). Ensinai todas as nações (Mt 28,19). Por meio da revelação das línguas vemos já, de certo modo, e ouvimos a Igreja que, obedecendo a esse mandato, nasce e vive entre as várias nações da terra (João Paulo II, 1979).

mesma fé da Igreja, na Exortação Apostólica *Evangelii Gaudium* (EG, 16).

O Pentecostes marca claramente que o ser e o agir da Igreja é missionário. Em Pentecostes, no cenáculo, se cumpre com plena exatidão a promessa acerca do Paráclito, feita antes dos eventos salvíficos, atesta o Papa. Quarenta dias após a ressurreição e ascensão, quando Jesus dá aos Apóstolos ordem (Cf. At 1, 4.5.8):

De não se afastarem de em que Jesus diz para permanecerem em Jerusalém, e esperarem até que se realizasse a promessa do Pai; “sereis batizados no Espírito Santo”; “recebereis uma força do Espírito Santo, que descera sobre vós, e sereis minhas testemunhas em Jerusalém, por toda a Judeia e Samaria, e até aos confins da terra”.

É claro que “apenas uma pessoa pode testemunhar para outra. Os apóstolos devem dar testemunho de Cristo. Seu testemunho de pessoas humanas será apoiado e confirmado pelo testemunho de uma Pessoa divina, o Espírito Santo” atesta o papa (JOÃO PAULO II, 1990, n.3a).

Nesta reflexão de como acontece o protagonismo do Espírito Santo na missão da Igreja, é importante observar a ação do “Paráclito” em Pedro no dia de Pentecostes, pois ela deixa entrever como o Espírito realiza a Sua missão no homem. Pedro, que antes estava com medo, fechado com os apóstolos no cenáculo em Pentecostes passa por uma mudança: (cf. Jo 20,19):

Agindo sob o influxo do Espírito Santo, recebido pelos Apóstolos quando estavam em oração no Cenáculo, São Pedro apresenta-se e fala diante de uma multidão de pessoas de diferentes línguas, reunidas para a festa. Proclama aquilo que, de certeza, não teria tido a coragem de dizer anteriormente (DeV, 30).

A “vinda do Espírito Santo fez deles testemunhas e profetas (cf. At 1, 8; 2, 17-18), infundindo uma serena audácia, que os leva a transmitir aos outros a sua experiência de Jesus e a esperança que os anima. O Espírito deu-lhes a capacidade de testemunhar Jesus “sem medo”¹⁸ (RM, 34). Percebe-se que os apóstolos ficaram ricos de *parresia*, isto é, de uma franqueza para falar de Jesus (JOÃO PAULO II, 1990).

Em Pentecostes cumpre-se, portanto, o que Jesus tinha predito e prometido sobre o Espírito Santo: “Ele dará testemunho de mim. E vós também dareis testemunho de mim” (Jo, 26-27). Ao dar o seu Espírito, que é fonte de vida, o Pai manifesta a Sua glória, tornando-a visível na vida daquele que a recebe. Nesse sentido que se expressou Santo Irineu ao dizer que “a glória de Deus é o homem vivo” (JOÃO PAULO II, 1998, n.3b)

¹⁸ “A expressão “sem medo” corresponde ao termo grego *parresia*, que significa também entusiasmo, vigor; cf. *Act* 2, 29; 4, 13. 29. 31; 9, 27. 28; 13, 46; 14, 3; 18, 26; 19, 8. 26; 28, 31”. (RM, 24).

Pedro torna-se com seu testemunho o principal modelo da ação do Espírito Santo que torna a pessoa capaz de dar o testemunho de Cristo. O testemunho de Cristo, além de ser “a primeira forma de evangelização é a própria vida do missionário, da família cristã e da comunidade eclesial, que torna visível um novo modo de se comportar”. É o principal modo como o Espírito age na missão da Igreja (RM, 42).

Percebe-se, assim na ação testemunhal outra resposta à problemática da pesquisa de como o Espírito Santo realiza o seu protagonismo na missão da Igreja, a seguir:

O Espírito Santo acompanha o caminho da Igreja, associando-a ao testemunho que Ele próprio dá de Cristo (cf. Jo 15, 26-27) (...). Não existe testemunho sem testemunhas, como não há missão sem missionários. Com a finalidade de colaborem na Sua missão e continuarem a Sua obra salvífica, Jesus escolhe e envia pessoas como Suas testemunhas e apóstolos (...). No entanto, nestes homens e por meio deles, o Espírito Santo permanece o sujeito protagonista transcendente da realização dessa obra, no espírito do homem e na história do mundo (...). Verdadeiramente o Espírito Santo é o protagonista de toda a missão eclesial (RM, 21, 42. 61).

O protagonismo do Espírito Santo na missão da Igreja é amplamente apresentado nas catequeses de São João Paulo II, sobretudo naquelas dedicadas ao Espírito Santo que apontam respostas à problemática desta pesquisa. Por exemplo, na catequese de 01 de Julho de 1998, a qual apresenta características da ação do Espírito Santo na vida da Igreja, onde expõe: sobre a necessidade do Espírito Santo para uma frutuosa missão, que Ele confere autoridade na pregação, é Ele que promove a construção da unidade e que é o Espírito que envia testemunhas de Cristo ao mundo (JOÃO PAULO II, 1998, n.4g).

A retomada da concepção da necessidade do Espírito Santo para a missão evangelizadora teve um grande impulso por meio de alguns momentos históricos nos últimos tempos da Igreja. Partindo de Leão XIII, e dos “Escritos de fogo”, da Beata Helena Guerra. Segue-se ao memorável São João XXIII que desejou e orou pedindo um novo Pentecostes na Igreja. Como se vê na encíclica de convocação do *Concílio Vaticano II (Humanae Salutis)*, quando ele rezava: “Renova em nossa época os prodígios, como em novo Pentecostes; e concede que a Igreja (...). Difunda o reino do divino Salvador, que é reino da verdade, de justiça, de amor e de paz. Assim seja” (HS, 23).

Em duas ocasiões, em (29/11/1972, L'Osservatore Romano de dezembro de 1972 e L'Osservatore Romano de 17/10/1974) o Papa Paulo VI fazendo uma reflexão sobre a experiência do Concílio fez uma proclamação magnífica, e de certo modo, profética:

Já nos perguntamos muitas vezes, quais são as maiores necessidades da Igreja (...). Que necessidade julgamos a primeira e última para nossa abençoada e diletta Igreja? (...) devemos dizer; com a alma trepidante e absorta na oração, que a Igreja tem necessidade do Espírito Santo, que é seu mistério, sua vida (...). A igreja tem

necessidade de seu perene Pentecostes; tem necessidade de fogo no coração, de palavra nos lábios, de profecia no olhar'; Mais do que nunca, a Igreja e o mundo precisam que o milagre de Pentecostes continue na história. (PAULO VI, 1972, 1974 apud BEZERRA, 2005, p.18-19).

O mesmo Papa Paulo VI expressou com uma linguagem jovial atualíssima, sobre o protagonismo do Espírito Santo na missão evangelizadora, dizendo que:

É um fato que o Espírito de Deus tem um lugar eminente em toda a vida da Igreja; mas, é na missão evangelizadora da mesma Igreja que ele mais age. Não foi por puro acaso que a grande balada para a evangelização sucedeu na manhã do Pentecostes, sob a inspiração do Espírito. Pode-se dizer que o Espírito Santo é o agente principal da evangelização: é ele, efetivamente que impele para anunciar o Evangelho, como é ele que nos mais íntimo das consciências leva a aceitar a Palavra da salvação (EN, 75).

Em audiência Geral, João Paulo II perpetua o convite do *Concílio Vaticano II* a perceber a ação do Espírito e os “‘Sinais dos tempos’ (GS, 4) a partir da vida de Cristo como indícios significativos da presença e da ação do Espírito de Deus na história”. Por disposição do Pai este “tempo”, se estende como um convite a “conhecer o amor de Cristo que supera todo o conhecimento”, para sermos “repletos de toda a plenitude de Deus” (Ef 3, 18-19). E com a coragem apostólica o papa ora dizendo:

Com o coração confiadamente aberto a esta perspectiva de esperança, invoco ao Senhor a abundância dos dons do Espírito para a Igreja inteira, “a fim que a “Primavera” do *Concílio Vaticano II* possa encontrar no novo milênio o seu “Verão”, isto é, o seu amadurecido desenvolvimento”. (JOÃO PAULO II, 1998, n.6i).

Na homilia da Missa Crismal da Quinta-feira Santa de 2012, Bento XVI fala da ação do Espírito na vida da Igreja no tempo do seu ministério papal e interpela com uma questão, que é pertinente ao assunto:

Não será que, com tais considerações, o que na realidade se defende é o imobilismo, a rigidez da tradição? Não! Quem observa a história do período pós-conciliar pode reconhecer a dinâmica da verdadeira renovação, que frequentemente assumiu formas inesperadas em movimentos cheios de vida e que tornam quase palpável a vivacidade inexaurível da Santa Igreja, a presença e a ação eficaz do Espírito Santo. E se olharmos para as pessoas de quem dimanaram, e dimanam, estes rios pujantes de vida, vemos também que, para uma nova fecundidade, se requer o transbordar da alegria da fé, a radicalidade da obediência, a dinâmica da esperança e a força do amor. (BENTO XVI, 2012).

Esta força do Espírito que impulsiona a missão da Igreja permanece viva. Verifica-se isto nas palavras do atual papa, que por coincidência providencial fala da missão no Brasil:

Ao tratar do mês Missionário Extraordinário com a celebração do Sínodo Especial sobre as Igrejas na Amazônia leva-me a assinalar como a missão, que nos foi confiada por Jesus com o dom do seu Espírito, ainda seja atual e necessária também para aquelas terras e seus habitantes. Um renovado Pentecostes abra de par em par as portas da Igreja, a fim de que nenhuma cultura permaneça fechada em si mesma e

nenhum povo fique isolado, mas se abra à comunhão universal da fé (...). A Páscoa de Jesus rompe os limites estreitos de mundos, religiões e culturas, chamando-os a crescer no respeito pela dignidade do homem e da mulher, rumo a uma conversão cada vez mais plena à verdade do Senhor Ressuscitado, que dá a verdadeira vida a todos. (FRANCISCO, 2019, p.3).

Com esse eloquente testemunho do Magistério da Igreja, pode-se afirmar, com as palavras de Bento XVI sobre a obra do Espírito Santo que “se vê claramente que a configuração a Cristo é o pressuposto e a base de toda a renovação”. Esta configuração com Cristo é realizada pelo Espírito (CIC, 1121). Mas, a figura de Cristo pode parecer alta demais ao alcance, por isso Jesus providenciou aqueles que seriam “traduções” d’Ele, mais acessíveis e próximos aos seus seguidores. Cita-se, o exemplo de São Paulo, o qual era uma ‘tradução’ do estilo de vida de Cristo, que todos podiam ver e à qual poderiam aderir (BENTO XVI, 2012).

Tais afirmações confirmam o que disse João Paulo II, na praça de S. Pedro, em Roma reunido num grande Cenáculo de Pentecostes, desejando a efusão do Espírito a toda a Igreja. Assim Ele professa:

O Espírito é o mesmo..., o Senhor é o mesmo... é o mesmo Deus que “opera tudo em todos” (1Cor 12, 4-6) (...). Disse Jesus: “Vim lançar fogo sobre a terra; e que quero Eu senão que ele já esteja ateado? (LC 12, 49)” (...). Acolhamos o convite do Senhor, para que seu fogo se propague nos corações. Cristo repete a cada um de vós: “Ide pelo mundo inteiro e anunciai o Evangelho a todas as criaturas” (Mc 16, 15). Ele conta com cada um de vós, a Igreja conta convosco. “Eis – assegura o Senhor – Eu estarei sempre convosco, até ao fim do mundo” (Mt 28, 20). Estou convosco. Amém! (JOÃO PAULO II, 1998, n. 1.9c).

O próprio apóstolo Paulo, testemunhou que ele realizou a sua missão, movido pelo Espírito Santo, ao dizer: “Minha palavra e minha pregação nada tinham da persuasiva linguagem da sabedoria, mas eram uma demonstração de Espírito e poder de Deus” (I Cor 2, 4-5). Pode-se, com isto, declarar que “Nunca será possível haver evangelização sem a ação do Espírito Santo” (EN, 75).

Como também afirmou René Laurentin: “Espírito Santo é a resposta”, diante do desafio da atividade missionária da Igreja no mundo atual (LAURENTIN, 1977, p.16).

CAPÍTULO II - O ESPÍRITO QUE CONVENCE QUANTO AO PECADO EM ORDEM À SALVAÇÃO

A temática desenvolvida neste capítulo trata da missão do Espírito Santo de convencer quanto ao pecado, a justiça e o juízo. Apresentar-se-á a realidade do pecado original e a missão do Espírito Santo no tríplice múnus de Cristo, este assunto é valiosíssimo diante do grande desconhecimento daquilo que é essencial à fé cristã, do crescente desrespeito da dignidade da pessoa, onde a vida é ameaçada pela cultura materialista, cenário este, descrito pelo papa peregrino como uma “cultura de morte” que persiste nos dias de hoje.

O Espírito Santo que suscita uma vida íntegra na fé, uma sólida esperança e autêntica caridade é apresentado como resposta aqueles que estão angustiados com as dores do tempo presente e não experimentam a presença deste Consolador.

2.1. Que convence o mundo quanto ao pecado, a justiça e o juízo

A função do Espírito Santo na conversão do pecador é a sua maior e mais extraordinária missão. O espírito realiza esta ação no interior do homem, a nível comunitário (na Igreja) e no mundo (CONGAR, 2.205, p. 169).

No Cenáculo em seu discurso de despedida, Jesus mesmo fala da dimensão do pecado e como o Espírito Santo agirá a fim de realizar a sua missão no mundo, ao dizer que: “Ele, quando vier, convencerá o mundo quanto ao pecado, quanto à justiça e quanto ao juízo” (Cf. Jo 16,7s). Jesus mesmo dá o significado destas três palavras: “pecado, justiça e juízo”, correlaciona-as a uma ação própria do Espírito Santo que é o convencer o mundo (Cf. Jo 16,8-11): “Ele convencerá quanto ao pecado, porque não crêem em mim; quanto à justiça, porque eu vou para o Pai e não me vereis mais; e quanto ao juízo, porque o príncipe deste mundo já está julgado” (DeV, 27).

Com base nesta explicação feita por Jesus, João Paulo II aprofunda o seu significado ao dizer que: “O pecado”, é a incredulidade que Jesus encontrou no meio dos “seus”. Significa, ainda a rejeição da sua missão, que conduzirá os homens a efetuar a condenação de Jesus à morte. Quando fala, da “justiça”, Jesus se refere aquela “justiça definitiva, que o Pai lhe fará, revestindo-o da glória da ressurreição e da ascensão ao céu. No contexto do “pecado” e da “justiça” assim entendidos, “o juízo” significa, por sua vez, que o Espírito da verdade demonstrará a culpa do “mundo” na condenação de Jesus à morte de Cruz. Entretanto a obra de convencimento do “juízo” que o Espírito Santo fará tem como finalidade a continuação da

obra salvífica de Cristo. Pois Jesus “não veio ao mundo somente para o julgar e condenar: Ele veio para o salvar” (Cf. Jo 3, 17; 12, 47) (DeV, 27).

A encíclica mostra que este “convencer” está em relação com o contexto das palavras no discurso de despedida de Jesus no Cenáculo. Pois, quando o Espírito Santo assume do Filho a obra da Redenção do mundo, assume consequentemente a função de o “convencer quanto ao pecado” em vistas à salvação. Portanto, a obra do Espírito de convencimento do pecado, está em relação com a “justiça”, à justificação (salvação) definitiva obtida por Jesus na cruz. Ou seja, a economia salvífica de Deus que: De certa maneira subtrai o homem ao “juízo”, à condenação, com que foi punido o pecado de Satanás, “príncipe deste mundo” que, por causa do seu pecado, se tornou “dominador deste mundo tenebroso” (Cf. 6,12). Assim, segundo o papa, compreende-se que:

Mediante esta referência ao “juízo”, se patenteiam vastos horizontes para a compreensão do “pecado”, bem como da “justiça”. O Espírito Santo, mostrando o *pecado* na economia da salvação, tendo como fundo a Cruz de Cristo, dir-se-ia “o pecado salvado”, leva também a compreender como a sua missão é a de “convencer” mesmo quanto ao pecado que já foi definitivamente julgado “o pecado condenado”. (DeV, 28).

Quanto à função do Espírito Santo na conversão do pecador: a partir do Evangelho Joanino que diz que o Espírito “Confundirá o mundo a respeito do pecado” (Cf. Jo 16,8), Yves Congar traz que é concorde entre os exegetas que o sentido global deste texto, está dentro do quadro cuja tarefa é revisar o “processo histórico de Jesus e sua condenação pelo mundo: trata-se de saber de que lado está o pecado, e de que lado está a justiça. A função do Paráclito “consiste em obrigar o mundo a reconhecer sua falta e a se confessar culpado” (CONGAR, 2005, p. 169).

Um testemunho bíblico deste convencimento do pecado encontra-se no Antigo Testamento na história de Davi, quando o profeta aponta o pecado de adultério e assassinato que o rei havia cometido; e em seguida, Davi vive todo um processo de arrependimento que suscitou o salmo 51 (Cf. 2 Sam 12, 1-13). No Novo Testamento o “convencer do pecado” para salvação do pecador, é a obra mais visível no ministério de Jesus. O arrependimento de Pedro após a negação do seu mestre é o exemplo mais fiel do amor misericordioso de Jesus, ante o pecado do homem (CIC, 1429).

Esta obra do Espírito Santo de “convencer do pecado” O Catecismo da Igreja Católica associa ao texto de São Paulo que afirma: “Onde abundou o pecado, superabundou a graça” (Cf. Rm 5, 20). Mas, para que a Graça realize a sua obra, ela tem de pôr a descoberto o pecado, a fim de converter o coração e obter “a justiça para a vida eterna, por Jesus Cristo, nosso Senhor” (Cf. Rm 5,21). Para explicar como acontece essa obra de convencimento do

pecado é feita também uma analogia, dizendo que a ação é como aquela de um médico que examina a ferida antes de lhe aplicar o remédio. Assim explica o Catecismo que:

Deus, pela sua Palavra e pelo seu Espírito, projeta uma luz viva sobre o pecado. A conversão requer o reconhecimento do pecado. Contém em si mesma o juízo interior da consciência. Pode ver-se nela a prova da ação do Espírito de verdade no mais íntimo do homem. Torna-se, ao mesmo tempo, o princípio dum novo dom da graça e do amor: “Recebei o Espírito Santo”. Assim, neste “convencer quanto ao pecado”. Descobrimos um duplo dom: o dom da verdade da consciência e o dom da certeza da redenção (CIC, 1848). (DeV, 31).

Percebe-se que este duplo dom, que o Espírito santo comunica; isto é, o da verdade na consciência (mostra o pecado) e o da certeza da redenção (do perdão), se realiza a nível pessoal, na Igreja, e em todo o mundo, afirma Congar¹⁹. É algo como aconteceu com Zaqueu, a graça entrou na casa dele, proveniente, e assim ele se reconhece pecador (Cf. Lc 19, 1-10). Este evangelho faz parte da Liturgia, para a festa da dedicação de uma Igreja, significa que: A Igreja é esta pecadora que recebe antecipadamente um perdão gratuito e que se converte, quando o Senhor vem se hospedar nela. “A Igreja é, e sempre será, a vinda da salvação a uma casa onde o Senhor vem habitar, começando por uma convicção de injustiça ou de pecado”. A noção de que o Espírito perdoa os pecados por meio da Igreja, se desenvolveu naquilo que às vezes, é chamado de Pentecostes joanino, como explica Congar:

Uma visão de economia trinitária atribuiu à virtude do Espírito Santo o “poder” de perdoar os pecados (Jo 20, 21-23) (...). É o espírito que age na remissão dos pecados. É porque ele habita na Igreja que ele pode perdoar os pecados. A tradição ligou a vinda do Espírito Santo ao dia de Pentecostes, 50 dias após a Páscoa, no jubileu (...). A liturgia uniu esse dado com a palavra instituidora de Jesus e celebra o dom do Espírito Santo como o perdão dos pecados, “*quia ipse est remissio peccatorum* (ele é a remissão dos pecados). (...) na oração após a comunhão da terça-feira de Pentecostes no rito romano (CONGAR, 1990, p. 170).

Na Constituição Pastoral *Gaudium et Spes*, na qual o bispo Wojtyla, colaborou na redação do texto final, fica claro o papel da Igreja nesta perspectiva do perdão, acima explanado, assim declara: A Igreja tem unicamente o objetivo de “continuar, sob a direção do

¹⁹Esta afirmação é desenvolvida por Yves Congar, onde afirma quanto a função do Espírito de convencer o mundo quanto ao pecado que: “Aquilo que o Novo Testamento diz sobre a sua função de testemunha em conjunto com os apóstolos. (...) Visa à conversão, a metanoia do mundo: é no quadro de Pentecostes que os Atos dos Apóstolos falam disso (At 2,37-38). A nível pessoal: “O espírito age dentro, onde ele penetra como uma unção. Ele nos faz experimentar, num nível mais profundo que o do remorso por esta, ou aquela falta, a atração soberana do Absoluto, do Puro, do Verdídico, de uma vida nova oferecida pelo Senhor Jesus que ele nos dá, diante de tudo isso, uma consciência pungente de nossa miséria, da mentira e do egoísmo dos quais nossa vida está cheia. Nós nos sentimos julgados e, ao mesmo tempo, antecipados pelo perdão e pela graça (...). Na Igreja atesta que: “O artigo sobre o Espírito Santo o símbolo quer explicar numa enumeração das obras do espírito: Igreja, batismo, remissão dos pecados (...). É bem na linha cristológica, segundo a qual “o perdão dos pecados é concedido por seu Nome (de Cristo) a qualquer um que coloca nele a sua fé” (At 10,43; 13,38-39; Lc 24,47). Contudo, o Senhor glorificado age pelo seu Espírito. (CONGAR, 2010, p. 169-170). (CANTALAMESSA, 1990, p.181-196). (DIVINUM ILLUD MUNUS, 1897, n.13).

Espírito Consolador, a obra de Cristo que veio ao mundo para dar testemunho da verdade (Jo 18, 37), para salvar e não para julgar, para servir e não para ser servido (Jo 3, 17; Mt 20, 28; Mc 10,45) ” (GS, 1965).

Esta obra é atribuída ao Espírito Santo, amor do Pai e do Filho, posto que tal “sublime mistério da piedade” (cf. I Tim 3,16) procedeu da imensa benevolência de Deus para com os homens, como atesta São João (Cf. Jo 3,16): “assim Deus amou ao mundo, a ponto de lhe doar seu Filho Unigênito” atesta-se na *Divinum Illud Munus* (DIM, 1).

Ante a realidade da amplitude do pecado no mundo contemporâneo²⁰, a função do Espírito de convencer quanto ao pecado se mostra imprescindível. Pois, a universalidade, a temporalidade e a gratuidade da obra da Redenção comunicada por meio do Espírito Santo, são a perfeita medida para esta situação. Posto que, todos os pecados que se cometeram em qualquer lugar e em qualquer momento, eles são referidos à Cruz de Cristo, incluindo indiretamente, portanto, também o pecado dos que ‘não acreditaram n’Ele’, condenando-o à morte de Cruz, afirma João Paulo II (DeV, 29).

Quanto ao tempo e aos destinatários da redenção, do mesmo modo, afirma São Paulo (Cf. Rom 5, 6-8), “Foi, com efeito, quando éramos fracos que Cristo, no tempo marcado, morreu pelos ímpios (...). Mas Deus demonstra seu amor para conosco pelo fato de ter Cristo morrido por nós quando ainda éramos pecadores”. O *concílio Vaticano II*, de igual modo afirmou que: “o Espírito santo a todos dá a possibilidade de se associarem ao mistério pascal por um modo só de Deus conhecido” (GS, 22).

Por isso, já não se pode dizer: “Fora da Igreja não há salvação”, isto, no sentido em que se dizia no passado. Da mesma maneira, já não se pode dizer que: “Fora da Igreja não há Espírito Santo”. Pois o Espírito Santo opera misteriosamente “fora dos limites da Igreja, ainda que não sem uma determinada referência a ela” (CANTALAMESSA, 2014, p. 85).

No primeiro anúncio, o testemunho do Espírito da verdade fala pela boca de São Pedro e convence o mundo quanto ao pecado: “convence-o, antes de mais, quanto àquele pecado que é a rejeição de Cristo, até ao ponto de condená-lo à morte de Cruz”. Este conteúdo será repetido em outras proclamações (Cf. At 3, 14 s., 4, 10. 27s.; 7, 52, 10, 39; 13, 28s. etc.). Portanto, o conteúdo do testemunho em Pentecostes que convence do pecado “anda ligado de

²⁰Segundo a Constituição pastoral este é o “mundo dos homens, ou seja a inteira família humana, com todas as realidades no meio das quais vive; esse mundo que é teatro da história da humanidade, marcado pelo seu engenho, pelas suas derrotas e vitórias; mundo, que os cristãos acreditam ser criado e conservado pelo amor do Criador; caído, sem dúvida, sob a escravidão do pecado, mas libertado pela cruz e ressurreição de Cristo, vencedor do poder do maligno; mundo, finalmente, destinado, segundo o desígnio de Deus, a ser transformado e alcançar a própria realização” (GS, 1965, n.2).

modo orgânico com o testemunho que deve ser dado do mistério pascal: do mistério do Crucificado e do Ressuscitado”. E marca definitivamente a obra salvífica que o Espírito Santo realizará no mundo por meio da Igreja (DeV, 30).

Isto é bem salientado por Pedro, quando anuncia Jesus crucificado, constituído como Senhor e Messias (At 2,36). Em seguida diante do questionamento do povo, sobre o que fazer diante do pecado que cometeram, Pedro expõe-lhes a mensagem da redenção: “Convertei-vos e peça cada um o Batismo em nome de Jesus Cristo, para a remissão dos seus pecados; recebereis, então, o dom do Espírito Santo” (At 2,37s)²¹. Deste modo, percebe-se que o “convencer quanto ao pecado”, significa “convencer quanto à remissão dos pecados”. Na encíclica se explica, portanto como acontece a ação do Espírito de comunicar, este “novo princípio da redenção em Cristo” ao tratar do duplo dom do Espírito na obra de convencer do pecado, e o papa aprofunda a questão da necessidade da conversão para obter o Dom do Espírito (DeV, 31).

O duplo dom na remissão dos pecados é explicado por Cantalamessa, o qual afirma que quando fala do arrependimento para o perdão dos pecados e diz em seguida: “recebereis, então, o Espírito Santo” (At 2,38), isto não significa que primeiro acontece a remissão dos pecados, e só depois vem o dom do Espírito Santo. Mas, significa que o Espírito Santo realiza no interior do homem, as duas coisas simultaneamente, ou seja, o Espírito da verdade traz luz, e assim revela o pecado; e, ao mesmo tempo, como Espírito Consolador realiza a justificação. Entende-se bem isto, quando o autor explica que: Isto significa, de certa forma, que, no primeiro momento, “o Espírito está presente como operante, ao passo que, depois, uma vez purificados (...). Ele fica presente também como dom e como posse que permanece” (CANTALAMESSA, 2014, p.188).

Percebe-se assim, outra resposta ao problema tratado nesta pesquisa “A narrativa de Pentecostes é a melhor ilustração de como o Espírito incita à contrição e opera através dela”. O testemunho de Pedro é uma tremenda acusação: “Vós matastes a Jesus de Nazaré!”, Entretanto o conteúdo do anúncio leva à contrição (Cf. At 2,23); nele, o Espírito “Paráclito” está a convencer do pecado (Cf. Jo 16,8). Eles compreenderam que se Jesus morreu por todos os pecados, eles também crucificaram a Jesus de Nazaré, ainda que não tenham diretamente participado da crucificação de Jesus (CANTALAMESSA, 2014, p.198).

São Pedro em Pentecostes exorta à conversão, assim como “Jesus exortava os seus ouvintes no início da sua atividade messiânica”, aponta João Paulo II (Cf. Mc 1, 15). Isto

²¹Sobre esta afirmação, ver também RM,1990, n.46-47.

mostra que o “ministério do anúncio apostólico na Igreja nascente”, também é feito no poder do Espírito Santo. O anúncio em Pentecostes é feito aos moldes do ministério de Cristo que visava convencer aqueles que “não acreditaram” (Cf. Jo 16,9) como acima citado, ao falar do “maior pecado que o homem podia cometer que é a morte de Jesus, Filho de Deus, consubstancial ao Pai!”. Nesta mesma morte, diz o papa que “o Filho de Deus vence a morte humana”. Isto resulta na confusão do homem, pois diante do maior pecado cometido da parte do homem “corresponde, no coração do Redentor, a oblação do supremo amor” (DeV, 31).

Nos Atos dos Apóstolos se atribui à pessoa de Jesus a remissão dos pecados, isto foi bem entendido pelos padres da Igreja, que deve ser interpretado à luz do princípio geral da Escritura, que atesta: “tudo nos é dado pelo Pai, por meio de Cristo, no Espírito Santo”. Neste sentido, São Basílio afirma que: “A purificação dos pecados dá-se na graça do Espírito”. Santo Agostinho por sua vez, declara que: “A caridade que, mediante o Espírito Santo, se derrama nos corações é ela mesma que perdoa os pecados” (CANTALAMESSA, 2014, p.188-189).

O Papa Leão XIII, nesta mesma perspectiva, já havia afirmado na *Divinum Illud Munus* que se deve rogar ao Espírito Santo a graça indispensável do perdão dos pecados. Ele diz também que: “o perdão dos pecados realiza-o o Espírito santo, enquanto é dom de Deus (Cf. Suma Teol., III, q.3, a.8, n.3) e conforme a liturgia expressa sobre o Espírito quando diz: “Ele é a remissão de todos os pecados” (Missal Rom., Terça-feira depois de pentecostes). (DIM, 31).

2.2 A realidade original do pecado e o Espírito no tríplice múnus de Cristo

É no Espírito que Jesus exerce sua tríplice missão. “A missão real que O empenha contra o Espírito do mal, a missão profética, que O torna pregador incansável da Boa Nova, e a missão sacerdotal que o impele ao louvor e à oferta de Si ao Pai para a nossa salvação” (JOÃO PAULO II, 1998, n.3e).

A ação do Espírito Santo no combate das realidades do mistério do mal é desenvolvida na *Dominus et Vivificantem* a partir da reflexão da dimensão do pecado. Como já abordado em referência no testemunho do “princípio”, conforme se vê no Livro do Gênesis (Cf. Gn 1-3), e conforme se atesta na Palavra de Deus, que o pecado original “constitui o princípio e a raiz de todos os outros”. Ou seja, a realidade original do pecado²² perpassa toda a história do homem

²² Dentro da doutrina da criação; tratando-se especificamente “do pecado hereditário”, diante das descobertas da mais recente exegese histórico-crítica, assim como a pesquisa da evolução, que se impuseram no século XX,

e “ao mesmo tempo a “globalidade da economia da salvação”. No pecado, “do princípio” se dá o início do “mistério da iniquidade”; mas, ao mesmo tempo, o pecado está relacionado ao poder redentor do “mistério da piedade”. É o que São Paulo traz (Cf. Rom 5, 19; Fil 2, 8) na contraposição que faz entre a “desobediência” do primeiro Adão e a “obediência” do segundo Adão; “Cristo” cuja obediência foi até à morte” (DeV, 33).

A cura, portanto, ocorre onde se consumou o pecado, ou seja, na vontade, pois o pecado para a Bíblia é desobediência, ou seja, um ato da vontade, afirma Cantalamessa (CANTALAMESSA, 2014, p.185).

Esta noção sobre a “desobediência”, isto é, o pecado do “princípio” é aprofundado por João Paulo II que faz uma correlação entre o pecado original, com mesma “não-fé”, que se repetirá posteriormente da parte dos homens em relação a Cristo, enfim a Deus:

O Verbo, que é também Lei eterna, fonte de toda a lei, que regula o mundo e especialmente os atos humanos. Portanto, quando Jesus Cristo, na véspera da sua Paixão, fala do pecado daqueles que “não acreditam n'Ele”, nestas suas palavras, repassadas de sofrimento, há como que uma alusão longínqua àquele pecado que, na sua forma original, se inscreve obscuramente no próprio mistério da criação. (DeV, 33).

Deste modo, assim como no princípio, o pecado se caracteriza por um “ato realizado como efeito da tentação, que provém do ‘pai da mentira’ (cf. Jo 8,44). Mostra-se, portanto que na raiz do pecado está a mentira como radical rejeição da verdade contida no Verbo do Pai, mediante o qual se exprime a onipotência amorosa do Criador”. O Espírito de Deus, que estava presente na criação, e perscruta as profundezas de Deus, não é somente a testemunha direta do amor recíproco entre o Pai e o Filho. Mas, Espírito Santo é esse Amor. “Ele mesmo, como Amor, é o eterno Dom incriado. N'Ele está a fonte e o início de toda a boa dádiva para as criaturas” (DeV, 33-34).

Nota-se na *Redemptoris Missio* que neste amor que Deus tem pelos homens e no dom da participação da vida nova que Ele oferece, está o fundamento da urgência da atividade missionária. Diante do dom da Vida nova, oferta amorosa de Deus, é pedido ao homem que a “acolha e desenvolva, se quiser realizar integralmente a sua vocação, conformando-se a Cristo” (RM, 7-8).

obrigaram a um reexame da doutrina eclesiástica e dos seus conteúdos que ela realmente quer expressar (...). Tentativas mais recentes de elaborar o testemunho da tradição da doutrina do pecado hereditário destaca, sobretudo duas intenções: no conceito do “pecado hereditário” enuncia-se, em primeiro lugar, a universalidade da necessidade de redenção da humanidade, e, em segundo lugar, o enraizamento no todo de uma realidade insalutar, preestabelecida à decisão individual pelo mal, ao ato pecaminoso pessoal (SATTLER; SCHENEIDER, 2012, p. 204- 205)

Isto faz lembrar que “O cristianismo é graça, é a surpresa de um Deus que, não satisfeito com criar o mundo e o homem, saiu ao encontro da sua criatura e, depois de ter falado muitas vezes e de diversos modos pelos profetas, ‘falou-nos agora, nestes últimos tempos, pelo Filho’ (Heb 1,1-2)”, afirma o Pontífice na Carta Apostólica *Novo Millennio Ineunte* (NMI, n. 4).

A salvação em Cristo que a Igreja, anuncia e testemunha é uma autocomunicação de Deus. Que bela proclamação do mistério do amor de Deus pelo homem, faz o papa ao dizer que:

O amor não só cria o bem, mas faz participar também na própria vida de Deus: Pai, Filho e Espírito Santo. Com efeito, aquele que ama quer dar-se a si mesmo. Deus oferece ao homem esta novidade de vida. “Poder-se-á rejeitar Cristo e tudo aquilo que Ele introduziu na história do homem? Certamente que sim; o homem é livre: ele pode dizer não, a Deus. O homem pode dizer não, a Cristo. Mas permanece a pergunta fundamental: é lícito fazê-lo? É lícito, em nome de quê? (...). “A missão é um problema de fé, é a medida exata da nossa fé em Cristo e no Seu amor por nós”. (RM, 7-8. 11).

Percebe-se que a Pneumatologia de São João Paulo II tem como característica o ato da fé na Pessoa divina do Espírito Santo. Desde o início do seu pontificado ele aponta a importância da fé²³ dom do Espírito Santo e do encontro pessoal com Cristo na evangelização, conforme se vê a seguir:

A Jesus só se chega verdadeiramente pelo caminho da fé (...). É precisamente este passo sucessivo de conhecimento, que diz respeito ao nível profundo da sua pessoa, que Ele espera dos “seus”: “E Vós, quem dizeis que Eu sou?” (Mt 16,15). Só a fé professada por Pedro — e, com ele, pela Igreja de todos os tempos — atinge o coração do mistério, a sua profundidade: “Tu és o Cristo, o Filho de Deus vivo” (Mt 16,16) (...). “É necessária uma graça de “revelação” que vem do Pai como Jesus mesmo afirmou a Pedro: (cf. Mt 16,17). Essas duas anotações levam-se a “tomar consciência de que, à plena contemplação do rosto do Senhor, não chegamos pelas nossas simples forças, mas deixando a graça conduzir-nos pela sua mão” (NMI, 19-20).

Nas Escrituras são narrados diversos encontros com Jesus, são marcantes alguns que o papa expõe na Exortação Apostólica *Ecclesia in América*, particularmente aquele ocorrido com a Samaritana, quando Ele a diz dá água que pode saciar a sede dela, que não era só material. Da mesma forma, quando Jesus encontra Zaqueu, “o fruto mais precioso é a conversão do publicano, que toma consciência das injustiças cometidas”. Além disso, ele assume uma atitude de desprendimento dos bens materiais e de caridade para com os indigentes (cf. Lc 19, 1-10). Entre os encontros com o Senhor ressuscitado aquele que “teve

²³Explica o Catecismo que a “fé é um dom de Deus”, e que só se chega a ela mediante uma graça prévia de Deus e com os auxílios internos do Espírito Santo. Eis como o Espírito age nessa obra: ele “move o coração e o converte a Deus, abre os olhos da mente e dá a todos a suavidade no consentir e crer na verdade” (CIC, 153).

influência decisiva na história do cristianismo foi, sem dúvida, a conversão de Saulo, o futuro Paulo, apóstolo das gentes, no caminho para Damasco. Foi ali que se deu a mudança radical da sua vida, passando de perseguidor a apóstolo (cf. At 9, 3-30; 22, 6-11; 26, 12-18)”. Paulo mesmo fala dessa “extraordinária experiência como uma revelação do Filho de Deus, ‘a fim de que eu O tornasse conhecido entre os gentios’” (Gal 1, 16) (EA, 8).

O encontro pessoal com Cristo, fruto da fé, é apresentado pelo Papa João Paulo II como legado do grande jubileu (NMI, 2001, n.4). É indicado como necessário à evangelização, pois segundo o papa: “o apostolado autêntico exige como condição prévia o encontro pessoal com Jesus vivo, o Senhor (cf. Ap 1, 17-18)” (JOÃO PAULO II, 2004). Ele confirma isto em discurso ao dizer que: “o encontro com Jesus Cristo está ligado à qualidade da vida eclesial” (JOÃO PAULO II, 1981).

Percebe-se que esta concepção da fé suscitada da experiência pessoal com Cristo e do valor desta experiência para a vida cristã perpassa vários de seus documentos e reflete assim a linha de pensamento deste Pontífice. Esta importância da fé para um encontro pessoal com Jesus que João Paulo expressava é igualmente desenvolvida por Bento XVI, pode-se verificar isto, a seguir quando afirmou no *Angelus*:

A multidão (...) pergunta: “Que devemos fazer para praticar as obras de Deus?” (v. 28). A resposta de Jesus é clara: “A obra de Deus é esta: que acrediteis naquele que Ele enviou” (v. 29). O centro da existência, aquilo que dá sentido e esperança firme ao caminho muitas vezes difícil da vida é a fé em Jesus, o encontro com Cristo. Também nós perguntemos: “Que devemos fazer para ter a vida eterna?” E Jesus diz: “Acreditei em mim”. A fé é o elemento fundamental. Não se trata aqui de seguir uma ideia, um programa, mas de encontrar Jesus como uma Pessoa viva, de se deixar comprometer totalmente por Ele e pelo seu Evangelho (...). Jesus não concede algo, doa-se a si mesmo: Ele é o “pão verdadeiro, descido do céu”, Ele, a Palavra viva do Pai; e é no encontro com Ele que acolhemos o Deus vivo. (BENTO, XVI, 2012).

Nota-se que por diversos meios se procura levar ao encontro pessoal com Jesus, encontra-se com Ele como Curador, Mestre, Amigo, Senhor. Percebe-se que: “em tudo isto não se pode chegar senão através do Espírito Santo”, afirma Elias Vella. Este autor fala da necessidade de um encontro pessoal com o Espírito Santo, pois é o Espírito que conduz a Jesus, ajuda a entregar a vida a Ele, traz a graça da conversão e do desapego material (VELLA, 2005, p.9). Do mesmo modo fala de um encontro pessoal com o Espírito Santo, o Cardeal Ratzinger na obra *Vem Espírito Santo* (RATZINGER, 1999, apud CANTALAMESSA, 2014, p.16).

Esta experiência extraordinária está presente na Igreja, nascida no evento de Pentecostes, e acompanha-a ao longo dos séculos. O próprio Espírito confirma, em união com

o nosso espírito, que somos filhos de Deus (*Rm* 8, 15-16). “Eis-nos no centro do mistério! É no encontro entre o Espírito Santo e o espírito do homem que se situa o coração mesmo da experiência vivida pelos Apóstolos no Pentecostes” (JOÃO PAULO II, 1998, n.3d).

Esta perspectiva auto descendente, isto é, de Deus que se revela ao homem, é uma característica própria da teologia joanina e mostra o protagonismo de Deus em relação à obra criada e em relação ao homem. A encíclica transmite que é perceptível ver na Sagrada Escritura elementos que apresentam o homem criado à *imago Dei*, isto é à imagem e semelhança de Deus e por isso é *capax Dei*²⁴, isto é, capaz de um encontro pessoal com Deus, com o transcendente:²⁵

O homem é dotado de “racionalidade e liberdade, como propriedade constitutiva da natureza humana, mas também de capacidade, desde o princípio, para uma relação pessoal com Deus (...), por conseguinte, capacidade de aliança, que se verificará com a comunicação salvífica de Deus ao homem”. Com este pano de fundo da “imagem e semelhança de Deus”, “o dom do Espírito” significa, afinal, chamamento à amizade, na qual as transcendentes “profundezas de Deus”, são abertas, de algum modo, à participação por parte do homem (DeV, 34).

O Concílio Vaticano II, ao tratar desta dimensão espiritual da revelação, ensina na *Dei Verbum* que: O “Deus invisível (cf. Col 1, 15; 1 *Tim* 1, 17), na riqueza do seu amor, fala aos homens como a amigos (cf. Ex 33, 11; Jo 15, 14-15) e conversa com eles (cf. *Bar* 3, 38), para os convidar e os admitir à comunhão com Ele” (DV, 122).

Nota-se assim a profundidade da possível comunhão, entre Deus e os homens por meio do Espírito Santo, posto que “Ele é o amor do Pai e do Filho”, concluiu o Pontífice. A partir de Pentecostes, abre-se um caminho para a comunhão entre o homem e o Espírito, tal comunhão torna o homem capaz para dar continuidade ao anúncio da obra de redenção, de convencimento do “pecado do princípio”, que consiste na mentira e na recusa do Dom do Redentor e do Amor (DeV, 35).

Para entender o mistério do pecado e o sentido do seu mal ao homem, o *Catecismo* diz que: “é preciso antes, reconhecer a ligação profunda do homem com Deus e fora desta relação

²⁴ Ver também em Catecismo da Igreja Católica, 2000, n. 27-49. (GS, 12)

²⁵ João Paulo II na abertura do ano dedicado ao Espírito Santo apresenta que: “Já no Antigo Testamento emergem dois traços da misteriosa identidade do Espírito Santo, depois amplamente confirmados pela revelação do Novo Testamento. O primeiro traço é a absoluta transcendência do Espírito, que por isso é chamado “santo” (Is 63, 10.11; Sl 51, 13). Para todos os efeitos o Espírito de Deus é “divino”. Não é uma realidade que o homem pode conquistar com as suas forças, mas um dom que vem do alto: só se pode invocá-lo e acolhê-lo. Infinitamente “outro” a respeito do homem, o Espírito é comunicado com total gratuidade a quantos são chamados a colaborar com Ele na história da salvação. E quando esta energia divina encontra um acolhimento humilde e disponível, o homem é arrancado do seu egoísmo e libertado dos seus temores, e no mundo florescem o amor e a verdade, a liberdade e a paz. (JOÃO PAULO II, 1998, n.5a).

o mal do pecado não é desmascarado em sua verdadeira identidade de recusa e de oposição a Deus, embora continue a pesar sobre a vida do homem e da história. (CIC, 386).

Todavia, este chamado do homem à amizade com Deus só pode ser vivenciado segundo os critérios inerentes à sua condição de criatura. Percebe-se isto, à luz do mistério da criação, sendo o homem é um ser criado, sujeito pessoal, será sempre uma criatura que depende do Criador por sua essência. Logo, a transgressão dos limites estabelecidos pelo Criador, significa que o homem não reconhece aquilo que Ele é em relação a Deus. O papa explica, portanto que:

Deus é primeira e soberana fonte para decidir sobre o bem e o mal (...). Ao homem, criado à imagem de Deus, o Espírito Santo concede como dom a consciência, a fim de que nela a imagem possa refletir fielmente o seu modelo,[Cristo] que é, a um tempo, a própria Sabedoria e a Lei eterna, fonte da ordem moral no homem e no mundo (...). O Espírito que “perscruta as profundezas de Deus” e que, ao mesmo tempo, é para o homem a luz da consciência e a fonte da ordem moral, conhece em toda a sua amplitude esta dimensão do pecado, que se inscreve no mistério do princípio humano (DeV, 36).

Quanto ao pecado da desobediência, o papa explica que este significa sempre um ato de voltar às costas a Deus, significa ainda certa abertura da liberdade humana, da sua consciência e da sua vontade ao “pai da mentira”. Representa uma adesão ao primeiro pecado, chega-se aquilo que se pode chamar de “Anti-Verbo”, isto é, à “antiverdade”. Esta “antiverdade” acontece porque é falseada a verdade sobre a identidade do homem, e de quais são os “limites intransponíveis do seu ser e da sua liberdade”. Ao mesmo tempo, quando na história do homem aparece pela primeira vez o “perverso gênio da suspeição”, é falseada a verdade sobre a identidade de Deus, pois se procura falsear o próprio Bem absoluto, que se manifestou na criação como Amor criador (DeV, 37).

Bento XVI, sobre esta “suspeição” que acontece na atualidade, diz o seguinte:

Para o homem de hoje, em relação (...) à perspectiva clássica da fé cristã, num certo sentido as coisas se inverteram, ou seja, o homem já não pensa que precisa da justificação diante de Deus, mas o seu parecer é que Deus se deve justificar devido a quanto há de horrendo no mundo e a miséria do ser humano, tudo coisa que em última análise dependeriam dele. (BENTO XVI, apud TEMPESTA, 2016).

Com isto, diante deste contexto conclui-se quão relevante é o Espírito Santo, pois sendo Ele o Dom e a fonte de toda a dádiva, o qual “perscruta as profundezas de Deus” e do próprio homem, somente Ele como Espírito de amor poderia convencer perfeitamente o homem da desobediência originária presente nele, afirma S. João Paulo II. Apesar de todo o testemunho do amor de Deus presente na obra da criação e da economia salvífica, o espírito das trevas (Cf. Ef 6, 12; Lc 22, 53), procura apresentar Deus como inimigo do homem; fonte

de perigo e de ameaça para o mesmo. É enxertado no homem, um “gérmen de oposição” contra Deus para não considerá-lo como Pai. Tudo isto que aconteceu nas origens se repete na época moderna quando as “ideologias ateias” tendem a extirpar a religião, pressupondo que esta determinaria uma “alienação” radical do homem. Com isto afirma o papa que:

A rejeição de Deus chegou até à declaração da sua “morte”, o que é um absurdo: conceitual e verbal! Mas a ideologia da “morte de Deus” ameaça sobretudo o homem, como indica o *Concílio Vaticano II*, quando, ao analisar a questão da “autonomia das coisas temporais”, escreve: “A criatura sem o Criador perde o sentido... Mais ainda, o esquecimento de Deus faz com que a própria criatura se obscureça” (GS, 1965, n.36). A ideologia da “morte de Deus”, pelos seus efeitos, facilmente demonstra ser, tanto no plano da teoria como no de prática, a ideologia da “morte do homem” (DeV, 38).

Na atualidade, surge um campo novo difícil é esta secreta ação do Espírito Santo. O “rancor surdo” contra Deus voltou a se manifestar, à escala mundial. Já não é devido à Lei Deus outorgada ao homem, mas devido ao “sofrimento” que ele permite. “Para muitos, depois de Auschwitz, deixou de haver o direito de falar de Deus “Pai” (...). O homem de hoje tem uma relação a Deus não apenas um pensamento “débil”, mas também um pensamento rebelde, hostil” (CANTALAMESSA, 2014, 533).

Esta realidade do contexto no final do milênio avança com o pecado homem na sociedade atual. O homem vivendo “como se Deus não existisse”, perde o sentido do mistério de Deus, assim como do mistério do mundo; enfim, perde o mistério do seu próprio ser. “O eclipse do sentido de Deus e do homem conduz inevitavelmente ao materialismo prático, no qual prolifera o individualismo, o utilitarismo e o hedonismo” afirma-se na *Evangelium Vitae* (EV, 22).

Com isto, se torna perene o que escreveu o Apóstolo: “Como não procuraram ter de Deus conhecimento perfeito, entregou-os Deus a um sentimento pervertido, a fim de que fizessem o que não convinha (Rom 1, 28). “Os valores do ser ficam substituídos pelos do ter”. Resumem-se o sentido da vida à busca pelo próprio bem-estar material, chamada de “qualidade de vida”, esta é entendida como “eficiência econômica, consumismo desenfreado, beleza e prazer da vida física, esquecendo as dimensões mais profundas da existência, como são as interpessoais, espirituais e religiosas” (EV, 22).

Já vai se vislumbrando um modo como Espírito Santo responde a esta nova exigência de respostas da teologia. Cantalamessa indica o caminho apontando a reflexão sobre o “sofrimento de Deus” proposto nesta presente encíclica:

Revelando aos fiéis que também Deus sofre! Ao revelar-nos um Deus que é essencialmente amor, a Bíblia revela-nos também que “Deus sofre uma paixão de amor”. O seu sofrimento deve ser a natureza própria do amor, que é a de ser vulnerável: “não se vive amor sem a dor”. É este um capítulo novo da teologia, que

não pode ser separado do Paráclito; é este é o modo através do qual ele exerce hoje a sua função de conduzir os fiéis, “à verdade completa” acerca do Pai. É significativo que nos documentos do Magistério, o primeiro aceno ao tema do “sofrimento de Deus” se encontre justamente numa encíclica sobre o Espírito Santo, e que a sua revelação seja atribuída explicitamente ação do Paráclito que convence o mundo quando ao pecado. (CANTALAMESSA, 2014, p. 533-534).

A esse respeito cabe bem um pensamento do papa Bento XVI, quando apresenta uma expressão do jesuíta alemão Alfred Delp, que foi condenado à morte pelos nazistas: “o pão é importante, a liberdade é mais importante, mas o mais importante de tudo é a adoração”. Portanto, conclui o papa emérito dizendo que:

Onde esta ordem dos bens não for respeitada, mas invertida, não haverá nenhuma justiça, não haverá mais cuidado com os homens que sofrem; mas precisamente aí o domínio dos bens materiais será desorganizado e destruído. Onde Deus é considerado uma grandeza secundária, onde pode ser deixado de lado por algum tempo ou por todo tempo por causa de coisas mais importantes, aí precisamente fracassam essas coisas pretensamente mais importantes. (BENTO XVI, 2012, p.45).

Delp compreendeu aquilo que Cantalamessa fala e que responde à questão dos pecados, acima apontados pelos dois papas, a saber: se o pecado é fundamentalmente “não reconhecer a Deus como Deus, então o seu remédio específico é apenas a adoração, por que apenas a adoração, sendo reservada só e exclusivamente a Deus, atesta de uma forma adequada que se reconhece a Deus como Deus e a si mesmo como criatura de Deus”, afirma Cantalamessa (CANTALAMESSA, 1997, p. 63).

No livro do êxodo lê-se que certa vez Deus indicou a Moisés uma fenda na rocha; onde escondido dentro dela, ele poderia contemplá-lo sem morrer (cf. Ex 33,21). Comentando essa passagem, São Basílio²⁶ se questiona: Qual é hoje, para nós cristãos, aquela fenda, aquele lugar, em que podemos nos refugiar para contemplar e adorar a Deus? Ele responde: É o Espírito Santo! De quem sabemos isso? Do próprio Jesus que disse: os verdadeiros adoradores adorarão o Pai em espírito e verdade (CANTALAMESSA, 1997, p. 65).

Verifica-se neste ponto quanto ao tema do “sofrimento de Deus”, acima abordado. É o Espírito que transforma o sofrimento em amor salvífico, afirma João Paulo II. Na encíclica expõe com extraordinária profundidade essa ação do Espírito Santo, no “sacrifício redentor do Verbo Incarnado” na Cruz, onde Jesus exerce a sua missão sacerdotal (Cf. Heb). Este conteúdo é exposto a partir da epístola de Hebreus, ensina o papa que: o sacrifício foi oferecido “em virtude de”, isto é, por obra de um “Espírito Eterno”, que dele “recebe” a força para “convencer quanto ao pecado” (DeV, 39).

Embora na concepção de Deus como Ser perfeitíssimo, se exclui qualquer espécie de sofrimento, “nas profundezas de Deus”, há um amor de Pai que diante do pecado do homem

²⁶ Ver também em BASÍLIO, 2005, p.165.

reage com: “arrependimento de ter criado o homem” (cf. Gn, 6-7), experimenta compaixão pelo homem, como que “compartilhando a sua dor”, numa “indizível dor de Pai” gerará a economia do amor redentor em Jesus (DeV, 39).

Se o pecado gerou o “sofrimento” humano por rejeitar o amor, o Espírito Santo atuará com sua misericórdia divina. Entrará no sofrimento humano com uma nova efusão de amor que redimirá ao mundo através do sacrifício perfeito do Cordeiro de Deus, sem mácula, obediente até a morte de cruz. Deste modo, o sofrimento foi transformado em amor redentor por obra do Espírito eterno. Nesta autodoação absoluta de Jesus Cristo no sacrifício da Cruz se reconduz o homem a participar novamente da vida divina (DeV, 39).

O Espírito Santo como Amor e Dom consome este sacrifício com o fogo do Amor, que une o Filho ao Pai na comunhão trinitária. No sacrifício da cruz, Jesus Cristo “recebe” o Espírito Santo de tal modo, que depois Ele mesmo com o Pai o pode “dar” aos apóstolos, à Igreja e a toda a humanidade. Assim, o Espírito Santo se torna revelado e presente com Amor operante no mais profundo do mistério pascal, como fonte do poder salvífico da cruz de Cristo, como dom de vida nova e eterna. O texto fala da plena comunhão entre Jesus e o Espírito na paixão, dizendo que Jesus se abriu totalmente ao Espírito em sua humanidade, assim, fez emergir do “sofrimento suportado” o eterno amor salvífico. Em seguida mostra-se que o Espírito Santo age por meio da oração ardente de Jesus Cristo, como homem na sua paixão (Getsêmani e do Gólgota), como se verifica a seguir:

Na oração ardente da Sua paixão, permitiu ao Espírito Santo, que já tinha penetrado até ao mais profundo a sua humanidade, transformá-la num sacrifício perfeito mediante o ato da sua morte, como vítima de amor na Cruz (...). Como único Sacerdote, “ofereceu-se a si mesmo sem mácula a Deus” (Heb 9,14). Na sua humanidade Ele era digno de se tornar um tal sacrifício, porque Ele só era “sem mácula”. Mas ofereceu-o “em virtude de um Espírito eterno”: o que equivale a dizer que o Espírito Santo agiu de um modo especial nesta autodoação absoluta do Filho do homem, para transformar o sofrimento em amor redentor (DeV 40).

Por analogia, aos antigos sacrifícios do Antigo Testamento pode dizer-se que “o Espírito Santo é ‘fogo do céu’ que age no mais profundo do mistério da Cruz”. O evento cruz deixa entrever a realização da profecia de João Batista: “Ele batizar-vos-á com o Espírito Santo e com o fogo” (Mt 3,11). Esta promessa revela o Espírito Santo como “Amor que está operante no mais profundo do mistério pascal, como fonte do poder salvífico da Cruz de Cristo, como Dom da vida nova e eterna” (DeV, 41).

O batismo de fogo é ainda entendido, a partir dos textos escriturísticos, como Aquele que livra do pecado e da tibieza, para isso age purificando dos pecados (Cf. Is 4,4), a água purifica por fora (Nm 31,22-23), já o fogo purifica por dentro (Sl 26,2), para isto: transforma

(At 2,3-4), consume (Is 33, 14s), incita a contrição (At 2, 23s), reconstitui a imagem de Deus (2 Cor 5,17), e inflama no Espírito (Rm 12,11). (CANTALAMESSA, 2014, p. 181-206).

2.3 O Espírito que revela a verdade e o pecado contra o Espírito Santo

A obra redentora foi confiada por Jesus aos Apóstolos e à Igreja no dia da Ressurreição (Cf. Jo 20, 22 s). No entanto, o protagonista da continuação da missão salvífica radicada na Cruz de Cristo é o Espírito Santo. Ele permanece o sujeito transcendente desta obra no interior do homem e na história do mundo. Verdadeiramente, Ele “sopra onde quer” (Jo 3,8). O poder concedido aos apóstolos, e aos seus sucessores, de perdoar os pecados, “pressupõe e inclui a ação salvífica do Espírito Santo”. É Ele, como se canta na “Sequência *Veni, Sancte Spiritus*” é a luz dos corações, isto é, luz da consciência. Graças a multiplicidade de seus dons, o poder salvífico de Deus pode atuar sobre todas as espécies de pecados dos homens. É o Espírito que faz com que o homem reconheça o pecado cometido, orienta-o para o bem e sob o Seu influxo se realize a conversão do coração humano, que é condição indispensável para se obter o perdão dos pecados (DeV, 42)

O *Concílio Vaticano II* trouxe uma apresentação da doutrina da consciência, ao tratar da vocação do homem e da dignidade da pessoa humana, fala o papa. Na encíclica apresenta pertinentes abordagens que muitos colaboram para responder como age o Espírito no interior do homem, tais como: a voz da consciência, a consciência moral (CIC, 1776-1802), os pecados que se opõem a vida, a luta contra o bem e o mal, a reconciliação e a penitência, os esforços da consciência, o remorso, a contrição perfeita (DeV, 43-45).

A importância da obra do Espírito da verdade como “dispensador escondido da força de salvação” na conversão interior²⁷ é essencial, pois faz parte do anúncio do Reino, pregado por Jesus. Este convite é sempre atual²⁸ (CIC, 1427). A seguir se pode verificar como age o Espírito nesta obra:

Mediante um ato de contrição perfeita, opera-se a conversão autêntica do coração: é a “metanóia” evangélica. Os esforços do coração humano, os esforços da consciência, graças aos quais se opera esta metanóia ou conversão, são o reflexo do

²⁷ Sobre a conversão pode-se verificar no CIC, 2000, n. 1427-1498.

²⁸ “Fixemos a vista no sangue de Cristo e compreendamos o quanto é precioso aos olhos do Pai pois, derramando-o por nossa salvação, ofereceu-o ao mundo inteiro pela conversão. Percorramos todas as gerações e aprendamos que de geração em geração o Senhor deu possibilidade de conversão àqueles que a Ele quiseram retornar (...). Sobre a conversão falaram os ministros da graça de Deus, sob inspiração do Espírito Santo. Sobre a conversão também falou o próprio Senhor de tudo, ao jurar: “Tão certo como vivo - diz o Senhor - não quero a morte do pecador, mas sua conversão” (...). Se vos voltardes para mim de todo coração e disserdes: ‘Pai!’, eu vos atenderei como se fosses um povo santo”. (S. CLEMENTE DE ROMANO, Cor, 7, 4-8,3)

processo pelo qual a reprovação é transformada em amor salvífico, que sabe sofrer. O dispensador escondido desta força de salvação é o Espírito Santo: Ele, que é chamado pela Igreja “luz das consciências”, penetra e enche as “profundezas dos corações” humanos. Mediante esta conversão no Espírito Santo, o homem abre-se ao perdão e à remissão dos pecados, como testemunham as palavras pronunciadas por Jesus na tarde da Páscoa. E em todo este admirável dinamismo da conversão-remissão (...). É exatamente em relação a esta “profundidade abissal” do homem, da consciência humana, que se cumpre a missão do Filho e do Espírito Santo. O Espírito Santo (...) vem em cada caso concreto de conversão-remissão, em virtude do sacrifício da Cruz: nele, realmente, “o sangue de Cristo... purifica a nossa consciência das obras mortas, para servir o Deus vivo”. (Heb 9,14). (DeV, 45).

Cumprem-se assim, continuamente na vida dos homens, as palavras sobre o Espírito Santo apresentado como “um outro Consolador”, as palavras dirigidas no Cenáculo aos Apóstolos e indiretamente a todos: “Vós o conheceis porque Ele habita entre vós e em vós será” (Cf. Jo 14,17). Diante da imensa misericórdia de Deus atestada por Jesus nas Escrituras, tornam-se surpreendentes as Suas palavras do “não-perdão” (DeV, 46).

Quem nunca indagou sobre qual é o pecado contra o Espírito Santo? Nos Sinópticos, as palavras de “condenação” estão relacionadas ao pecado da “blasfêmia contra o Espírito Santo”. Elas foram expressas em (Mt 12,31s; Mc 3,28s; Lc 12,10). Primeiro é necessário entender porque é imperdoável a “blasfêmia” contra o Espírito Santo, o documento explica a partir do pensamento de São Tomás de Aquino, este responde que:

Trata-se de um pecado “imperdoável” por sua própria natureza, porque exclui aqueles elementos graças aos quais é concedida a remissão dos pecados (...). A “blasfêmia” não consiste propriamente em ofender o Espírito Santo com palavras; consiste, antes, na recusa de aceitar a salvação que Deus oferece ao homem, mediante o mesmo Espírito Santo agindo em virtude do sacrifício da Cruz. (DeV, 46).

Quem rejeita o Espírito e o Sangue de Cristo, que redime dos pecados e purifica a consciência operando a conversão verdadeira, permanece nas “obras mortas”, enfim no pecado. A recusa radical da remissão, a “não-penitência” tem como consequência o não perdão nem nesta vida nem na futura. Isto se subentende que exista uma recusa radical de busca das fontes da Redenção, em que o homem reivindica o direito de perseverar no mal, no pecado. Entretanto as possibilidades da redenção permanecem “sempre abertas na economia da salvação, na qual se realiza a missão do Espírito Santo” diz o papa. Ora a blasfêmia contra o Espírito Santo é a permanência no pecado como a resistência interior, a “dureza de coração”, a perda do sentido do pecado, e a “perda do sentido de Deus”. Neste sentido, são eloquentes as exortações do Apóstolo Paulo: “Não extingais o Espírito!”. “Não contristeis o Espírito Santo!” (1 Tes 5, 19; Ef 4, 30) (DeV, 47).

Esta reflexão sobre o pecado da blasfêmia é apresentada por João Paulo II, também em audiência, que dá o mesmo significado:

Em Jesus Cristo, Deus inclina-Se sobre o homem e estende-lhe a mão para o levantar, ajudando-o a retomar o caminho com nova força; o homem, sozinho, não é capaz de voltar a pôr-se de pé, precisa da ajuda do Espírito Santo. Se rejeitasse esta ajuda, cometia um pecado de “blasfêmia contra o Espírito Santo” - assim denominado por Cristo, que o declarou também sem remissão (cf. Mt 12, 31). Irremissível por quê? Porque exclui no homem o próprio desejo do perdão; o homem rejeita o amor e a misericórdia de Deus, porque ele próprio se considera Deus, pensa que é capaz de bastar-se a si mesmo. (JOÃO PAULO II, 2005, 17).

Outra obra que o Espírito Santo realiza no campo de missão que é o coração humano, para “convencer quanto ao pecado” em ordem à salvação é dar a conhecer a Deus Pai. Percebe-se que o Papa Francisco traz essa mensagem cristã fundamental à fé, por isso expõe: “O rosto de Deus é o de um pai misericordioso, que sempre tem paciência. Já pensastes na paciência de Deus, na paciência que Ele tem com cada um de nós? É a sua misericórdia”. Esta é a imagem que Jesus quis transparecer de Deus Pai, como Aquele que está sempre à espera do homem; não se cansa de perdoar, basta voltar para Ele com o coração contrito. Diz o papa Francisco: “Deus nunca Se cansa de nos perdoar; nunca! O rosto de Deus é o de um pai misericordioso (...). Está à nossa espera” (FRANCISCO, 2013).

Neste sentido percebe-se também uma missão do Espírito naqueles que se convertem, eles são retirados pelo Espírito santo da órbita do “juízo”, e introduzidos na justiça de Cristo Jesus, recebem como um reflexo da santidade trinitária. Nesta justiça o Espírito Santo, se manifesta e fica presente no homem, como Espírito de vida eterna (DeV, 48).

O Espírito Santo não se limita a corrigir o conhecimento que se tem de Deus “Pai”, distorcido pelo pecado, mas diante da realidade também distorcida pelo sofrimento dos inocentes. Ele realiza mais: dá acesso ao mistério íntimo de Deus, coloca o homem no âmbito da vida de Deus. Esconde-o “com Cristo em Deus” (cf. Cl 3,3). Os místicos asseguram tal experiência da ação do Espírito Santo em seu interior (CANTALAMESSA, 2014, p.534).

CAPÍTULO III - O ESPÍRITO QUE DÁ A VIDA E IMPULSIONA A MISSÃO DA IGREJA

A missão do Espírito na obra da Encarnação do Filho divino em Maria Mãe da Igreja é desenvolvida na primeira parte deste capítulo. A seguir responde algumas questões fundamentais que indicam a missão que o Espírito Santo realiza no interior do homem, tais como: Que vida dá o Espírito Santo? Em que lugar, isto é, onde nos dá esta vida? Como o Espírito nos dá a vida? Será explanado também sobre a missão do Espírito na Igreja sacramento universal da salvação do gênero humano que continua no tempo da Igreja a redenção em Cristo com perspectiva escatológica.

3.1 A Missão do Espírito e de Maria no dom do Filho Encarnado

Como esta pesquisa trata da missão do Espírito Santo na vida da Igreja torna-se importante analisar como ele realiza a sua missão em Maria, Mãe da Igreja. Pois “a sua excepcional peregrinação da fé representa um ponto de referência constante para a Igreja”, afirma João Paulo II na carta *Redemptoris Mater* (RMA, 366).

O motivo do Jubileu “Cristo concebido do Espírito Santo” é o ponto alto da reflexão deste terceiro capítulo. Na “plenitude dos tempos” (Gal 4,4), se realizou o mistério da Encarnação (Encarnação), do Filho de Deus no seio da Virgem Maria. Este mistério chave da fé da Igreja é obra do Espírito Santo. Esta verdade da obra da Encarnação, referida ao Espírito Santo, é repetida nas Sagradas Escrituras atesta o papa (cf. Jo 3,16; Gal 4,4s; Lc 1, 34s; Mt 1,18-20s).

Este mistério da fé é professado pela Igreja. O Deus eterno, o Transcendente, Deus de Deus, Luz da Luz, Deus verdadeiro de Deus verdadeiro, gerado, não criado, fazer-se homem no seio da Virgem Maria é o mais alto mistério de amor do Deus uno e trino. Tal obra é realizada pelo Espírito Santo Pessoa Amor, o Dom incriado, fonte eterna de toda dádiva que provém de Deus, Ele é o sujeito da autocomunicação de Deus na ordem da graça. Com efeito, diz o santo Padre “a maior obra realizada pelo Espírito Santo é a concepção e o nascimento de Jesus Cristo na história da criação e da salvação: a graça suprema - ‘a graça da união’ - fonte de todas as graças, como explica Santo Tomás (*S. Th.* III, q. 2, a. 10-12; q. 6, a. 6; q. 7, a. 13)” (DeV, 50).

A obra da Salvação, realizada no mundo por obra do Espírito Santo, portanto “reverte em honra à Mãe de Deus, primeira cooperadora da potência do Altíssimo que a recobriu no

momento da Anunciação, no maravilhoso vir sobre Ela do Espírito Santo”, afirma João Paulo. E acrescenta ele sobre a verdade e respeitante participação da Santíssima Virgem Maria que a eleva a dignidade única e irrepetível de Mãe de Deus, “*Theotokos*”, assim expressa que neste mistério da Encarnação:

A Virgem Maria é Aquela que, à sombra da potência da Santíssima Trindade, foi a criatura mais estreitamente associada à obra da Salvação. A Encarnação do Verbo verificou-se sob o seu coração, por obra do Espírito Santo. Nela começou a raiar a aurora da nova humanidade que, com Cristo, se apresentava no mundo para levar a termo o plano original da aliança com Deus, infringida pela desobediência do primeiro homem. *Et incarnatus est de Spiritu Sancto ex Maria Virgine* (A CONCÍLIO CONSTANTINOPOLITANO I, 1981, n.3).

Maria é partícipe deste mistério, por isto é venerada pela Igreja. Pois em sua fé pura deixou-se conduzir pelo Espírito, percorrendo um itinerário de fé feito de serviço e fecundidade, afirma o papa Francisco (EG, 226).

Do “Fiat” da Virgem Maria à Palavra do Eterno, ela concebe de modo virginal um homem, o Filho do homem, que é Filho de Deus (DeV. 50). Maria, Mulher de fé, em sua peregrinação da fé, (LG 52-69) foi até “a noite da fé”; assim, comunga do sofrimento de seu Filho (CIC, 149. 165).

É o próprio Espírito que, no momento da apresentação de Jesus no templo, faz com que Simeão pronuncie uma profecia dolorosa acerca de Maria e do Menino: Jesus será “sinal de contradição” e “uma espada traspassará a alma” (Cf. Lc 2, 34.35). Com estas palavras, o Espírito Santo preparou Maria para a grande provação que viria, e “confere ao rito da apresentação do Menino o valor de um sacrifício oferecido por amor. Quando Maria recebeu o seu Filho dos braços de Simeão, compreendeu que O recebia para O oferecer” (JOÃO PAULO II, 1998, n.21).

Em segundo lugar, indica que a maternidade de Maria a envolve no destino e no sofrimento de Jesus. Maria, junto à Cruz, é o sinal de que a Mãe seguiu até ao fim o itinerário doloroso, que o Espírito Santo traçou pela boca de Simeão. Por fim, as palavras que Jesus dirige à Mãe e ao discípulo predileto no calvário, asseguram fecundidade ao sacrifício, ao dizer: “Mulher, eis aí o teu filho” (Jo 19, 26), atesta o papa:

Da Cruz o Salvador queria derramar sobre a humanidade rios de água viva (cf. Jo, 7, 38), isto é, a abundância do Espírito Santo. Mas desejava que esta efusão de graça estivesse ligada ao rosto de uma mãe, a *sua* Mãe. Maria aparece já como a nova Eva, mãe dos vivos, ou a Filha de Sião, mãe dos povos. O dom da Mãe universal estava incluído na missão redentora do Messias: “Depois, Jesus, sabendo que tudo estava consumado...”, escreve o Evangelista após a dupla declaração: “Mulher, eis aí o teu filho” e “Eis aí a tua mãe” (JO, 19, 26-28). Desta cena pode-se intuir a harmonia do plano divino em relação ao papel de Maria na ação salvífica do Espírito Santo. No mistério da Encarnação a sua cooperação com o Espírito tinha desempenhado um papel essencial; também no mistério do nascimento e da formação dos filhos de

Deus o concurso materno de Maria acompanha a atividade do Espírito Santo (JOÃO PAULO II, 1998, n.31).

Esta reflexão coincide com aquilo que Rafael Pinto desenvolve sobre a obra do Espírito na vida de Maria, assim ele fala que: “Maria foi de fato exposta, como Cristo, ao sofrimento e à morte. Por isso, em Maria se realiza também esses atributos de Cristo” Há uma íntima comunhão de destinos entre Maria e Jesus conferidos pelo Espírito. Verifica-se isso nos Evangelhos, onde se contempla Maria nos momentos determinantes da vida do seu Filho e da sua Igreja, seu corpo místico. Nota-se, ainda, que Maria teve uma plena comunhão no tríptico múnus de Cristo, e que ela o realizou de forma perfeita. Pode verificar isto no texto, a seguir:

Assim, Maria, em Cristo, é rainha da criação, e possui o domínio de si, “a libertação de todas as consequências do pecado original, quer dizer, de toda inclinação para o pecado e, de uma maneira geral, de toda a desordem espiritual, aliada a preservação positiva de todo pecado pessoal, por pequeno que seja”. Também nela se realiza a função sacerdotal, não ministerial, mas a capacidade de intimidade com o próprio Deus, e por sua impecabilidade possui em si a imortalidade (vida eterna) (...). Maria é também a profetiza por excelência, pois o profeta de ofício de ensinar e corrigir, Maria exerceu para com o próprio Deus (...). “A plenitude de graça suprema que a Igreja atribui a Maria relaciona-se, em primeiro lugar, com a graça santificante antes e com as outras graças unidas aquela, como as virtudes sobrenaturais e os dons do Espírito Santo. (PINTO, 2018, p. 91-92).

Na temática da fé de Maria, depara-se outra característica fundamental da fé: a de que ela comporta a liberdade (CIC, 160). Por isso é tão importante como a fé é entendido por João Paulo II que diz que: “a fé é a abertura do coração humano diante do Dom: diante da autocomunicação de Deus no Espírito Santo”. Quando Deus Trindade se abre ao homem no Espírito Santo, dá ao homem a plenitude da liberdade.²⁹ O papa apresenta essa ideia a partir do texto de São Paulo (Cf. 2 Cor 3,17): “O Senhor é espírito, e onde está o espírito do Senhor, aí há liberdade”. A fé de Maria, portanto, manifesta esta plenitude de liberdade, no fato dela ao aceitar colaborar com a obra do Espírito Santo na Igreja e no mundo (CIC, 1784).

Como coroamento da reflexão sobre a ação do Espírito Santo na vida de Maria, nota-se que Maria participa, como já dito acima da: “maior obra realizada pelo Espírito Santo na história da criação e da salvação, que é a concepção virginal de Jesus”, atesta João Paulo II (DeV, 50). Esta obra, portanto, diz o papa:

Da cooperação de Maria com o Espírito Santo, manifestada na Anunciação e na Visitação, exprime-se numa atitude de constante docilidade às inspirações do Paráclito. Consciente do mistério do seu Filho divino, Maria deixava-se guiar pelo Espírito para se comportar de modo adequado à sua missão materna. (JOÃO PAULO II, 1998, n.11).

²⁹Quanto à liberdade do homem pode-se conferir em (CIC, 1730- 1748).

Este plano da salvação realizado por Jesus Cristo é consumado pelo Espírito Santo (BASÍLIO, 2005 p.136). São João Paulo II desenvolve essa afirmação indicando como age o Espírito Santo em toda a obra da Encarnação, a saber: dá a vida que está em Deus; faz jorrar de forma nova a fonte desta vida nova; o Verbo torna-se o primogênito entre muitos irmãos (Rm 8, 9); Cabeça do corpo que é a Igreja, e nela também de toda a humanidade; e aqueles que O receberam deu-lhes o poder de se tornarem filhos de Deus (Jo 1, 14. 4. 12 s). Enfim, “a obra da filiação divina enxertada na alma humana com a graça santificante se dá por obra do Espírito Santo”, atesta o papa (DeV, 52). Porque o Espírito Santo realizou o evento da Encarnação? Responde o Santo Padre:

A palavra de Deus responde-nos de maneira sintética, na segunda carta de Pedro, que isto ocorreu para que nos tornássemos “partícipes da natureza divina” (1, 4). “Com efeito — explica Santo Irineu de Lião — este é o motivo por que o Verbo se fez homem, e o Filho de Deus, Filho do homem: para que o homem, entrando em comunhão com o Verbo e recebendo assim a filiação divina, se tornasse filho de Deus” (*Adv. Haer.* 3, 19, 1). Nesta mesma linha se põe Santo Atanásio: “Quando o Verbo desceu sobre a santa Virgem Maria, o Espírito juntamente com o Verbo entrou; no Espírito o Verbo assumiu um corpo e adaptou-o a Si, querendo, por meio de Si mesmo, unir e conduzir ao Pai toda a criação” (*Ad Serap.* 1, 31). Estas afirmações são retomadas por S. Tomás: “O Filho unigênito de Deus, querendo que fôssemos partícipes da Sua divindade, assumiu a nossa natureza humana a fim de, ao fazer-Se homem, tornar os homens deuses” (*Opusc. 57 in festo Corp. Christi*, 1), isto é, por graça partícipes da natureza divina. (JOÃO PAULO II, 1998, n.3b).

N’Ele (em Cristo) fostes marcados com o “selo do Espírito, que fora prometido, o qual é penhor da nossa herança, enquanto esperamos a completa redenção” (Cf. Ef 1,13). Poder-se-ia perguntar: E quanto à obra do Espírito no mundo? Responde o papa: “O Espírito Santo, juntamente com o Pai e o Filho, é o protagonista daquele ‘Evangelho da vida’ que a Igreja não se cansa de anunciar e testemunhar ao mundo” (JOÃO PAULO II, 1998, n.2j).

A realidade da ação do Espírito ultrapassa a esfera cristã, é preciso afirmar que o Espírito de Deus toca a todas as realidades do tempo desde a criação, e do “espaço quer no espaço do mundo, quer no da Igreja” (CANTALAMESSA, 2014, p.80).

O papa explana essa verdade de fé vai afirmar que o Espírito abarca todo o tempo, na realidade histórica atua desde o princípio com a criação, age na Antiga Aliança, e permanece no desenrolar da história humana. Por um prodígio do mistério da encarnação e da redenção alcança a todos. Entende-se, assim o Espírito que “sopra onde quer” (Jo 3, 8), “já estava a operar no mundo, antes da glorificação do Filho” (AG, 4).

O lugar da ação do Espírito “fora” do corpo visível da Igreja, é o coração dos homens de boa vontade. De fato, Cristo morreu por todos e a vocação última de todo homem é a divina (DeV, 53).

Esta noção é que dá fundamento para o diálogo ecumênico, inter-religioso, e com aqueles que não têm fé. Este princípio que o Concílio desenvolveu que trata da “doutrina acerca dos direitos invioláveis da pessoa humana e da ordem jurídica da sociedade”, é ainda, motivo da discussão do problema da liberdade religiosa na atualidade (DH, 1).

Este princípio de que “o Espírito está presente e operante em todo o tempo e lugar”, é também desenvolvido na *Redemptoris Missio* por João Paulo II, a qual cita esta encíclica, ao dizer que:

A Igreja sabe que o homem, solicitado incessantemente pelo Espírito de Deus, nunca poderá ser totalmente indiferente ao problema da religião, mantendo sempre o desejo de saber, mesmo se confusamente, qual o significado da sua vida, da sua atividade, e da sua morte (GS,41). (...). A presença e ação do Espírito não atingem apenas os indivíduos, mas também a sociedade e a história, os povos, as culturas e as religiões. Com efeito, Ele está na base dos ideais nobres e das iniciativas benfeitoras da humanidade peregrina: “com admirável providência, o Espírito dirige o curso dos tempos e renova a face da terra” (RM, 28).

Na *Dominus et Vivificantem* avança no esclarecimento de como age o Espírito Santo na relação entre Deus e o homem e consequentemente no mundo. Deus Espírito, é em espírito e verdade que Ele deve ser adorado, eis um forte apelo aos adoradores, como se vê a seguir: Deus é Espírito absoluto, transcendente em relação ao mundo, especialmente ao mundo visível, mas ao mesmo tempo, de modo admirável o Espírito está presente de certo modo. Isto é, como “imanente compenetra-o e vivifica-o por dentro (...), permanecendo inviolável e imutável na sua transcendência absoluta” (DeV, 54).

Isto é, sobretudo, válido ao homem: “O Espírito está na própria origem da questão existencial e religiosa do homem, que surge não só de situações contingentes, mas, sobretudo da estrutura própria do seu ser” (RM, 28), (DeV, 54).

Deus está no íntimo do ser humano em seu pensamento, na sua consciência e em seu coração. Como dizia Santo Agostinho: “Mais íntimo do que meu íntimo”. Deus se faz visível em Jesus Cristo, Ele é a manifestação da graça ao mundo, por obra do Espírito Santo que é o “princípio de toda ação salvífica de Deus no mundo”. Deus Espírito, é Amor e Dom, “enche o universo” (Sab 1,7). Portanto, toda a vida da Igreja (...), significa “caminhar ao encontro do Deus escondido, ao encontro do Espírito, que dá a vida” (DeV, 54).

3.2 A missão do Espírito no homem interior

A missão do Espírito Santo no interior do homem tem como meta conduzir o homem à sua realização plena, pois ela é querida por Deus. Como um ser composto, espírito e corpo, há

no homem certa tensão, trava-se uma luta entre o “espírito” e a “carne”, (submissão e resistência). Esta se passa no foro pessoal e subjetivo, mas comporta também uma expressão social. Tal luta contrapõe a “vida” e a “morte”, é derivada, sobretudo do materialismo como sistema filosófico, ideológico e como programa de ação e de comportamentos humanos. A oposição a Deus, que é Espírito invisível, nasce já, da radical diferença entre o mundo visível e material, em confronto com Deus, que é “Espírito, no sentido absoluto”; da sua essencial e inevitável imperfeição em confronto com Ele, Ser perfeitíssimo” (DeV, 55).

Tal contraposição se passa também no campo ético, entre as obras moralmente más e nas boas. Nas obras más, o pecado toma posse do coração humano, que tem desejos contrários ao do Espírito (Gal 5,17) A encíclica traz o que São Paulo descreve na carta aos Gálatas quanto às obras da carne e as do Espírito, ao dizer que:

As obras da carne são bem conhecidas: fornicção, impureza, libertinagem, embriaguez, orgias e coisas semelhantes a estas. São os pecados que se poderiam qualificar como “carnais”. Mas o Apóstolo ainda acrescenta outros: “inimizades, discórdias, ciúmes, disputas, divisões, facçõesismos, invejas “Tudo isto constitui “as obras da carne” A estas obras, porém, que são indubitavelmente más, São Paulo contrapõe “o fruto do Espírito”, que é “caridade, alegria, paz, paciência, benevolência, bondade, fidelidade, mansidão e temperança”. (Gal 5, 19-22).

As obras da carne refletem a “resistência à ação salvífica do Espírito Santo”. Já no caso das virtudes, as “obras do espírito”, são frutos da submissão à ação do Espírito. Nesse combate entre “carne e espírito”, está a missão do Espírito, já exposta no segundo capítulo de “convencer do pecado”. Da parte de Deus, apresenta-se o dom incessantemente oferecido ao homem da vida divina no Espírito Santo. Segue-se uma exortação a se viver uma vida no Espírito com a promessa de obter por meio d’Ele se obter a “vida e a paz” (Rm 8, 6.13) (DeV, 55).

Esta vida nova que o Espírito Santo comunica ao homem é chamada de vida conforme o Espírito, ou vida no Espírito, ela é apresentada brilhantemente por Hilberath. Ela afirma que com o discernimento dos espíritos, é possível ver que o testemunho bíblico traz critérios que são sinais da ação e da presença do Espírito Santo vivificador e que determinam a vida nova segundo o Espírito e que são também apresentados na encíclica (HILBERATH, 2012, p. 489).

Ele questiona: Que vida nova é vida segundo o Espírito? “Vida significa: existir no poder do Espírito criador a partir de Deus e em direção a ele”. Nesse sentido, respeitar a vida é uma postura profundamente espiritual. A criação por ser um outro em relação à Deus, e a quem em seu Espírito Deus dá espaço, isto é, liberdade, revela porque que a criação seja livre. Disso resulta um segundo critério da vida conforme o espírito: “viver a partir do espírito significa dar espaço a outra vida, respeitar e promover sua liberdade”. O terceiro critério da

vida conforme o Espírito é uma vida em relação com os outros, num constante sair de Si para encontrar-se com o outro. O quarto critério: desligar-se de toda segurança falsa firmada no próprio poder-se, para tornar-se verdadeiramente livre, e que vive a vida com a “solidariedade santificadora e curativa com toda criatura oprimida, explorada, escravizada” (HILBERATH, 2012, p. 489).

Os cordeiros do Reino de Deus, os que colaboram com a comunhão da vida nova em verdade liberdade, estão cientes de serem servos inúteis a esperar a consumação, a plenitude de vida pelo Espírito do Pai e do Filho. Pode-se, por conseguinte, formular um quinto critério: viver a partir do Espírito Santo significa colocar todos os esforços próprios sobre a reserva escatológica, esperando e confiando no espírito, na revelação definitiva do fundamento sustentador da vida. (HILBERATH, 2012, p. 490).

Congar apresenta a tensão entre a “carne e o Espírito”, a partir da reflexão proposta por J. D. G. Dunn, e vê nessa “tensão a consequência do já e de ainda não (...). O cristão (já) tem o Espírito, ele já é filho, mas continua na carne, com certa resistência ao Espírito, ele espera a plenitude da qualidade de filho, a redenção e a espiritualização do seu corpo” (CONGAR, 2010, p.164).

Na esfera exterior essa luta entre a “carne” e o “espírito” (cf. Gal 5, 13-26), assume uma dimensão mais expressiva de resistência ao Espírito Santo no materialismo, afirma João Paulo II. Nota-se no horizonte da civilização contemporânea um campo de missão desafiante para a Igreja. No mundo estão presentes tendências de expressões ideológicas e históricas manifestadas no “materialismo” como sistema filosófico, ideológico e como programa de ação e de comportamentos humanos. Por princípio e de fato, o materialismo tem um caráter ateu, porque exclui radicalmente a presença e a ação de Deus que é espírito. O materialismo faz isto no mundo a partir do homem (DeV, 59).

Verificam-se a presença de outros sinais e vestígios de morte na sociedade. Por exemplo: a corrida armamentista que comporta um risco de autodestruição nuclear; a fome em várias regiões do planeta, neste caso não se trata somente de problemas econômicos, mas também éticos; há “sinais de morte” ainda mais sombrios como o aborto, a eutanásia, guerras que ceifam milhares de vidas, terrorismo organizado. Apesar deste caráter dramático destes sintomas de morte, permanece a fé da Igreja, que crê que da parte de Deus, haverá sempre um comunicar-se salvífico e, se for o caso, um salvífico “convencer quanto ao pecado”, em vista à salvação (DeV, 59).

A fé significa neste caso acreditar que Jesus nos ama de verdade, que está vivo, que é capaz de intervir misteriosamente, que não abandona os seus, que tem poder para tirar o bem até mesmo do mal, significa crer que Ele caminha vitorioso na história (EG, 218).

Nesta luta contra as realidades do “pecado” e da “morte”, tanto no interior como no exterior do homem, Paulo propõe para o homem interior: o uso de armas espirituais, a saber, a fé e a santificação (2 Cor 3; Gal 3,13; 4,6 e Rom 8,15), tendo o Espírito como princípio de vida e deve-se cuidar para não voltar a morrer e se escravizar de novo. A máxima de Paulo é: quem recebeu o Espírito deve viver a partir do Espírito. Na vida cristã deve-se contrapor às obras da carne; os frutos do Espírito. Para isto deve-se colocar em primeiro lugar o amor, pois nele se concretiza a liberdade no Espírito e nele se resume toda a Lei (Gal 5,14; 15,30; 1 Cor 13). Paulo desenvolve também toda a doutrina sobre os carismas e a vida da Igreja, corpo de Cristo, templo de Deus, no qual habita o Espírito Santo (Cf. 1 Cor 3,16) (HILBERATH, 2010, p. 423)

O Espírito Santo em sua missão realiza o fortalecimento do homem interior, continua o testemunho dos apóstolos, o anúncio da ressurreição e o de Pentecostes, explica o papa João Paulo II. O Espírito testemunha a vitória de Jesus sobre a morte, que determinou uma nova vinda da Sua presença e de seu poder. Por isto, a Igreja animada por Ele põe-se a serviço, anuncia-o como aquele que dá a vida, como Espírito vivificante e coopera com ele para dar a vida para que o “homem interior” amadureça e se fortaleça. E ainda coopera para que na sua íntima relação com Deus, o homem se compreenda a si mesmo de uma maneira nova e se realize naquilo que é desde o princípio, “imagem e semelhança de Deus” (DeV, 59).

A Igreja é consciente, mais do que ninguém, de que o homem interior amadurece e fortalece-se sob a influência do Espírito Santo (dom e Amor), dom interpessoal. Este ao comunicar-se no Espírito Santo como dom ao homem, transforma o mundo a partir de dentro, a partir dos corações e das consciências. Essa ação do Espírito remete ao desejo de Jesus nos últimos momentos de vida, quando pedia ao Pai em oração: “que todos sejam um, como eu e Tu somos um” (Jo 17, 21-22). Nisto Jesus “sugeriu que existe uma certa semelhança entre a união das pessoas divinas e a união dos filhos de Deus, na verdade e na caridade”, atesta na *Gaudium et Spes* (GS, 24).

Em suma, pode-se afirmar segundo a *Dominus et Vivificantem* que o Espírito Santo “Deus amor” realiza o seu protagonismo na missão da Igreja promovendo a comunhão entre os homens. João Paulo II traz esta mesma reflexão na *Redemptoris Missio* ao dizer que: “O fim último da missão é fazer participar na comunhão que existe entre o Pai e o Filho: os

discípulos devem viver a unidade entre si, permanecendo no Pai e no Filho, para que o mundo O conheça e creia (cf. Jo 17, 21.23)”.¹⁰

Este texto possui grande alcance missionário, revela que se é missionário, “sobretudo por aquilo que se é, como Igreja que vive profundamente a unidade no amor, e não tanto por aquilo que se diz ou faz”. (RM, 23).

É este o princípio em que se fundamenta a espiritualidade Cristã, a qual expõe o papa:

Ela consiste em acolher toda a vida que o Espírito nos dá. Esta concepção da espiritualidade põe-nos ao abrigo dos equívocos que às vezes ofuscam o seu perfil genuíno. A espiritualidade cristã não consiste num esforço de auto-aperfeiçoamento, como se o homem com as suas forças pudesse promover o crescimento integral da sua pessoa e conseguir a salvação. O coração do homem, ferido pelo pecado, só é curado pela graça do Espírito Santo e somente pode viver como verdadeiro filho de Deus, se for sustentado por esta graça. A espiritualidade nem sequer consiste em tornar-nos como que “imateriais”, desencarnados, privados de empenho responsável na história. A presença do Espírito Santo em nós, de fato, longe de nos impelir para uma “evasão” alienante, penetra e mobiliza todo o nosso ser: inteligência, vontade, afetividade, corporeidade, para que o nosso “homem novo” (Ef 4, 24) impregne o espaço e o tempo da novidade evangélica. (JOÃO PAULO II, 1998, n.2j).

Esta dimensão da promoção da dignidade do ser humano é desenvolvida pelo pontífice na encíclica, tendo como premissa a obra da doação da vida divina e da glorificação que faz o dispensador escondido, isto é, o Espírito Santo. Os cristãos como testemunhas autênticas da dignidade do homem, nas mais diversas condições: na perseguição, no martírio, ou nas condições normais da sociedade, contribuem por meio da sua obediência ao Espírito, com a “renovação da face da terra”. O Espírito inspira no coração dos homens que atuam no hoje da família humana para que seja cada vez mais humana (GS 53-59) (DeV, 60).

3.3 O Espírito impulsiona a missão da Igreja

“O Espírito Santo continua a vivificar a Igreja e a impulsioná-la pelos caminhos da santidade e do amor”, afirma João Paulo II (A CONCILIO CONSTANTINOPOLITANO I, 1981, n.3).

O tempo da Igreja é o tempo da missão, do testemunho e do querigma. Isto é possível se observar em todos os evangelhos, pois terminam com um envio dos apóstolos em missão e, em Lucas e João, com o dom do Espírito Santo. Em João como já explicado, o Espírito da verdade é quem dá testemunho de Cristo juntamente com os discípulos (CONGAR, 2005, p.85).

Uma paradoxal imagem da Igreja que claramente expõe o Catecismo da Igreja Católica é que:

A Igreja está na história, mas, ao mesmo tempo, transcende-a. Só “com os olhos da fé é que se pode ver na sua realidade visível, ao mesmo tempo, uma realidade espiritual, portadora de vida divina” (CIC, 770). Ela é uma realidade complexa, é única, mas formada pelo duplo elemento: divino e humano, isto é, “invisível, espiritual e visível”. A Igreja possui, pois, e comunica a graça invisível que significa: e é neste sentido analógico que é chamada “sacramento” (CIC, 774). É ao mesmo tempo o “projeto visível do amor de Deus para com a humanidade. (CIC, 776).

A Igreja “deseja penetrar na própria essência da sua constituição divino-humana e da sua missão, que lhe permite participar na missão messiânica de Cristo, conforme o ensino e o projeto, que permanecem válidos, do Concílio Vaticano II”, afirma João Paulo II. O anúncio que teve a sua primeira realização no dia de Páscoa e, em seguida, na celebração do Pentecostes em Jerusalém: “desde então para cá, ele continua a realizar-se mediante a Igreja, na história da humanidade” (DeV, 61).

A atividade missionária é uma manifestação, isto é uma epifânia, é a realização do desígnio de Deus no mundo e na história: pela missão, Deus realiza claramente a história de salvação (AG, 9). A missão do Espírito se manifestou em Pentecostes (Atos dos Apóstolos), depois foi coextensiva, à Igreja e à dos cristãos. (CONGAR, 2010, p. 19).

Que caminhos seguem a Igreja para conseguir este resultado? Pergunta o papa. Ele responde: “O Espírito Santo acompanha o caminho da Igreja, associando-a ao testemunho que Ele próprio dá de Cristo” (cf. Jo 15, 26-27). O Espírito caminha junto com a Igreja no exercício da atividade missionária (RM, 42).

Verifica-se especialmente como Ele realiza a sua missão na Igreja no Decreto *Ad Gentis* que trata especificamente da missão do Espírito na vida da Igreja:

O próprio Senhor Jesus, antes de dar livremente a sua vida pelo mundo, de tal maneira dispôs o ministério apostólico e de tal forma prometeu enviar o Espírito Santo, que a ambos associava na tarefa de levar a cabo sempre e em toda a parte a obra da salvação (23). O Espírito Santo é quem “unifica na comunhão e no ministério, e enriquece com diversos dons hierárquicos e carismáticos” (24) toda a Igreja através dos tempos, dando vida às instituições eclesiais (25), sendo como que a alma delas, e instilando nos corações dos fiéis aquele mesmo espírito de missão que animava o próprio Cristo. Por vezes precede visivelmente a ação apostólica (26), como também incessantemente a acompanha e dirige de vários modos (27) (AG, 4).

Em audiência o papa trata desta missão do Espírito de levar à comunhão a multidão de fiéis num só corpo, que é a Igreja. A Igreja é constantemente vivificada e animada pelo Espírito Santo como se pode ver a partir de Pentecostes:

Não basta um grupo de pessoas para se formar uma comunidade cristã; é preciso o Espírito divino. Santo Irineu explica por que: “Assim como não é possível, sem a água, fazer da farinha um pão, assim também nós, que somos muitos, não podíamos tornar-nos um só em Jesus Cristo, sem a água que vem do Céu”, o Espírito Santo. Este habita na Igreja, não como hóspede nem um estranho, mas como a sua alma, que transforma a comunidade em templo santo de Deus, assimilando-a continuamente a Si por meio do dom que Lhe é próprio, a caridade. (JOÃO PAULO II, 1998, n.2h).

Poder-se-ia se perguntar qual a maior e mais excelente obra do Espírito Santo na Igreja para o homem e para o mundo? A resposta certa é de nível espiritual apontada na encíclica como também no Catecismo, diz ele que é: “A santíssima Eucaristia, pois ela contém todo o bem espiritual da Igreja, a saber, o próprio Cristo, nossa Páscoa” (CIC, 1324).

Toda vez em que se é celebrada a Eucaristia, realiza-se sacramentalmente, a vinda, e a presença salvífica de Cristo: no sacrifício e na comunhão. Eis a obra do Espírito Santo e de Cristo presente na Eucaristia: fortalecem o homem interior; as pessoas descobrem o sentido divino da vida humana; revelam a semelhança entre a união da Trindade e a união entre os filhos de Deus; promovem a encontrar-se no dom de Si, na comunhão com Deus e com seus irmãos; impulsionam para a vida em comunidade unida no Ensino dos Apóstolos; fazem reconhecer a presença do Ressuscitado na comunhão eucarística; enfim guiam à unidade da Igreja (DeV, 62).

O Amor é o princípio que fundamenta este sacramento, verifica-se claramente esta premissa na instituição da Eucaristia: Na Ceia Pascal “tendo amado os seus, o Senhor os amou até o fim”. Jesus lava-lhes os pés e dá-lhes o mandamento do amor (Cf. Jo 13, 1-17). Instituiu a Eucaristia como garantia do seu amor, memória de sua morte e ressurreição, faz tudo isto numa perspectiva escatológica (CIC, 1337).

Portanto, Jesus comunica na última Ceia em gestos e palavras a dupla dimensão do mistério eucarístico: a dimensão espiritual e a prática cristã, isso ensina João Paulo II:

Na Eucaristia o Senhor está realmente presente, ela é “o sinal sacramental por excelência das últimas realidades, já antecipadas e atualizadas na Igreja. Nela, o Espírito, invocado na *epiclese*, “transubstancia” a realidade sensível do pão e do vinho na nova realidade do Corpo e Sangue de Cristo”. (...) Com efeito, o povo de Deus recebe da Eucaristia aquela energia divina que o solicita a viver profundamente a comunhão de amor, significada e realizada pela participação na única mesa. (JOÃO PAULO II, 1998, n.3k).

A dimensão da prática da vida cristã é o testemunho do amor recebido de Cristo no Sacramento, do qual resulta o impulso a compartilhar, em espírito fraterno, inclusive os bens materiais, orientando-os para a construção do Reino de Deus (cf. At 2, 42-45). A celebração eucarística é “fonte das diversas obras de caridade e de ajuda recíproca, da atividade

missionária por diversas maneiras de testemunho cristão, através das quais o mundo é ajudado a acolher a vocação da Igreja segundo o desígnio de Deus” (JOÃO PAULO II, 1998, n.31).

Os Padres da Igreja nas suas Catequeses, afirmam que é o Espírito que transforma o pão e o vinho nas espécies eucarísticas, ou seja, no Corpo e no Sangue do Senhor. O Espírito, invocado pelo celebrante sobre os dons do pão e do vinho ofertados sobre o altar, “é o mesmo que reúne os fiéis ‘num só corpo’, tornando-os uma oferta espiritual agradável ao Pai”. (BENTO XVI, 2007, n.12-13).

Nota-se esta extraordinária missão que o Espírito Santo realiza continuamente na Igreja e por meio dela no mundo, atualizando a “vinda de Cristo”, como Ele disse: “E eis que eu estou convosco”; e “estou todos os dias, até ao fim do mundo” (cf. Mt 28,20). É especialmente, na realidade sacramental que Cristo que partiu de uma forma humana, visível, vem, agora de forma invisível, permanece e atua na Igreja de uma forma tão íntima, que faz dela o seu corpo. E como tal, a Igreja vive, opera e cresce “até o fim do mundo”. E faz tudo isso por obra do Espírito Santo (DeV, 61).

A *Dominum et Vivificantem* tem na eclesiologia do Concílio Vaticano II, sua visão sobre a Igreja. O Concílio foi um marco que definitivamente trouxe uma divisão do entendimento missionário eclesial. A partir dele acontece uma mudança entre o centro é “ter missões”, para “o ser missionário” (SUESS, 2005).

A identidade e a missão da Igreja segundo o Concílio e que o papa João Paulo II desenvolve nesta encíclica é a mesma da *Lumen Gentium*, a saber:

A Igreja é em Cristo como que o sacramento, ou sinal, e o instrumento da íntima união com Deus e da unidade de todo o gênero humano (LG,1). Como sacramento, a Igreja desenvolve-se sobre o fundamento do mistério pascal da “partida” de Cristo, vivendo da sua “vinda” sempre nova por obra do Espírito Santo, que vai realizando a sua missão de Paráclito-Espírito da verdade. É este precisamente o mistério essencial da Igreja, como professa o *Concílio*. (LG, 1) (DeV, 63).

Esta noção do papel da Igreja como “sacramento universal de salvação” se revela de extrema importância em face da pluralidade das religiões e da necessidade de uma resposta que esclareça os pressupostos desenvolvidos na teologia das religiões. Posto que, este assunto é necessário ante a importância do religioso na vida humana que exigem respostas às problemáticas da humanidade, a saber: o crescente número de encontros entre os homens e as culturas que tornam necessário o diálogo inter-religioso, em vista das necessidades que afetam a humanidade, para o esclarecimento do sentido da vida e para uma ação comum em favor da paz e da justiça no mundo (MAÇANEIRO, 2007, p.61).

Fala-se da necessidade da Igreja para a salvação em duplo sentido: necessidade da pertença à Igreja para aqueles que crêem em Jesus, e necessidade salvífica do ministério da Igreja que, por encargo de Deus, tem de estar a serviço da vinda do Reino de Deus (COMISSÃO TEOLÓGICA INTERNACIONAL, 1997, n. 64-65).

Este assunto é de extrema relevância na encíclica estudada, pois indica o amor de Deus que em sua missão salvífica age em favor de toda pessoa humana. Deus chama e dá oportunidade para todos participarem, já no agora da vida, na colaboração com o seu reino neste mundo e com o seu reino futuro, numa perspectiva escatológica. Assim, a Igreja como sacramento além de sinal é instrumento do Reino de Deus que irrompe com força (DeV, 64).

Como o Espírito Santo e a Igreja realizam a missão salvífica de Cristo por meio do povo de Deus? Eis uma resposta da Igreja que envolve toda a missão do Cristão: Pelo batismo todo o povo de Deus participa das três funções de Cristo como “sacerdote, profeta e rei”. Com as responsabilidades de missão e de serviço que delas resultam: Na sua vocação sacerdotal os fiéis são consagrados para ser uma casa espiritual, um sacerdócio santo. Participam na função “profética de Cristo”, quando se adere à fé transmitida aos santos, aprofunda o conhecimento da mesma, e se torna testemunha de Cristo no meio deste mundo. Enfim, na função real de Cristo, o cristão reina no serviço a Deus, em especial nos pobres e nos que sofrem, nos quais está associada a imagem, de Jesus, seu “Fundador pobre e sofredor”. O povo de Deus realiza a sua “dignidade real” levando uma vida de acordo com esta vocação de serviço com Cristo (CIC, 784).

A Igreja promove e motiva o povo de Deus a desempenhar seu testemunho no mundo. Por isso ela desenvolveu por meio do seu Magistério a espetacular doutrina social da Igreja, A fim de levar a cabo sua missão a Igreja como sacramento universal de salvação age:

Na *martyria*, *leiturgia* e *diakonia* (...). Neste fim do segundo milênio, a Igreja está chamada a dar testemunho de Cristo crucificado e ressuscitado “até as extremidades da terra” (At 1,8), em amplos mundos culturais e religiosos. O diálogo religioso é conatural à vocação cristã. Inscreve-se no dinamismo da Tradição vivente do mistério da salvação, cujo sacramento universal é a Igreja; é um ato dessa Tradição. Como diálogo da Igreja, tem sua fonte, modelo e fim na Trindade Santa (CTI, 1997, n. 64-65; 114-115).

A partir destas características da Igreja indica como a Igreja deve atuar frente a urgente tarefa de se renovar e salvar a humanidade e responder aos desafios das novas condições que surgem na humanidade, especialmente de desenvolvimento tecnológico, industrial e outros. A Igreja, chamada “que é a ser sal da terra e luz do mundo”, tem a missão de trabalhar para que em “tudo seja instaurada em Cristo e n’Ele os homens constituam uma só família e um só Povo de Deus” (AG, 2).

O apelo de São João Paulo II no início de seu pontificado permanece vivo: “Povos todos, abri as portas a Cristo! O Seu Evangelho não tira nada à liberdade do homem, ao devido respeito pelas culturas, a tudo quanto de bom possui cada religião. Acolhendo Cristo, abri-vos à Palavra definitiva de Deus”. Por meio de Cristo, Deus se deu a conhecer plenamente e indicou o caminho para chegar a Ele (RM, 3).

Eis uma verdade que se deve meditar, explicar e aplicar em toda a amplitude do seu significado, advinda do Concílio e que o Papa João Paulo II põe com um peso de eternidade:

Deste modo se realiza a “condescendência” do Amor infinito da Santíssima Trindade: Deus, Espírito invisível, aproxima-se do mundo visível. Deus uno e trino comunica-se ao homem no Espírito Santo, desde o princípio, graças à sua “imagem e semelhança”. Sob a ação do mesmo Espírito, o homem e, por intermédio dele, o mundo criado, redimido por Cristo, aproximam-se dos seus destinos definitivos em Deus. A Igreja é “o sacramento, ou sinal, e o instrumento” desta aproximação dos dois pólos da criação e da Redenção, Deus e o homem. A mesma Igreja opera no sentido de restabelecer e fortalecer a unidade do gênero humano nas próprias raízes: na relação de comunhão que o homem tem com Deus, como seu Criador, seu Senhor e seu Redentor. (DeV, 64).

Entende-se com isto que “o plano de Deus é um plano de salvação e de comunhão entre todos, é a efusão do amor que vem comunicado e vivido na Trindade” (PANAZZOLO, 2019).

A obra que o Espírito faz em sua missão na Igreja é dinâmica, impulsiona para a frente a causa do Evangelho. Ele suscita em sua ação providente, grandes iniciativas, inovadoras missões, ordens religiosas novas e grandes obras de pensamento. Ele inspira reformas necessárias e sabe preservá-las das manipulações externas para preservar em conformidade com o espírito de Cristo. O convite é escutar o Espírito Santo, cooperar e refletir a glória do Senhor, sua presença, nos deixar transfigurar a sua imagem, pelo Senhor, que é o Espírito (2Cor 3,18). Assim, a Igreja é sinal da presença de Deus, uma “hagiografia”, ela revela a realidade a presença de outro mundo, a antecipação do Reino de Deus será tudo em todos (1Cor 15, 28) (CONGAR, 2010, p. 85).

O discurso que mostra ter melhor sintetizado os efeitos da ação do Espírito Santo na Igreja é o proferido pelo patriarca de Antioquia, cujo trecho a seguir se tornou clássico:

Sem Ele Deus fica distante; Cristo permanece no passado; o Evangelho é letra morta; a Igreja, uma simples organização; a autoridade, um domínio; a missão propaganda; o culto, uma simples recordação e a prática cristã, uma moral de escravos. Mas, no Espírito Santo, o Cosmo é elevado e geme nas dores do parto do Reino, o homem luta contra a carne. Então: Jesus ressuscitado está aqui; o Evangelho é potência de vida; a Igreja significa comunhão trinitária; a autoridade é um serviço libertador; a missão um Pentecostes; a liturgia é memorial e antecipação e a ação humana é divinizada. (ATENÁGORAS, Séc.II apud CIPOLINI, 2011).

Para se explicar como o Espírito Santo realiza o seu protagonismo na Igreja, chega-se enfim aquela dimensão que apesar de estar em ordem de apresentação por último na encíclica, mostra-se em primeiro lugar de importância. Trata da vida de oração: É na oração que o sopro da vida divina se manifesta da forma mais simples e comum. “Onde quer que no mundo se reze, aí está o Espírito santo sopro vital da oração”, afirma João Paulo II (DeV, 65).

Em outras palavras diz o catecismo: A oração é sempre oração da Igreja, comunhão com a Santíssima Trindade (CIC, 2655). O Espírito Santo que como Mestre ensina a Igreja e lhe recorda tudo o que Jesus disse, vai também formar a Igreja na oração (CIC, 2623)

Na comunidade primitiva, diz a Escritura que os fiéis eram assíduos aos ensinamentos dos apóstolos, à comunhão fraterna, à fração do pão e às orações (At 2,42). A encíclica apresenta este itinerário da comunidade primitiva como meio de viver a oração no Espírito. Antes de tudo é preciso compreender que a “oração é também a revelação do abismo que é o coração do homem: uma profundidade que vem de Deus e que somente Deus pode preencher, precisamente pelo Espírito Santo”, afirma o Pontífice. Eis o caminho da oração no Espírito que João Paulo II apresenta a partir das Escrituras como se vê a seguir:

Em São Lucas se lê: “Se vós, portanto, embora sendo maus, sabeis oferecer coisas boas aos vossos filhos, quanto mais o vosso Pai Celeste dará o Espírito Santo àqueles que lho pedirem!” (Lc 11,13). Portanto, o Espírito Santo é o Dom, que vem ao coração do homem ao mesmo tempo que a oração. Na oração Ele manifesta-se, antes de mais e acima de tudo, como o Dom, que “vem em auxílio da nossa fraqueza”. É o magnífico pensamento desenvolvido por São Paulo na Epístola aos Romanos, quando escreve: “Nós nem sequer sabemos o que devemos pedir como nos convém; mas o próprio Espírito Santo intercede por nós, com gemidos inexprimíveis” (Rom 8, 26). Assim o mesmo Espírito Santo não só nos leva a rezar, mas também nos guia “de dentro” na oração, suprimindo à nossa insuficiência e remediando a nossa incapacidade de rezar: está presente na nossa oração e confere-lhe a dimensão divina (...). “Aquele que perscruta os corações (Deus) sabe quais são os desejos do Espírito, porque Ele intercede pelos santos em conformidade com Deus” (Rom 8,27). A oração, por obra do Espírito Santo, torna-se a expressão cada vez mais amadurecida do homem novo que, através dela, participa na vida divina. (DeV, 65).

A Igreja é consciente de que só Deus, satisfaz os desejos mais profundos do coração humano, o qual nunca se sacia totalmente só com os bens terrestres (GS, 41). Isto bem experimentou Pedro do próprio Jesus a ponto de confessar-Lhe: “Senhor, a quem iremos? Tens palavras de vida eterna” (Jo 6,68). Isto também intuiu posteriormente Agostinho nas suas confissões, quando exclama ao Senhor: “Fizeste-nos para ti, e inquieto está o nosso coração, enquanto não repousa em ti”, afirma Agostinho. Ele em oração pergunta: o que vem primeiro a oração, adoração ou anúncio? Ele responde em sua oração:

Dá-me, Senhor, saber e compreender qual seja o primeiro: invocar-te ou louvar-te; conhecer-te ou invocar-te. Mas, quem te invocar sem te conhecer? Por ignorá-lo, poderá invocar alguém em lugar de outro. Ou será que é melhor seres invocados, para seres conhecido? “Como, porém, invocarão aquele em quem não crêem? E como terão fé sem ter quem anuncie? Louvarão o Senhor aqueles que o procuram”. Quem o procura o encontra, e, tendo-o encontrado, o louvará. Que eu te busque, Senhor, invocando-te; e que eu te invoque, crendo em ti: tu nos foste anunciado. Invoca-te, Senhor, a minha fé, que me deste, que me inspiraste pela humanidade de teu Filho, pelo ministério de teu pregador. (AGOSTINHO, 1984, p.16).

Na prática, o Espírito dá o conhecimento vivo de Cristo, na Palavra escrita, a Bíblia; na oração, especialmente a contemplativa; e o momento mais forte é na Eucaristia (CANTALAMESSA, 2014, 559-560).

A adoração é a primeira atitude do homem que se reconhece criatura. Exalta a grandeza do Senhor que o criou (CIC, 2628). O culto de adoração a Deus pode ser dado pelos leigos mediante a santidade de suas vidas (CIC, 901).

A oração que une as vontades de Deus e do homem é a verdadeira oração, isto diz Congar ao tratar deste tema:

A oração orante, através do amor, mora na ordem de Deus. Não é apenas uma mera súplica, é uma oração. Ora, a oração é essencialmente comunhão com Deus, comunhão com a sua vontade. Se Jesus, no Horto, tivesse somente pedido: “que este cálice se afaste de mim”, ele teria feito apenas uma súplica. Seu apelo torna-se oração quando ele acrescenta: “Entretanto, seja feita tua vontade, e não a minha”. Então Deus é reconhecido como Deus. Orar de fato é fazer com que Deus seja Deus, não prolongamento do nosso braço demasiadamente curto (CONGAR, 2005, p. 160).

A Igreja como coração da humanidade ora sem cessar com fé ao Espírito Santo por todos os homens. Em oração a Deus que é Amor pede retidão nos atos humanos, pede alegria e consolação ao verdadeiro Consolador, pede a graça das virtudes, a justiça, a salvação eterna, a comunicação da vida divina e a paz, pois com isto se vive o Reino no presente com perspectiva de atingir o definitivo “Reino de Deus”. (DeV 67).

O Espírito Santo é o princípio desta obra de santificação do homem. Quando se efunde o “Espírito de santificação” (Rm 1.4), destrói-se o que se opõe a santidade, ou seja, o Espírito “convence do pecado” (Jo 16,8). De fato é o Espírito Santo que suscita a irradiação da santidade. Não são os belos discursos, os mais inteligentes que provocam no mundo uma seara espiritual, mas são almas escondidas em Deus, totalmente abandonadas e doadas, perdidas no mundo e entregues incondicionalmente a Deus. É fato, evidentes o testemunho dessas vidas que mudaram outras radiando santidade (CONGAR, 2010, p.85).

Do testemunho presente nas Escrituras, São Paulo fala de uma nuvem de testemunhas (Heb 12,1), o Apocalipse fala de cantos de triunfo no céu de uma multidão de fiéis em júbilo

que celebram as núpcias de Cordeiro³⁰ com sua esposa já pronta: “Concederam-lhe vestir-se com linho puro, resplandecente, pois o linho representa a conduta dos santos” (Apo 19,1-8).

Talvez se pergunte: Como pode a Igreja resistir em toda tribulação, perseguição, angústia, martírio? É São Paulo que responde: Nada pode nos separar do amor de Deus manifestado em Cristo Jesus (Rm 8, 35-39). Pode-se deste modo responder que “A Igreja é uma instituição que perdura em virtude da força divina que recebeu de seu fundador. Mais que uma instituição, é uma vida que se comunica” (LUBAC, 1988, 53).

A Igreja peregrina é ainda consciente do fato de que em sua missão desenvolvida na história da salvação da humanidade em meio aos conflitos, das decepções e esperanças, deserções e retornos desta época está presente o Espírito Santo que anima com o sopro da vida divina e guia ao termo último, no oceano infinito que é Deus, e como se diz no apocalipse preparando-a para as núpcias de Cordeiro (Apo 19,9) (DeV, 64-65).

A Igreja persevera fiel ao mistério do seu nascimento, nela o Pentecostes está presente. A Igreja está sempre no cenáculo em oração com Maria, sua Mãe. “A Igreja unida com a Virgem Maria se volta continuamente como Esposa para o seu divino Esposo”, conforme se diz no Apocalipse: “O Espírito Santo e a Esposa dizem ao Senhor Jesus: Vem!”. (Apo 22,17) (DeV, 66- 67).

A Igreja persevera na história da humanidade como testemunha fiel da verdade, anuncia implícita e explicitamente a fé no “Espírito, Senhor que dá vida, aquele no qual o insondável Deus, uno e trino se comunica aos homens (DeV, 1). Pois a Igreja sabe que o Reino de Deus, a “Água”, a vida nova que Jesus Cristo dá e pela qual vivem os que crêem, seguem a verdade e dão o testemunho de Jesus, tem como fim último aquela expansão no oceano infindável de Deus que permanecerá para a vida eterna. (Jo 7, 37-39).

³⁰ Quanto ao significado das núpcias do Cordeiro, pode-se verificar no rodapé da Bíblia de Jerusalém, a saber: Elas significam o estabelecimento do Reino celeste que será descrito em 21,9s (ver Os 1,2; Ef 5, 22-23). (BÍBLIA DE JERUSALÉM, 2002, p. 2162)

CONCLUSÃO

O gigante João Paulo II foi um papa preparado no meio do sofrimento familiar e social, de formação filosófica e teológica que valorizava a dignidade da pessoa humana, da qual resulta a extraordinária visão que ele tem sobre quem é Deus, quem é o homem, e acerca da identidade e a da missão da Igreja no mundo.

A maestria e a profundidade dos escritos deste venerável pontífice são perceptíveis nesta encíclica *Dominum et Vivificantem* que apresentou o homem em sua integralidade. A pneumatologia que ele desenvolveu, parte da fé professada pela Igreja no *Concílio Vaticano II* que têm na Trindade a base do conteúdo da fé cristã. João Paulo II expõe que aquilo que o Espírito Santo é em sua relação “ad intra” na Trindade imanente, é a maneira como Ele age “ad extra” como sujeito transcendente da missão salvífica na Igreja, e mediante ela no mundo.

O protagonismo da missão da Terceira Pessoa divina, portanto é apresentado a partir da sua unidade com o Filho e com o Pai. Sendo o Espírito Santo, “Amor comunhão”, na vida íntima da Trindade, Ele mantém o vínculo eterno entre o Pai e o Filho, e ao mesmo tempo, expande este mesmo vínculo a toda a criação que no “princípio” recebeu a primeira autocomunicação do amor de Deus, e na Redenção, mediante o mistério pascal de Cristo no Espírito, recebe o dom de “um novo princípio”; isto é, uma nova autocomunicação, uma nova efusão do Amor divino que renova a comunhão do homem com Deus.

O Espírito Santo como protagonista da missão de Cristo perpetua a obra redentora em dupla dimensão: como Espírito da Verdade, convence quanto ao pecado, revelando-o no interior do homem, isto é em sua consciência; e ao mesmo tempo age como Consolador promovendo a justificação. Concede assim, a graça da vida nova onde o homem participa, por graça da filiação, da comunhão da vida da Trindade e mediante ela pode dar frutos para a Igreja e para toda a humanidade que darão glória a Deus.

Por fim, no tempo da Igreja, após Pentecostes, o Espírito realiza o seu protagonismo perpetuando a obra redentora da cruz de Cristo por meio da Sua Igreja, sacramento universal da salvação. A Igreja diz o papa permanece no cenáculo, e que sua missão eclesial só se completará por meio do Espírito Santo. Por isso, ela segue fiel ao Espírito a exemplo, de Jesus e de sua Mãe Maria, a fim de cumprir também, o tríplice múnus de Cristo a ela confiado pelo Pai. Espírito Santo e a Igreja testemunhas da Verdade seguem unidos na história a preparar a humanidade para o encontro definitivo com o Seu Esposo, quando Ele saciará toda sede com a água da vida eterna.

REFERÊNCIAS

AGOSTINHO, Santo. *A Trindade*. Tradução de Agostinho Belmonte. Coleção Patrística. São Paulo: Paulus, 1995.

AGOSTINHO, Santo. *Confissões*. Tradução de Maria Luiza Jardim Amarante. Coleção Patrística. São Paulo: Paulus, 1984.

BASÍLIO, de Cesaréia. *Homilia sobre Lucas 12*: Homilias sobre a origem do Homem. Tratado sobre o Espírito Santo. Coleção Patrística n.14. Tradução de Roque Frangiotti e Monjas Beneditinas do mosteiro Maria mãe de Cristo. 2 ed. São Paulo: Paulus, 2005.

BENTO XVI, Papa. *Angelus Castel Gandolfo*. 05 agos. 2012. Disponível em: https://www.vatican.va/content/benedict-xvi/pt/angelus/2012xvi_ang_20120805.html. Acesso em: 06 nov. 2021.

BENTO XVI, Papa. *Jesus de Nazaré: Do Batismo no Jordão à Transfiguração*. Tradução de José Jacinto Ferreira de Farias. São Paulo: Planeta, 2009.

BENTO XVI, Papa. *Exortação Apostólica Pós-sinodal Sacramentum Caritatis*: sobre a Eucaristia fonte e ápice da vida e da missão da Igreja. 22 fev. 2007. Disponível em: https://www.vatican.va/content/benedict-xvi/pt/apost_exhortations/documents/hf_ben-xvi_exh_20070222_sacramentum-caritatis.html. Acesso em: 08 nov. 2021.

BONFIM, Jorge. *O personalismo de Karol Wojtyła*. 2017. Disponível em: http://www.faculadadesaobento.com.br/files/pesquisas_04434614-03077337-2030-152018.pdf. Acesso em: 11 set. 2021.

CANTALAMESSA, Raniero. *Vem, Espírito Criador!* Meditações sobre o Veni Creator. Cachoeira Paulista: Canção Nova, 2014.

CANTALAMESSA, Raniero. *Preparai os caminhos do Senhor*: Evangelização ecumênica mundial em preparação ao ano 2000. Tradução de Pier Luigi Cabra. São Paulo: Loyola, 1997.

CATECISMO DA IGREJA CATÓLICA. São Paulo: Loyola, 2000.

CLEMENTE. Romano, S. *Primeira Carta aos Coríntios*. Disponível em: https://sumateologica.files.wordpress.com/2010/02/clemente_romano_cartas_aos_corintios.pdf. Acesso em: 16 nov. 2021.

CIPOLINI, Pedro Carlos, Công. O Espírito Santo promotor de contínua purificação e renovação da Igreja. 26 agos. 2011. *Revista Reveleto*. Ed. n. 2 (2007). Disponível em: <https://revistas.pucsp.br/index.php/reveleto/article/view/6754>. Acesso em: 13 nov. São Paulo: PUC-SP, 2021.

COMISSÃO TEOLÓGICA INTERNACIONAL. *Teologia - Cristologia - Antropologia*. 1982. Disponível em: https://www.vatican.va/roman_curia/congregations/cfaith/cti_documents/rc_cti_1982_teologia-cristologia-antropologia_it.html. Acesso em: 16 set. 2021.

COMISSÃO TEOLÓGICA INTERNACIONAL. *Algumas Questões sobre a Teologia da Redenção*. 1995. Disponível em: https://www.vatican.va/roman_curia/congregations/cfaith/cti_documents/rc_cti_1995_teologia-redenzione_po.html. Acesso em: 21 set. 2021.

COMISSÃO TEOLÓGICA INTERNACIONAL. *O Cristianismo e as Religiões*. 1997. Disponível em: https://www.vatican.va/roman_curia/congregations/cfaith/cti_documents/rc_cti_1997_cristianesimo-religioni_po.html. Acesso em: 10 nov. 2021.

COMISSÃO TEOLÓGICA INTERNACIONAL. *Comunhão e serviço: A Pessoa humana criada à imagem de Deus*. 06 nov. 2004. Disponível em: https://www.vatican.va/roman_curia/congregations/cfaith/cti_documents/rc_con_cfaith_doc_20040723_communion-stewardship_po.html. Acesso em: 20 out. 2021.

COMPÊNDIO DO VATICANO II. *Constituições, decretos, declarações*. 22 ed. Petrópolis: Vozes, 1991.

CONGAR, Yves. *Creio no Espírito Santo 1: Revelação e experiência do Espírito*. Tradução de Euclides Martins Balancin. 1 ed. São Paulo: Paulinas, 2005.

CONGAR, Yves. *Creio no Espírito Santo 2: Ele é o Senhor e dá a vida*. Tradução de Euclides Martins Balancin. 2 ed. São Paulo: Paulinas, 2010.

CONSTITUIÇÃO Dogmática Dei Verbum: sobre a Revelação Divina. In: CONCÍLIO VATICANO II. 1962- 1965. *Vaticano II: mensagens, discursos, documentos*. Tradução de Francisco Catão. São Paulo: Paulinas, 1998. 345-358 p.

CONSTITUIÇÃO Dogmática Lumen Gentium: sobre a Igreja. In: CONCÍLIO VATICANO II. 1962- 1965. *Vaticano II: mensagens, discursos, documentos*. Tradução de Francisco Catão. São Paulo: Paulinas, 1998

CONSTITUIÇÃO Pastoral Gaudium et Spes: sobre a Igreja no mundo atual. In: CONCÍLIO VATICANO II. 1962- 1965. *Vaticano II: mensagens, discursos, documentos*. Tradução de Francisco Catão. São Paulo: Paulinas, 1998. 185-247 p.

CONSTITUIÇÃO Conciliar Sacrosanctum Concilium: sobre a Sagrada Liturgia. In: CONCÍLIO VATICANO II. 1962- 1965. *Vaticano II: mensagens, discursos, documentos*. Tradução de Francisco Catão. São Paulo: Paulinas, 1998. 141-175 p.

DECRETO Ad Gentes: sobre a atividade missionária da Igreja. In: CONCÍLIO VATICANO II. 1962- 1965. *Vaticano II: mensagens, discursos, documentos*. Tradução de Francisco Catão. São Paulo: Paulinas, 1998. 400-439 p.

DENZINGER, Henrici. *Compêndio dos símbolos, definições e declarações de fé e moral*. São Paulo: Loyola; Paulinas, 2007.

DUARTE, Denis; ALCKMIN, Henrique; RAMPAZZO, Lino et al. *Guia para elaboração de trabalhos acadêmicos*: Faculdade Canção Nova. Cachoeira Paulista: Faculdade Canção Nova, 2016. 121 p.

FORTE, Bruno. *A trindade como história*. Tradução de Alexandre Macintyre. São Paulo: Paulinas, 1987.

FRANCISCO, Papa. *Mensagem de sua Santidade o Papa Francisco para o dia Mundial Das Missões de 2019: Batizados e enviados: a Igreja de Cristo em missão no mundo*. 20 out. 2019. Disponível em: https://www.vatican.va/content/francesco/pt/messages/missions/documents/papa-francesco_20190609_giornata-missionaria2019.pdf. Acesso em 03 nov. 2021.

FRANCISCO, Papa. *Angelus*. 17 mar. 2013. Disponível em: https://www.vatican.va/content/francesco/pt/angelus/2013/documents/papa-francesco_angelus_20130317.html. Acesso em 02 nov. 2021.

FRANCISCO, Papa. *Exortação Apostólica Evangelii Gaudium*. A alegria do Evangelho: sobre o anúncio do Evangelho no mundo atual. São Paulo: Paulinas, 2013.

GIBELLINI, Rosino. *A teologia do Século XX*. Tradução de João Paixão Netto. 3. ed. São Paulo: Loyola, 2012.

HACKMANN, G. L. B. *A Amada Igreja de Jesus Cristo: Manual de Eclesiologia como Comunhão Orgânica*. 2. ed. Porto Alegre: EDIPUCRS, 2013.

HILBERATH, B. J. Pneumatologia. In: SCHNEIDER, T. (org). *Manual de Dogmática*. Tradução de Luís M. Sander. 4. ed. Petrópolis: Vozes, 2012. v.1.

JOÃO PAULO II, Papa. *Discurso à Sessão plenária da Sagrada Congregação para ps religiosos e os institutos seculares*. 20 nov. 1961. Disponível em: https://www.vatican.va/content/john-paul-ii/pt/speeches/1981/november/documents/hf_jp-ii_spe_19811120_sacra-congregazione.html. Acesso em: 06 nov. 2021.

JOÃO PAULO II, Papa. *Carta Encíclica Redemptoris Hominis*. 04 mar. 1979. Disponível em: https://www.vatican.va/content/john-paul-ii/pt/encyclicals/documents/hf_jp-ii_enc_04031979_redemptor-hominis.html. Acesso em 05 set. 2021.

JOÃO PAULO II, Papa. *Audiência Geral: O dom do Pentecostes*. 30 maio 1979. Disponível em: https://www.vatican.va/content/john-paul-ii/pt/audiences/1979/documents/hf_jp-ii_aud_19790530.html. Acesso em: 24 out. 2021.

JOÃO PAULO II, Papa. *Carta Apostólica A Concilio Constantinopolitano I*. Pelo 1600º aniversário do I Concílio de Constantinopla e pelo 1550º aniversário do Concílio de Éfeso. 25 mar. 1981. Disponível em: https://www.vatican.va/content/john-paul-ii/pt/apost_letters/1981/documents/hf_jp-ii_apl_25031981_a-concilio-constantinopolitano-i.html. Acesso em: 22 out. 2021.

JOÃO PAULO II, Papa. *Discurso no encerramento do Congresso Teológico Internacional de Pneumatologia*. 26 mar. 1982. Disponível em: https://www.vatican.va/content/john-paul-ii/pt/speeches/1982/march/documents/hf_jp-ii_spe_19820326_congresso-pneumatologia.html. Acesso em 23 set. 2021.

JOÃO PAULO II, Papa. *Audiência geral: O Deus da nossa fé*. 24 jul. 1985. Disponível em: https://www.vatican.va/content/john-paul-ii/es/audiences/1985/documents/hf_jp-ii_aud_19850724.html. Acesso em: 04 set. 2021.

JOÃO PAULO II, Papa. *Carta Encíclica Dominum et Vivificantem: sobre o Espírito Santo na vida da Igreja e do mundo*. 18 maio 1986. Disponível em: https://www.vatican.va/content/john-paul-ii/pt/encyclicals/documents/hf_jp-ii_enc_18051986_dominus-et-vivificantem.html. Acesso em: 29 set. 2021.

JOÃO PAULO II, Papa. *Regina Caeli*. 18 maio 1986. Disponível em: https://www.vatican.va/content/john-paul-ii/it/angelus/1986/documents/hf_jp-ii_reg_19860518.html. Acesso em: 18 ago. 2021.

JOÃO PAULO II, Papa. *Carta Encíclica Redemptoris Mater: sobre a Bem-Aventurada Virgem Maria na vida da Igreja que está a caminho*. 25 mar. 1987. Disponível em: https://www.vatican.va/content/john-paul-ii/pt/encyclicals/documents/hf_jp-ii_enc_25031987_redemptoris-mater.html. Acesso em: 14 out. 2021.

JOÃO PAULO II, Papa. *Carta Encíclica Redemptoris Missio: sobre a validade permanente do mandato missionário*. 07 dez. 1990. Disponível em: https://www.vatican.va/content/john-paul-ii/pt/encyclicals/documents/hf_jp-ii_enc_07121990_redemptoris-missio.html. Acesso em: 24 set. 2021.

JOÃO PAULO II, Papa. *Audiência geral*. 02 out. 1991. Disponível em: https://www.vatican.va/content/john-paul-ii/es/audiences/1991/documents/hf_jp-ii_aud_19911002.html. Acesso em: 08 nov. 2021.

JOÃO PAULO II, Papa. *Carta Apostólica Tertio Millennio Adveniente*. 10 nov. 1994. Disponível em: https://www.vatican.va/content/john-paul-ii/pt/apost_letters/1994/documents/hf_jp-ii_apl_19941110_tertio-millennio-adveniente.html. Acesso em: 29 set. 2021.

JOÃO PAULO II, Papa. *Carta Encíclica Evangelium Vitae: sobre o valor e a inviolabilidade da vida humana*. 25 mar. 1995. Disponível em: https://www.vatican.va/content/john-paul-ii/pt/encyclicals/documents/hf_jp-ii_enc_25031995_evangelium-vitae.html. Acesso em 24 out. 2021.

JOÃO PAULO II, Papa. *Homília do Papa João Paulo II na Celebração Eucarística na Explanada “Valle De María” de Esquipulas*. 06 fev. 1996. Disponível em: https://www.vatican.va/content/john-paul-ii/es/homilies/1996/documents/hf_jp-ii_hom_19960206_guatemala.html. Acesso em: 21 set. 2021.

JOÃO PAULO II, Papa. *Carta Apostólica Divini Amoris Scientia: Santa Teresa do Menino Jesus e da Santa Face é proclamada Doutora da Igreja*. 19 out. 1997. Disponível em: https://www.vatican.va/content/john-paul-ii/pt/apost_letters/1997/documents/hf_jp-ii_apl_19101997_divini-amoris.html. Acesso em 13 out. 2021.

JOÃO PAULO II, Papa. *Audiência geral*. 13 maio 1998a. Disponível em: https://www.vatican.va/content/john-paul-ii/pt/audiences/1998/documents/hf_jp-ii_aud_13051998.html. Acesso em 30 out. 2021.

JOÃO PAULO II, Papa. *Audiência geral*. 27 maio 1998b. Disponível em: https://www.vatican.va/content/john-paul-ii/pt/audiences/1998/documents/hf_jp-ii_aud_27051998.html. Acesso em: 08 nov. 1998.

JOÃO PAULO II Papa. *Vigília de Oração presidida pelo Papa João Paulo II durante o Encontro dos Movimentos Eclesiais e das Novas Comunidades*. 30 maio 1998c. Disponível em: https://www.vatican.va/content/john-paul-ii/pt/speeches/1998/may/documents/hf_jp-ii_spe_19980530_riflessioni.html. Acesso em: 15 nov. 2021.

JOÃO PAULO II, Papa. *Homília do Papa João Paulo II no Domingo de Pentecostes*. 31 maio 1998d. Disponível em: https://www.vatican.va/content/john-paul-ii/pt/homilies/1998/documents/hf_jp-ii_hom_31051998.html. Acesso em: 22 out. 2021.

JOÃO PAULO II, Papa. *Audiência Geral*. 03 jun. 1998e. Disponível em: https://www.vatican.va/content/john-paul-ii/pt/audiences/1998/documents/hf_jp-ii_aud_03061998.html. Acesso em 22 out. 2021. p.50

JOÃO PAULO II, Papa. *Audiência Geral*. 10 jun. 1998f. Disponível em: https://www.vatican.va/content/john-paul-ii/pt/audiences/1998/documents/hf_jp-ii_aud_10061998.html. Acesso em 22 out. 2021. p.31.

JOÃO PAULO II, Papa. *Audiência Geral*. 01 jul. 1998g. Disponível em: https://www.vatican.va/content/john-paul-ii/pt/audiences/1998/documents/hf_jp-ii_aud_01071998.html. Acesso em 15 nov. 2021. p.39.

JOÃO PAULO II, Papa. *Audiência Geral*. 08 jul. 1998h. Disponível em: https://www.vatican.va/content/john-paul-ii/pt/audiences/1998/documents/hf_jp-ii_aud_08071998.html. Acesso em 24 de out. 2021.p.74.

JOÃO PAULO II, Papa. *Carta Encíclica Fides et Ratio: sobre a fé e a razão*. 14 set. 1998i. Disponível em: https://www.vatican.va/content/john-paul-ii/pt/encyclicals/documents/hf_jp-ii_enc_14091998_fides-et-ratio.html. Acesso em 10 set. 2021.

JOÃO PAULO II, Papa. *Audiência Geral*. 21 out. 1998j. Disponível em: https://www.vatican.va/content/john-paul-ii/pt/audiences/1998/documents/hf_jp-ii_aud_21101998.html. Acesso em: 05 nov.2021.

JOÃO PAULO II, Papa. *Audiência Geral*. 02 dez. 1998k. Disponível em: https://www.vatican.va/content/john-paul-ii/pt/audiences/1998/documents/hf_jp-ii_aud_02121998.html. Acesso em: 08 nov. 2021.

JOÃO PAULO II, Papa. *Audiência Geral*. Maria, mãe animada pelo Espírito Santo. 09 dez. 1998l. Disponível em: https://www.vatican.va/content/johii/pt/audiences/1998/documents/hf_jp-ii_aud_09121998.html. Acesso em 22 out. 2021.

JOÃO PAULO II, Papa. *Exortação Apostólica Pós-Sinodal Ecclesia In America: sobre o encontro com Jesus Cristo vivo caminho para a conversão, a comunhão e a solidariedade na América*. 22 jan. 1999. Disponível em: https://www.vatican.va/content/john-paul-ii/pt/exhortations/documents/hf_jp-ii_exh_22011999_ecclesia-in-america.html.

ii/pt/apost_exhortations/documents/hf_jp-ii_exh_22011999_ecclesia-in-america.html. Acesso em: 25 out.2021.

JOÃO PAULO II, Papa. *Audiência geral: A relação de Jesus com o Pai, revelação do Mistério Trinitário*. 10 mar. 1999. Disponível em: https://www.vatican.va/content/john-paul-ii/pt/audiences/1999/documents/hf_jp-ii_aud_10031999.html. Acesso em: 05 set. 2021.

JOÃO PAULO II, Papa. *Carta Apostólica Novo Millennio Ineunte*. 06 jan. 2001. Disponível em: https://www.vatican.va/content/johnpaulii/pt/apost_letters/2001/documents/h_jp-ii_apl_20010106_novo-millennio-ineunte.html#_ftnref27. Acesso em: 13 out. 2021.

JOÃO PAULO II, Papa. *Viagem do papa João Paulo II à Croácia: Celebração da Oração da Hora Sexta, Homília do Papa João Paulo II*. 09 jun. 2003. Disponível em: https://www.vatican.va/content/john-paul-ii/pt/homilies/2003/documents/hf_jp-ii_hom_20030609_zadar.html. Acesso em 04 nov. 2021.

JOÃO PAULO II, Papa. *Memória e Identidade-colóquios na transição do Milênio*. Chiado Bertrand Editora, 2005. p.15-16.

JOÃO XXIII, Papa. *Humanae Salutis*. 25 dez. 1961. Disponível em: https://www.vatican.va/content/john-xxiii/pt/apost_constitutions/1961/documents/hf_j-xxiii_apc_19611225_humanae-salutis.html. Acesso em 29 out. 2021.

KEMPIS, Tomás de. *Imitação de Cristo*. Tradução de Pe. I. Cabral. São Paulo: Paulus, 2016.

LADARIA, L. F. *A Trindade: Mistério de Comunhão*. Tradução de Alda da Anunciação Machado. São Paulo: Edições Loyola. 2009.

LAURENTIN, RENÉ. *Pentecostalismo entre os católicos*. Tradução de Felipe Gabriel Alves, O.F.M. Petrópolis: Vozes, 1977.

LEÃO XIII, Papa. *Carta Encíclica Divinum Illud Munus*. 09 maio 1897. Disponível em: https://www.vatican.va/content/leo-xiii/en/encyclicals/documents/hf_l-xiii_enc_09051897_divinum-illud-munus.html. Acesso em: 08 out. 2021.

LIÃO, Irineu. *Patrística: Contra as heresias*. Tradução de Lourenço Costa. 4. ed. São Paulo: Paulus, 2012. v. 1

LUBAC, Henrink. In: *Meditación sobre la Iglesia, Ediciones Encuentro*, Madrid, 1988, 53). O Espírito Santo promotor de contínua purificação e renovação da Igreja. Disponível em: <https://revistas.pucsp.br/reveleto/article/view/6754/4885>. Acesso em: 22 set. 2021.

MAÇANEIRO, Marcial. *Revista Teologia em Questão 12*. O Diálogo interreligioso no Documento de Aparecida questões de fé e competência. 2007. p.61. Disponível em: [file:///C:/Users/Dell/Downloads/jbro-editor-da-revista-tq12-marcial-dialogo-interreligioso%20\(3\).pdf](file:///C:/Users/Dell/Downloads/jbro-editor-da-revista-tq12-marcial-dialogo-interreligioso%20(3).pdf). Acesso em: 08 jun. 2021.

MACHADO, R. da Silva. *O Evangelho Trinitário para o ser humano hoje: Cristologia e Trindade em Bruno Forte*. 2015. 359 f. Tese (Doutorado em Teologia) - Departamento de

Teologia, Pontifícia Universidade Católica, Rio de Janeiro, 2015. Disponível em: https://www.maxwell.vrac.puc-rio.br/26813/26813_4.PDF. Acesso em: 21 set. 2021.

MERECKI, Jaroslaw. *Corpo e transcendência: a antropologia filosófica na Teologia do Corpo de São João Paulo II*. Tradução de D. Hugo da S. Cavalcante, Pe. Valdir M. dos Santos Filhos. Brasília: Edições CNBB, 2014.

PANAZZOLO, João. *Missão para todos: Introdução à missiologia*. São Paulo: Paulus, 2019.

PAULO VI, Papa. *Exortação Apostólica Evangelii Nuntiandi: Sobre o desenvolvimento dos povos*. São Paulo: Loyola, 1976.

PINTO, Rafael Augusto Linhares. *Compêndio de Mariologia*. São Paulo: Cultor de Livros, 2018.

RAMPAZZO, Lino. *Metodologia científica: para alunos dos cursos de graduação e pós-graduação*. 6. ed. São Paulo: Loyola, 2011.

REIS, Reinaldo B. dos. *Celebrando Pentecostes: Projeto de avivamento da espiritualidade de Pentecostes (Fundamentação e Novena)*. 2. ed. Cachoeira Paulista: Canção Nova, 2005.

SANTOS, B. BENI. *O Espírito Santo nossa força*. São Paulo: Paulus. 1998. 23 p.

SEVERINO, Antônio Joaquim. *Metodologia do trabalho científico*. 23. ed. São Paulo: Cortez, 2007.

SILVA, Paulo Cesar da. *São João Paulo II: Antologia temática de Documentos Pontifícios*. Lorena: Cléofas, 2020.

SATTTLER Dorothea; SCHENEIDER Theodor, org. *Manual de Dogmática: Doutrina da criação*. Tradução de Ilson Kayser. 4 ed. Petrópolis: Vozes, 2012.

SUESS, Paulo. *Introdução à Teologia da Missão: Convocar e enviar servos e testemunhas do Reino*. Petrópolis: Vozes. 2007. 232 p.

TEMPESTA, Orani João, cardeal. *Bento XVI, A fé e a misericórdia (II)*. Jornal do Brasil. Omar Peres, Dir. 25 maio 2016. Disponível em: <https://www.jb.com.br/sociedade-aberta/noticias/2016/05/24/bento-xvi-a-fe-e-a-misericordia-ii.html>. Acesso em: 09 nov. 2021.

TERESA, do Menino Jesus e da Sagrada Face, S. *História de uma alma: Manuscritos autobiográficos*. Tradução de Religiosas do Carmelo do Imaculado Coração de Maria e de Santa Teresinha. 27 ed. São Paulo: Paulus, 2010.

VELLA, Elias. OFM Conv. *O Espírito Santo vida da Igreja*. Tradução de Donato Krachevski. São Paulo: Palavra & Prece; Cachoeira paulista: Canção Nova, 2005.